



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

FABIANA LISBOA RAMOS MENEZES

**PELOS TRILHOS DA MEMÓRIA:
ALINA PAIM E O REALISMO SOCIALISTA EM A *HORA PRÓXIMA***

São Cristóvão – Sergipe

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

FABIANA LISBOA RAMOS MENEZES

**PELOS TRILHOS DA MEMÓRIA:
ALINA PAIM E O REALISMO SOCIALISTA EM A *HORA PRÓXIMA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área: Estudos Literários

Linha de Pesquisa: Literatura e cultura

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá

São Cristóvão – Sergipe

2016

Fabiana Lisboa Ramos Menezes

**PELOS TRILHOS DA MEMÓRIA:
ALINA PAIM E O REALISMO SOCIALISTA EM A *HORA PRÓXIMA***

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (Presidente)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Péricles Moraes de Andrade Junior (Avaliador externo ao Programa)
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Cardoso Leal (Avaliador interno)
Universidade Federal de Sergipe

Aprovada em:

São Cristóvão - SE, ____ de _____ de 2016.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Menezes, Fabiana Lisboa Ramos

M543p Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em *A hora próxima* / Fabiana Lisboa Ramos Menezes ; orientador Antônio Fernando de Araújo Sá.– São Cristóvão, SE, 2016.

130 f.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. História na literatura. 3. Realismo socialista. 4. Política e literatura. 5. Memória. I. Paim, Alina, 1919 -. *A hora próxima*. II. Sá, Antônio Fernando de Araújo, orient. III. Título.

CDU 821.134.3-31(81).09

Às mulheres por quem luto:

Maria, Sofia e Helena

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, força sublime que nos faz superar os limites.

À Maria, Sofia e Helena, mulheres da minha vida por quem luto todos os dias.

A Flávio, companheiro de estrada, que suporta as ausências na presença.

Agradeço a Fernando Sá, pela paciência em dedicar seus conhecimentos e sua capacidade para superar as limitações de sua modesta orientanda. Conte com minha admiração e respeito.

A Gilfrancisco, pela atenção com que me recebeu e contribuiu com seus estudos, cedendo materiais e informações importantes e demonstrando preocupação e respeito por meu trabalho. Seu companheirismo e amizade jamais serão esquecidos.

Aos funcionários dos acervos que assessoraram esta pesquisa com presteza, principalmente Bruno e Karina, da Fundação Casa de Jorge Amado.

Às amigas e verdadeiras companheiras de sonhos e de luta, Ginalva da Cruz, pelo abrigo, amizade e inspiração, cuja temática deste trabalho nos identifica; Lindisandra, por manter a luta, muitas vezes solitária; Lays Hevércia, filha ideologicamente adotada, compartilhou comigo as angústias e as descobertas; Rosilaine, a quem confio o cuidado a minha família. Mariane, colega de curso com quem dividi angústias e experiências e agora cultivamos a amizade. E aos amigos Jadson Telles e Carlos André, pelo apoio em diversas situações.

Aos colegas de estudo e de trabalho que compartilharam minhas certezas e ilusões.

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise literária do romance *A hora próxima*, de Alina Paim, buscando reconhecer as marcas do realismo socialista, projeto cultural capitaneado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) nos anos 1940 e 1950. Além da imprensa partidária, a literatura desempenhou papel relevante neste projeto e o romance pode ser considerado paradigmático da proposta. A reconstrução ficcional da greve dos ferroviários foi feita por meio de pesquisa de campo, que trouxe dissabores à autora e revelaram o contexto da Guerra Fria no Brasil com a perseguição aos intelectuais comunistas. Pelos trilhos da memória, buscamos revelar as relações entre memória, história e literatura, discutindo os limites e possibilidades entre história e ficção através dos personagens do romance paimiano, que sintetizam as certezas e ilusões do projeto cultural do realismo socialista na literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; Realismo socialista; Política; Memória.

ABSTRACT

This paper proposes a literary analysis of the novel *A Hora Próxima*, by Alina Paim, it's try to recognize the marks of socialist realism, a cultural project led by the Communist Political Party of Brazil (PCB) in the years 1940 and 1950. In addition to the partisan press, literature played an important role in this project and the novel can be considered paradigmatic of the proposal. The fictional reconstruction of the railway strike was made through a real research by Alina Paim , that had troubles to this author and revealed the context of the Cold War in Brazil with the persecution of communist intellectuals. The streams of memory, we seek to reveal the relationship between memory, history and literature, discussing the limits and possibilities between history and fiction through the characters of Paim's romance, which summarize the certainties and illusions of the cultural project of socialist realism in Brazilian literature.

KEYWORDS: History; Culture; Socialist realism; Politics; Memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ALINA PAIM: VIDA/OBRA.....	17
2.1 Vida.....	17
2.2 Obra: percorrendo os trilhos da memória.....	28
2.3 Fortuna crítica.....	33
3 A PROPOSTA POLÍTICO-CULTURAL DO PARTIDO COMUNISTA....	43
3.1 Partido Comunista da União Soviética e o Realismo Socialista	43
3.2 PCB e Realismo Socialista no Brasil	49
3.2.1 Associação e Congresso de Escritores Brasileiros.....	56
3.2.2 Coleção Romances do Povo e o Romance A hora próxima.....	62
3.3 Romance ou folhetim?.....	66
4 LITERATURA PARA REVOLUÇÃO.....	75
4.1 Literatura e Memória em <i>A hora próxima</i>	75
4.2 Pelos trilhos das memórias de Zé de Barros e do velho Tião – diálogos entre história e ficção.....	81
4.3 Condições de Trabalho e estopim da greve.....	94
4.4 Havia mulheres no meio dos trilhos – Da passividade à resistência	98
4.4.1 Cruzeiro.....	103
4.4.2 Soledade de Minas.....	107
4.4.3 Itajubá.....	109
4.4.4. Divinópolis e Barra Mansa.....	116
4.5 Desfecho e recomeço: em busca da hora próxima.....	118
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	125

1. INTRODUÇÃO

Caminhos inesperados nos permitem investir no desconhecido, caminhar em meio ao escuro, abandonar o planejado e se aventurar no novo. Os clássicos infalíveis não me valeram e pareceram tão exauridos que, em pouco ou nada, poderiam contribuir. Buscando uma obra que estivesse inserida no contexto das lutas sociais, deparei-me com *A hora próxima*, e assim foi o encontro com Alina Paim – escritora conterrânea, cuja obra eu desconhecia. O desafio muitas vezes parecia intransponível. Foi mergulhando na história de vida da escritora que pude compreender seu compromisso com a arte e com as lutas sociais, articulando militância política e literatura engajada, que fazem de suas obras oportunidades de se abrir o debate sobre o sistema patriarcal que se sustenta na exploração e subordinação da mulher. Ciente dos meios e fins que proporcionaram sua produção, utilizarei o romance *A hora próxima* como *corpus* deste trabalho, a fim de investigar o processo de composição ficcional que, por meio da estética literária, propagou um projeto político-partidário através da arte.

O romance de Alina Paim será analisado na perspectiva da história literária, reconhecendo suas marcas memorialísticas, fundamentais para a composição da obra, considerando a pesquisa da autora junto às famílias dos grevistas, personagens ficcionalizados na obra. A relação entre Memória, História e Literatura se estabelece na recriação de um fato histórico, em que os personagens assumem a função de propagar as militâncias sindical e partidária, enfatizando o apoio dos familiares, a participação das mulheres, ora como lideranças paredistas, ora com funções domésticas, sempre evidenciando o caráter comunista das ações. A produção artística está inteiramente ligada ao realismo socialista, em que a ficção deveria respaldar as lutas sociais a fim de criar nos leitores uma cultura de enfrentamento ao regime político estabelecido ao mesmo tempo em que se defenderia a implantação de um governo socialista. A partir desse direcionamento da arte literária proposto pelo Partido Comunista do Brasil, na década de 1940, aos intelectuais engajados, partiremos do pressuposto de que a ficção como fonte histórica serve ao proletariado, enquanto instrumento de formação que contribui com a luta de classes, levando em consideração os testemunhos dos sujeitos que vivenciaram a criação e a sustentação do Partido

Comunista, de sindicatos e de associações como formas de enfrentamento ao poder estabelecido.

Para bem entender as circunstâncias que envolveram Alina Paim com a responsabilidade de elaborar o romance, dentro do contexto que o realismo socialista exigia, contemplando os princípios do Partido, seus mitos e suas personalidades, conhecer a vida da escritora faz-se necessário pela íntima relação que se estabelece, em determinados momentos, entre a criação literária e as funções que exercia dentro do Partido Comunista do Brasil. O trabalho será desenvolvido observando os seguintes critérios: estudo do método de formação cultural adotado pelo Partido Comunista do Brasil, no qual inclui a literatura com um caráter pedagógico e revolucionário; pesquisa do fato histórico reconstruído como ficção no romance *A hora próxima*; análise dos testemunhos dos sujeitos históricos presentes na obra, fundamentais para criação ficcional; e, levantamento dos periódicos do Partido que influenciaram na divulgação do romance de Alina Paim, desde sua pesquisa *in loco*, passando pelas ameaças de prisão, até as opiniões da crítica partidária e literária.

Vida e obra compõem a primeira parte deste trabalho, que se voltará também para a recepção de sua obra e para os estudos realizados sobre elas. A apresentação de Alina Paim será traçada a partir de seu nascimento em Sergipe, sua mudança para a Bahia, a perda da mãe, o retorno ao estado natal, os estudos e a formação profissional que a levaram de volta a Salvador, o encontro com o Partido Comunista e com a literatura. Buscando conhecer a produção de Alina Paim, será apresentado um breve apanhado de suas obras, principalmente das primeiras, tão influenciadas pelo espírito revolucionário e angustiado de quem enxerga os problemas e busca soluções efetivas para eles.

Vida e obra de Alina Paim passam por um processo de resgate que merecem atenção. Alguns estudos têm revelado aspectos de sua vida de militância e carreira literária e as pesquisas acadêmicas sobre seus romances têm promovido um julgamento crítico importante para sua redescoberta.

As investigações da professora Ana Leal, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, e do professor e jornalista Gilfrancisco tornaram-se referências para demais pesquisadores da obra paimiana. A professora Ana Leal trabalha na recuperação e na análise das obras de Alina Paim com diversos artigos sobre a autora: *A obra de Alina Paim* (2009), *Alina Paim, uma romancista esquecida*

nos labirintos do tempo (2010), como coautora, *O imaginário simbólico na narrativa ficcional de Alina Paim* (2010), além de outros. A professora realizou entrevista com Alina Paim, sendo que sua transcrição está em fase de revisão, junto com um site e um memorial na sala da professora na UFS.

Gilfrancisco colocou Alina Paim entre escritores e escritoras de grande relevância nos estados Bahia e Sergipe – Coleção BASE, fascículo 3 – falando sobre sua vida e obra. Trabalhava neste projeto quando entrevistou a autora em 2007, após cinco anos de peregrinação em busca de informações. O jornalista publicou, em diversos jornais, artigos sobre a escritora como na ocasião de seu falecimento, em março de 2011, *Escritora estanciana morre aos 91 anos* e *Alina Paim e a Estrada da liberdade* na Revista Ícone, em maio e junho de 2011. É responsável pela reedição do romance Simão Dias e, mais recentemente, publicou um artigo sobre a investigação da autora junto aos grevistas da Rede Mineira de Viação.

Em 2014, a Secretaria Municipal de Cultura de Estância – SE, cidade natal de Alina Paim, na pessoa do então secretário Miguel Viana e do Clube de Poetas de Estância, homenageou a escritora, reiterando a necessidade de recuperar e valorizar sua obra.

A vida e a obra de Alina Paim foram colocadas a serviço da luta pela igualdade de direitos, pelo fim da opressão aos que são mais frágeis socialmente. O que se diz de Alina e de sua obra é o que se extrai de sua postura crítica e artística diante de um mundo tão desigual e tão irremediavelmente injusto.

É fundamental a contextualização da militância política da escritora, que se filia ao Partido Comunista do Brasil na década de 1940. Fundado em 1922, o Partidão sempre demonstrou interesse pela literatura e implementou, junto à luta política pela implantação do regime socialista, um projeto cultural que envolvia diversas expressões artísticas, contando, principalmente, com a diversidade de seus artistas militantes. Reunia nomes destacados no Brasil, como Oscar Niemayer, na arquitetura; Portinari e Di Cavalcanti, na pintura; e João Falcão e Jacob Gorender, no jornalismo; os dois últimos comandaram o jornal do partido *O Momento*, que circulou, em Salvador, entre 1946 e 1957. Na literatura, um elenco considerável de escritores estava filiado e muitos foram encarregados de colaborar e comandar jornais e revistas dedicados à arte literária. Escritores como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira contribuíram com esse projeto cultural, auxiliando nas edições da revista *Literatura*,

criada em 1946. Alina Paim também compunha esse quadro de intelectuais, fazia parte da direção do Partido, chegando a representá-lo em congressos. O romance *A hora próxima* nasceu dessa fase em que a escritora estava inteiramente envolvida na luta partidária.

Alina Paim estreia no cenário literário com *Estrada da liberdade*, em 1944, narrando a experiência de uma professora que atua num bairro proletário e encontra resistência ao tentar aplicar métodos didáticos menos convencionais. O romance seguinte, *Simão Dias*, lançado em 1946, aborda a difícil infância de uma menina que vive numa pequena cidade do interior, sob a tutela dos avós e, posteriormente, das três solteiras. Nele são compartilhados os sofrimentos e as alegrias de se viver na orfandade e ser educada na severidade, deixando nessa obra marcas de autobiografia. O terceiro romance, *A sombra do patriarca*, tematiza a insistência da burguesia em manter-se com um padrão de vida superior e, mesmo em decadência, reivindica títulos e garantias que o passado de opulência permitia. Por sua vez, em *A hora próxima*, Alina Paim traz à luz um coletivo de mulheres que atua tanto nos afazeres domésticos quanto na responsabilidade social de defender a vida com a dignidade que é exigida. As mulheres de Cruzeiro, Soledade, Três Corações, Itajubá, Divinópolis e Barra Mansa, ao se reunirem em grupos estratégicos, asseguraram a continuidade de uma greve deflagrada por seus companheiros, operários de uma ferrovia que corta os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Num contexto de diversas insurreições populares, instabilidade política e após duas guerras mundiais, a greve dos ferroviários, ocorrida em 1949, foi o laboratório utilizado para a construção de um romance que tivesse o caráter didático de levar às classes operárias o exemplo de organização, luta e embate contra os patrões. Isso seria possível a partir da formação partidária, por meio da qual os trabalhadores seriam habilitados a implementar estratégias de defesa e ataque aos seus algozes. A força das mães que não mais suportam a fome de seus filhos, a intolerância aguerrida dos homens que não aceitavam a humilhação e o desrespeito aos seus direitos de trabalhadores, a experiência dos comunistas, que dão o suporte ideológico ao movimento grevista, e as novas lideranças do Partido Comunista são características dos personagens reinventados para a composição do quarto romance paimiano, publicado em 1955. Nesse momento, a autora estava comprometida com a política

cultural do Partido Comunista, colaborando na implantação do Realismo Socialista como estética literária no Brasil.

Será abordada a viagem da autora ao sudeste brasileiro, tendo a oportunidade de conhecer cenários e personagens que constituiriam o romance que nos serve de *corpus* para a análise. Com as experiências extraídas das mulheres, construiu as impressões que afetaram a narrativa baseada no fato histórico, que nos possibilitará, portanto, perceber como se materializou em arte a história de luta daqueles trabalhadores. O resultado da pesquisa de Alina Paim foi transformado em romance e distribuído em vários países do mundo como romance do povo. *A hora próxima* entrelaça História e Literatura num viés político-cultural, tendo um quadro de personagens construído de acordo com as perspectivas do Partido Comunista do Brasil e contando com o respaldo da militância conjugado com a criação literária.

Para compreender a extensão do romance em sua totalidade, o Realismo Socialista será frequentemente retomado; o gênero literário importado da União Soviética, condicionava a criação ficcional à difusão dos ideais comunistas. As muitas recorrências ao Partido Comunista do Brasil, que será tratado apenas como Partido seguindo a transcrição do romance, são indispensáveis porque a obra em análise faz parte do projeto cultural que atrelava a arte aos interesses políticos. A intervenção política na literatura foi decretada no Congresso de Escritores Soviéticos, em 1934, quando Andrej Zhdanov, que assessorava o governo de Stalin, encarregou os escritores da União Soviética de produzirem uma literatura centralizada no povo e que referendasse a linha ideológica do Partido Comunista. No Brasil, o gênero começa a ser difundido em 1942 com a criação da Associação Brasileira de Escritores, que integrou muitos escritores brasileiros que seguiram a estética stalinista. Alina Paim, Dalcídio Jurandir, José Ortiz Martins, Patrícia Galvão e Jorge Amado colocaram, em suas obras, certezas e ilusões do mundo socialista que pregavam.

Jorge Amado foi o responsável pela aplicação do Realismo Socialista no Brasil; sua obrigação era supervisionar as obras a serem publicadas, dentre elas, a edição de maior sucesso realizado pelo editorial do Partido: a Coleção Romances do Povo, na qual o romance *A hora próxima* está inserido. Era preciso aliar arte e política numa literatura que pudesse ser “pedagógica” e tivesse característica didática e, muitas vezes, exigia minuciosas pesquisas e o exaustivo exercício de assemelhar a narrativa ao fato histórico.

O propósito de narrar as experiências e as condições de vida da classe trabalhadora merece atenção no presente estudo, porque marca um momento da nossa história em que as organizações e manifestações dos trabalhadores estavam no centro daquele projeto literário. A opção pelo povo no protagonismo dos romances reiterava os planos do Partido, que precisava criar na população o desejo e a confiança de decidir e assumir os rumos do país. Dessa forma, nosso estudo trará, na segunda parte, um histórico da construção do aparato cultural do Partido Comunista do Brasil, a organização dos escritores em associação, o monitoramento das obras, a criação dos editoriais e as publicações, principalmente quando o Partido passa a ter suas próprias editoras, o que só acontece em 1944 com a criação do Editorial Vitória. No lançamento da Coleção Romances do Povo, das vinte obras que a compõem, *A hora próxima*, de acordo com Moraes e Rubim, foi o único romance brasileiro. A narrativa de Alina Paim foi um sucesso de vendas e esgotou em pouco tempo, sendo traduzido inclusive para o russo e o chinês. Apesar de todo o destaque que obteve com a literatura de partido e a boa recepção dos romances anteriores – *Estrada da liberdade*, *Simão Dias* e *A sombra do patriarca* – Alina desaparece do cenário artístico e suas obras posteriores não alcançaram mais o sucesso de público do qual já havia experimentado. Mesmo reconhecendo a continuidade da carreira de Alina Paim, depois do sucesso editorial de *A hora próxima*, nosso recorte se limita ao ano de sua publicação, 1955. Sua jornada prossegue, já tendo abandonado o Realismo Socialista, modificando seu modo de criação com *Sol do meio-dia*, seis anos depois.

O contexto histórico compreende a Revolução Russa, ocorrida durante a I Guerra Mundial, que desembocou nos entraves, nas alianças e nos desdobramentos que ocasionaram a II Grande Guerra; a ascensão de Stalin e os novos rumos tomados pelo governo soviético determinam um novo caminho a ser trilhado pelos comunistas e vai desencadear no programa de governo que visa a ganhar corações e mentes através da cultura, que abordaremos aqui pelo viés literário. A imprensa do Partido Comunista da União Soviética vai investir muito além de jornais e revistas e (re) lançamento de obras marxistas e de seus seguidores; a aposta é na composição de romances que transmitam a “realidade” do novo homem num mundo novo: o homem soviético num mundo sem classes. A produção literária será rigorosamente sistematizada pelo Realismo Socialista, que dita os preceitos a serem seguidos pelos escritores para mostrar ao mundo a eficiência de se viver num país comunista. Tamanho projeto

requer organização e mobilização, o que se concretizou na criação da Associação de Escritores Soviéticos, em 1934, onde Zhdanov convocou os artistas à revolução pelas letras. Seu reflexo no Brasil foi a criação da Associação Brasileira de Escritores, em 1942, que resultou no primeiro dos quatro congressos que a agremiação realizou. Desde então, Jorge Amado se dedicou ao trabalho literário de cunho partidário.

Para acompanhar esta parte histórica do Brasil nos anos 1940 e 1950 e a evolução do Partido Comunista do Brasil até a adesão ao Realismo Socialista, utilizamos a dissertação de mestrado de Regina Behar sobre as políticas culturais do PCB. Igualmente importante para nosso estudo é o livro de Albino Rubim que trata da adesão dos intelectuais brasileiros, de formação marxista, filiados ou de alguma forma ligados ao Partido e à sua política cultural. Na contramão dos efeitos dessa política cultural, Dênis de Moraes chama a atenção para o patrulhamento ideológico que recaiu sobre os artistas. Na verificação do processo de desenvolvimento do gênero, a figura de Jorge Amado é imprescindível para a compreensão dos objetivos dessa literatura que se assume como “de partido” e que já tem exemplares antes mesmo de sua implantação oficial, como nos mostra Berno de Almeida numa análise detalhada sobre a trajetória política e literária do escritor baiano. Estas obras, unidas a outras contribuições, nos permitirão compreender como a intervenção da política na arte promoveu uma literatura importante para o momento histórico, ainda que tenha ferido a liberdade de criação defendida por artistas e críticos.

Subsidiam também este trabalho os periódicos do Partido, visto que as notícias e as obras dos militantes veiculavam em seus órgãos de imprensa. Em *O momento*, *Imprensa Popular*, *Momento Feminino* e *Voz Operária*, encontram-se textos que divulgam e analisam as obras em evidência, além de expor os problemas enfrentados pelos militantes.

A última parte será reservada à obra *A hora próxima*, numa análise específica à exegese do romance e sua contribuição aos objetivos revolucionários. Evocando os personagens que executam as tarefas diárias diante das péssimas condições de trabalho e com ínfimos salários, serão elucidados os sentimentos que geraram os motivos para se organizar uma greve num misto de revolta e consciência da situação de miséria a que estão expostos. Não será difícil perceber que essa consciência precisa ser fundamentada no conhecimento da história das lutas dos trabalhadores e da teoria que lhe serve de sustentáculo; daí o aparecimento dos personagens Sílvio e Tião, que

representam a necessidade do comunismo para o sucesso do movimento. Sílvio é um personagem que viabiliza duas frentes de luta: pela formação política e pela representatividade em cargo público. A experiência de Ecléa Bosi com as “memórias de velhos” nos ajudou a compreender as reminiscências de Zé de Barros e Tião, quando rememoram os primeiros passos da luta e os companheiros que ficaram pela estrada. Estudos sobre memória coletiva, de Maurice Halbwachs, revelou a importância de recontar a história de uma coletividade recuperando as memórias individuais. As investidas na obra *A hora próxima* demonstram o caminho a ser seguido e as estratégias para alcançar o ideal comum, além de apontar para uma vitória que sempre está por vir, abrindo os olhos do leitor para os acidentes de trabalho, os falsos companheiros e as muitas artimanhas que o movimento paredista precisa enfrentar e a lição final de que a vitória não é inatingível, mas que a hora virá, proximamente.

Conhecendo as questões sociais que embasam o romance, percebemos que, enquanto ficção, a crítica literária coloca em discussão sua construção estética, apontando personagens e ações construídos apenas com finalidade documental ou apenas partidária. A dissertação, no entanto, se propõe a um estudo de história literária, através da análise dos elementos que compõem a narrativa de Alina Paim, em diálogo com o contexto histórico que a cerca. Dessa forma, pretende-se evidenciar a contribuição da obra para a literatura brasileira, considerando-se a efetiva participação do povo como protagonista da sua própria história.

O romance de Alina Paim também é um trabalho de registro histórico que recupera a memória de lutadores e lutadoras que enfrentaram as poderosas trincheiras erguidas pelo poder do capital. Pelos trilhos da memória, num período em que muitas certezas se tornaram ilusões, este estudo busca reconhecer a eficiência de uma escritora que sonhou, lutou e arriscou sua vida e sua arte em nome dos ideais em que acreditava – Alina Paim e o seu *A hora próxima*.

2. ALINA PAIM: VIDA/OBRA

Uma escritora envolvida com as lutas sociais e um romance que retrata um episódio marcante da história dos trabalhadores no Brasil. Assim é a relação de Alina Paim com suas obras, principalmente *A hora próxima*. Sua vida começa com as dificuldades de viver na orfandade e com a educação familiar e escolar rígidas. As várias mudanças de lares e a convivência com parentes diferentes distinguem sua infância do estilo de vida considerado padrão, embora reconheça a importância dos familiares e dos educadores que passaram por sua formação.

Vamos acompanhar fatos marcantes na vida da escritora, estabelecendo conexão entre literatura e política por meio de personagens representativos dos setores subalternos da sociedade brasileira, sejam mulheres, operários, aposentados, etc.

2.1 Vida

Alina Andrade Leite nasceu em Estância – SE, em 10 de outubro de 1919, filha de Maria Portela de Andrade Leite e de Manuel Vieira Leite. Aos cinco anos, perde a mãe, doente de tuberculose, e como o pai era caixeiro-viajante, ela passa a morar em Simão Dias com os avós maternos Adelaide Andrade Portela e Bernardinho Cruz de Andrade, convivendo com as tias Iaiá, Naná e Laurinha, que lhe transmitiram uma educação muito rígida. A tia Laurinha que a tratava com carinho, responsabilizando-se por sua educação. Estudou na Escola Menino Jesus e no Grupo Escolar Fausto Cardoso, onde também recebeu educação religiosa; aos nove anos, sofre novamente a dor da perda com a morte de Laurinha que determinou, em seu leito de morte, a continuidade de seus estudos num convento em Salvador. Segundo Alina, os anos de convivência com as tias foram de muito aprendizado (GILFRANCISCO, 2008, p.14).

Em 1929, foi admitida no Convento Nossa Senhora da Soledade, em Salvador, onde escreveu no jornal interno seus primeiros textos. Permaneceu doze anos no convento, oito deles como interna e quatro como professora. Pela passagem de sua formatura, aos dezoito anos, o pai a presenteou com uma viagem a Estância. Aos dezenove anos, fica noiva de Djalma Batista, estudante de medicina, mas teve o compromisso desfeito, por carta, quando o noivo já havia retornado para o Amazonas,

após terminar os estudos na Bahia. Esse fato resultou num quadro de profundo stress, levando-a a ser internada numa casa de saúde e, depois, para o Asylo de São João de Deus, por três meses. Foi nesse momento que conheceu o médico Isaías Paim, que cursava o quarto ano de medicina, numa visita à paciente, na qualidade de residente. Do contato surgiu o namoro e em 08 de janeiro de 1943, casam-se e Alina de Andrade Leite passa a ser Alina Leite Paim (LEAL, 2010, p.126).

Mudando-se para o Rio de Janeiro, tem mais uma experiência com o magistério, embora não possa lecionar em órgãos oficiais porque seu diploma só tem validade nos limites do estado da Bahia. No entanto, a professora recém-chegada à capital da república, vai lecionar para filhos de pescadores na Ilha de Marambaia (OLIVEIRA, 1998, p.19).

Reunir detalhes da vida da autora exigiu esforço e persistência. Ao encontrar a autora aos 89 anos em sua residência, Gilfrancisco registra a entrevista numa matéria publicada no Jornal *Ciniform*, de Aracaju, em 2008, no qual o interlocutor pergunta sobre suas primeiras experiências com a escrita.

17. Como se deu a sua participação no jornalzinho do colégio das freiras?
AP – Tinha um jornal chamado Arco-Íris que era impresso em tipografia e havia os artigos publicados nas páginas principais. A freira que saía comigo de manhã me passava os jornais para eu ler. (...) aprendi a espichar a redação. Imediatamente pedi para ler os Arco-Íris anteriores, disseram-me que eram redações grandes e comecei a espichar mais um pouco. Precisava de três bandas de caderno mais a metade. Pensei: se eu espichar e estiver boa vai para o jornal, perguntei? Confirmaram que sim. Comecei a espichar. Haveria um número do Jornal Arco-Íris das férias com o dobro de páginas. No Convento ensinavam-me sobre o senso de realidade sem falar difícil para mim. Diziam-me como era escrever para uma coisa (GILFRANCISCO, 2008, p.34).

Em 1944, é publicado seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade*, inspirada na experiência na educação de grupos de periferia, como o bairro da Liberdade em Salvador e os pescadores no Rio de Janeiro. O título do livro tem o nome do bairro da capital baiana, em que lecionou, por onde passaram os combatentes que lutavam pela independência da Bahia. Quando apresentada ao editor Barboza Melo, a obra causou boa impressão, sendo lançada pela editora Leitura, e estreando a Coleção de mesmo nome, com excelente recepção no meio literário e entre o público e, em apenas quatro meses, a primeira edição estava esgotada. Em 1945, Alina Paim entrou para o Partido Comunista do Brasil, Seção Rio de Janeiro, e participou do I Congresso Brasileiro de Escritores (ABDE) realizado em São Paulo; eleita segunda secretária da Associação,

atuava com Manuel Bandeira, Astrojildo Pereira e Graciliano Ramos. Ainda neste ano, a escritora foi convidada pelo diretor da Rádio do Ministério da Educação e Cultura, Fernando Tude de Souza, a escrever para crianças e adolescentes no programa infantil “No Reino da Alegria” (GILFRANCISCO, 2008, p.14). Em 17 de abril de 1946, o Partido realizou a solenidade de entrega de carnets aos escritores e artistas comprometidos com seus ideais (O Momento, 1946, p.3).

Carreira literária e atuação partidária eram atividades paralelas na vida de Alina Paim. Em maio de 1947, é realizado o II Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte, no qual foi eleita, novamente, segunda secretária da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), para o Biênio 1947-1948. Passou, então, a escrever para a revista *O momento feminino*, que teve seu primeiro número em 25 de julho de 1947. Além de Alina Paim, o semanário contava com a contribuição de Arcelina Mochei, Diana de Brito, Edira Carneiro, Eneida, Gilda Braga Linhares, Hilda CampoNorito, Lia Corrêa Dutra, Lígia Maria L. Bastos, Maria Luíza, Marieta Jacques, Maura de Sena Pereira, Sagramor de Souvero, Sílvia e Yvonne Jean. A revista trata de assuntos ligados ao gênero feminino, como consta na matéria em homenagem ao primeiro aniversário de publicação, que se denomina como “um órgão educacional e orientador da mulher brasileira. E todo o jornal é um desenvolvimento dos problemas nossos, das mulheres de todas as condições sociais, desfilando no palco de papel” (Momento Feminino, 1947, p.8, s.n.). Nesta edição inaugural, publicou o conto *Inauguração da luz elétrica*, em que narra a história de Maria do Carmo, uma jovem atormentada pela experiência que vivera na infância com sua professora Otaviana, mulher que causava tanto medo a ponto de impedir a apresentação que preparara para o dia da inauguração da luz elétrica. Bastava o olhar de Otaviana para que se sentisse impossibilitada de realizar qualquer tarefa, fazendo-a arrastar esta deficiência durante sua vida. O texto antecipava o romance *Simão Dias*, lançado em 1949, pela Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, considerado autobiográfico, e que contou com a apresentação de Graciliano Ramos. No ano seguinte, publica *A sombra do patriarca* pela Livraria Globo de Porto Alegre.

Como representante do Partido, assinou diversos documentos e integrou delegações em muitos eventos. Em 1951, aderiu ao apelo por um pacto de paz entre as cinco potências (Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, França e República Popular da China) contra os ataques à Coreia do Norte.

Em *Navegação de Cabotagem* (2012), Jorge Amado conta experiências, aventuras, curiosidades, capítulos de sua vida intensa e encontros com grandes personalidades mundiais. Fala da participação de Alina Paim no I Congresso da ABDE, em 1945, colocando-a como parte da corrente comunista que debateu com a democrática, definida por Amado como liberal. Sua corrente se considerava “comunistas ortodoxos, menos numerosos, porém ativos, atuantes. Entre eles Dionélio Machado, Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck de Castro, Barão de Itararé, Raul Riff, Alina Paim”.

Em 1953 eu criara a coleção Romances do Povo na editora do pecê, dirigida por Alberto Passos Guimarães, escolhia os livros, os tradutores quando era o caso. Inaugurei-a com a tradução de *Gouverneurs de la rosée* (*Os donos do orvalho*), de Jacques Roumain, publiquei Dalcídio Jurandir, Alina Paim, Anna Seghers, Háldor Laxness, Ting Ling, Boris Poveloi, Ferreira de Castro, entre outros bons autores. Dois livros de Howard Fast: *Spartacus* e *Sacco e Vanzetti* (AMADO, 2012, p.249).

A coleção foi muito importante para a autora sergipana. Sua obra e seu nome repercutiram pelo mundo, além de ser o único romance brasileiro encontrado nas listas da obra de Albino Rubim – *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil* – e no estudo de Nilza Nanci – *Coleção Romances do Povo: a concepção de Jorge Amado para clássicos literários*. Com maioria esmagadora de homens escritores, Alina dividia o peso da responsabilidade com Anna Seghers e Galina Nikolaieva. A recuperação de sua obra vem acontecendo desde a última década do último milênio dentro e fora da academia.

Dentre as tarefas que desenvolveu dentro do Partido, está a adesão ao projeto de difusão do socialismo através da literatura seguindo os preceitos do Realismo Socialista, estética criada na União Soviética, sob a responsabilidade de Andrei Zhdanov, dirigente do Partido Comunista da União Soviética e homem de confiança de Stalin. A missão era atrelar a produção ficcional aos planos do Partido de instaurar um governo comunista no Brasil e para isso precisava chegar às camadas populares numa linguagem simples, contextualizada e com os passos a serem seguidos.

Coube à Alina Paim, pesquisar sobre a greve dos ferroviários no sudeste do Brasil, ocorrida em 1949, que contou com a significativa participação das mulheres bem como de todas as comunidades, já que o movimento envolveu todo o percurso de

Cruzeiro (SP) até Divinópolis (MG), numa ferrovia da Rede Mineira de Viação, na época administrada pelo estado de Minas Gerais.

As experiências dos trabalhadores e de suas famílias foram registradas pela autora nos locais dos acontecimentos, onde pode conviver com os atores que se tornariam, mais tarde, os personagens do romance *A hora próxima*. Essa experiência rendeu à Alina a satisfação de ouvir os relatos das pessoas que viveram aquele momento e de perceber a ousadia e a esperança que carregavam nos dias que sustentaram a greve.

Quando Alina Paim centra suas forças em transpor um fato histórico para a ficção através do romance, ela se envolve num trabalho de construção a partir da pesquisa direta com os sujeitos da ação. A autora criou um vínculo com sua obra, algumas vezes percebido na fala do narrador, demonstrando a influência da forte experiência de sua vida. Em reportagem publicada no periódico *O Momento*, registra-se a reação da autora ao tratar do assunto.

Temíamos que a nossa reportagem tornasse minguada, de pouco interesse. Ditava-o o fato de ter a romancista passado os últimos quatro anos a trabalhar num romance, agora já editado, uma experiência nova na trajetória de Alina Paim, marcada por uma modificação profunda na sua temática (a novelista sempre se dedicara à vida das cidades do interior, a grande riqueza de sua obra vinha do poder de fixação do ambiente parado dos detalhes mudos e característicos de uma existência estagnada). (...) Como se opera esta modificação, que razões a ditaram, como se sentira a novelista no trato do material novo – eis as questões que lhe levantávamos. E uma surpresa nos esperava. Alina Paim transmuta-se ao falar do novo livro. Seu rosto fino enche-se de alegria, as palavras jorram, ondulantes e fartas (05/06/1955, p.4).

Alina Paim conviveu com os trabalhadores e suas famílias e constatou que, com o fim da greve, não veio a dignidade que o proletariado devia ter garantida. A autora explica ao jornal do Partido suas impressões, o que registrou daquela coletividade.

– A Rede Mineira de Viação – explica-nos Alina Paim – é a mais extensa ferrovia da América Latina, nela trabalham mais de 14 mil homens, distribuídos em quatro estados... (...) viajei pela Rede Mineira de Viação para conhecer mais a vida e a história dos ferroviários, impulsionada pelos acontecimentos da greve. Aquele gesto heroico das mulheres de Cruzeiro, em setembro de 1949, me impressionou profundamente. Parti do Rio com o desejo de aproximar-me dessas mulheres, de ouvi-las, de surpreendê-las em seus afazeres cotidianos. Quem sabe se não iria contar algumas de suas histórias e desse encontro sair um romance? (*O Momento*, 05/06/1955, p.4).

A romancista percebe o interesse dos ferroviários pela pesquisa e deixa claro que não a considera uma simples coleta de dados, desenvolvendo a ideia do romance a partir dos sentimentos vivenciados.

– Percorri primeiro os entroncamentos da Rede em Minas: Divinópolis, Soledade, Três Corações e Itajubá. Onde chegava não fazia nenhum segredo de meus objetivos. Falava-lhes francamente de minha ideia, de meu desejo. Não sabia ainda se daria certo. Muitas vezes ouvi com pequenas variantes essas frases: <<É da greve? Dá um romance, nem se duvida. Aconteceu tanta coisa.>> Foi então que recebi dos ferroviários e de suas companheiras a maior contribuição e estímulo. (...) << se não aparecesse logo receberia um telegrama chamando, que Cruzeiro tem história. Foi a gente que encabeçou a greve de setembro. Cruzeiro sozinho dá um romance inteiro. >> E tudo isso foi me puxando para dentro de suas vidas, fazendo nascer em mim a necessidade íntima que não seria possível fazer o romance (O MOMENTO, 05/06/1955, p.6).

Alina Paim depositou na arte literária a experiência e as ideias que compartilhava na política; esperava que sua obra fortalecesse a luta proletária na medida em que colocaria os grupos subalternos em evidência. A história dos ferroviários, que lutavam por condições de sobrevivência e pelo pão de seus filhos, a coragem e a ousadia das mulheres que pararam homens e máquinas animaram a romancista. Foi a oportunidade de mostrar uma literatura que percorresse o mundo falando sobre a organização dos trabalhadores e que pregasse a ideia de que a contribuição da formação comunista era indispensável.

Em entrevista a Milton Pedrosa, em março de 1951, após conviver com a comunidade de Cruzeiro, publicada na revista *Para Todos* (RJ), Alina revela o comprometimento com sua tarefa.

Escrevendo este romance, sinto-me apoiada pelos personagens e pelos futuros leitores. Na realidade, não o estou escrevendo sozinha. Sinto toda gente com a qual entrei em contacto estimulando-me, apoiando-me e exigindo de mim que realize o livro. Não um livro qualquer. Mas um livro que fale de seus problemas, retrate as suas lutas, o seu heroísmo e no qual a visão da vida e das coisas corresponda ao que eles sentem, como povo, como o grande fator do mundo futuro (PEDROSA apud OLIVEIRA, 2012, p. 57).

A autora também compartilha com o semanário *O momento feminino*, do qual é colaboradora, narrando à repórter Ana Lúcia, o convívio nos lares dos ferroviários. A entrevistadora reconhece em Alina a emoção que a toma ao falar de sua experiência.

Nessa altura de nossa reportagem, Alina Paim transforma-se. Não está mais conversando com a repórter. Está vivendo aqueles dias inesquecíveis.

Segura a mão que está tomando as notas e fala, de olhos brilhantes e gestos incisivos:

– Imagine, diz ela, que as famílias se abastecem na cooperativa. Atrasando o pagamento, a cooperativa também não pode se reabastecer, a fome instala-se nos lares. Qual a mãe que pode ver morrer de fome seus filhos? Só há um recurso. É ir à greve. Daí a parte ativa que as mulheres tomaram na greve dos ferroviários (LÚCIA, 1955, p.5).

Se por um lado a tarefa foi satisfatória, por outro, gerou problemas sérios. A estada de Alina Paim nos bairros ferroviários rendeu-lhe a perseguição do governo que considerou subversiva sua atividade, ameaçando-a, inclusive, com prisão.

O fato teve grande repercussão e foi acompanhado pela imprensa partidária. Em 29 de março de 1951, o jornal *Imprensa Popular* noticiou a ameaça de prisão contra Alina Paim como “um grave atentado contra a cultura e o pensamento democrático” (p.4). Estando em Cruzeiro por duas vezes para conhecer de perto o cenário e as personagens que se tornariam romance, a escritora incitou a desconfiança das autoridades e teve um mandado de prisão preventiva decretado pelo juiz da cidade, acusando-a de ser “fomentadora de distúrbios”. No outro dia, o mesmo jornal reforça o ato que considera abusivo e apela para uma mobilização.

O que esta justiça inquisitorial procura impedir é a ligação entre os escritores e a classe operária, numa luta comum. Assim procedendo, o juiz de Cruzeiro atenta contra um direito sagrado. É necessário que se faça uma mobilização urgente para anular esse ato monstruoso, garantindo a Alina Paim a liberdade e o direito de escrever (IMPRENSA POPULAR, 29/03/1951, p.3).

O *Momento* publicou o episódio com a chamada “Decretada a prisão preventiva de Alina Paim – Atentado estúpido à liberdade de pensamento e criação artística”.

Rio, 2 (I.P.) – Numa farsa sem precedentes na história de nossa pátria, o juiz de Direito da cidade de Cruzeiro, Minas, acaba de decretar a prisão preventiva da escritora *bahiana* Alina Paim. A romancista de “Estrada da Liberdade” é acusada de participação numa greve dos trabalhadores da Rede Mineira de Viação, deflagrada para reivindicar o pagamento de salários atrasados. Além da estupidez deste pretexto, a verdade é que Alina Paim encontrava-se em Cruzeiro, na ocasião da greve, colhendo material para um romance, que atualmente escreve sobre as lutas e as condições de vida e de trabalho dos ferroviários (grifo nosso) (O MOMENTO, 03/04/1951, p.1).

Faz-se necessário explicar o destaque ao termo *baiana* na citação acima, pois não é difícil encontrar referências à Alina como natural da Bahia. Quando nasceu, logo foi morar em Salvador e, ao ficar órfã, volta a seu estado natal para viver na cidade de

Simão Dias, onde permaneceu até os dez anos. Quando ela passa a ser conhecida como escritora e como membro do Partido Comunista, já está há muito fixada na Bahia e o desconhecimento de sua vida em detalhes acarreta em confusões a respeito de sua naturalidade.

Quanto ao mandado de prisão deferido à escritora, o fato desperta a revolta de operários e intelectuais, desencadeando uma série de artigos de protestos, quase diários, nas edições jornalísticas. Em nota, a ABDE saiu em defesa da escritora no periódico *A Voz Operária* – Seção de Literatura e Arte – considerando a ordem de prisão “uma medida que fere os direitos do escritor e as liberdades consagradas na Constituição” e enfatiza que a Associação solicitou à Seção de São Paulo as providências jurídicas concernentes à defesa de Alina Paim (01/04/1951, p.2).

O episódio da ameaça de prisão a Alina Paim inspirou Moacir Werneck de Castro a escrever *O Caso Alina Paim*, em matéria para o Jornal *O Momento*, no qual faz um longo apanhado da perseguição aos escritores comunistas e particularmente à autora sergipana que ameaçava a ordem com seu estudo de caso.

Os escritores avançados já têm sofrido no Brasil inúmeras perseguições. Para só falar nos últimos tempos, quem não se recorda de que um Graciliano Ramos foi recolhido de cabeça raspada, a uma prisão de criminosos comuns? ou que Monteiro Lobato pagou no cárcere o crime de lesa-truste que foi a sua campanha pelo petróleo brasileiro? ou que Jorge Amado teve livros queimados durante a inquisição estadonovista na Bahia? No governo de Dutra as prisões e atos de violência contra escritores foram frequentes. Sob o atual governo encontram-se foragidos os escritores Astrojildo Pereira e Otavio Brandão, ambos com ordem de prisão preventiva, incluído no processo contra Luiz Carlos Prestes (CASTRO, 1951, p.3).

Mais precisamente no caso de Alina, Castro chama à responsabilidade os demais artistas para a defesa da escritora que representa a defesa da própria literatura.

Defender Alina Paim, portanto, é defender a própria literatura. O que se fez com ela, do ponto de vista literário, é o mesmo que o pontapé no ventre de uma mulher grávida. Querem impedi-la de escrever o seu livro, promover um estado de terror que impeça o aparecimento de outros livros nascidos do povo. Está claro que isto é impossível, não há brutalidade de justiça ou polícia que o consiga. Na clandestinidade ou onde quer que seja, Alina Paim escreverá o seu romance. Ela o está escrevendo neste momento. Mas a ameaça continua de pé. E se os escritores e artistas não souberem criar em defesa dela um poderoso movimento de solidariedade e protesto, a ordem do juiz de Cruzeiro será um gravíssimo procedente de obscurantismo fascista contra a revolução da literatura brasileira (1951, p.5).

Em 02 de abril de 1951, a romancista é homenageada pela ABDE como forma de desagravo pela ordem de prisão que sofria, sendo nomeada para o Conselho Fiscal da Associação que passou a ser presidida por Graciliano Ramos (1951, p.3). O novo presidente da ABDE, mesmo filiado ao Partido Comunista do Brasil, não aderindo ao Realismo Socialista, reagiu contra a ameaça à escritora.

Ora, ultimamente surgiu uma greve de ferroviários em Cruzeiro, e Alina teve a ideia de aproveitar isto para assunto de uma novela. Profissional honesta, foi olhar as coisas de perto, colher informações, saber como tinham procedido os grevistas, especialmente as companheiras deles. [...]. Findo os estudos, a escritora nos apareceu cheia de entusiasmo com a sua coleção de tipos e iniciou o trabalho. O mais curioso é esse esquisito magistrado condenar um livro que ainda não foi escrito. Possivelmente, no juízo dele, greve não é miséria digna de ficção (RAMOS, 1951, p.3).

Conhecendo a autora, tendo prefaciado o livro *Simão Dias* e reconhecendo o abuso de autoridade, escreve, ainda, em defesa da companheira de militância.

O ÚLTIMO ROMANCE DE ALINA PAIM – Alina Paim deve pesar uns quarenta e dois quilos ou menos. É distraída, silenciosa, tem um sorriso tímido. Ninguém diria que uma pessoa tão leve, de modos tão inofensivos, se resolvesse cometer um crime. Ninguém – exceto um juiz de direito, em Cruzeiro. Esse homem extraordinário ordenou a prisão de Alina Paim, que, no parecer dele se embrulhou de atividades subversivas lá pela comarca. A moça é agitadora perigosa, merece cadeia. Vamos examinar esse caso, ver em se resumem o perigo e a agitação. (...) escreve com segurança, observa atenta as personagens, tem realizado sensíveis progressos. Conhece bem o ofício (RAMOS, 1951, p.3).

Graciliano Ramos ironiza a ação das autoridades tratando da periculosidade da arte de escrever. A realidade é que o governo Vargas imprimiu uma perseguição implacável aos escritores comunistas, e o caso repercutiu, por longo período, nos folhetins do Partido. As obras eram apresentadas como representação do espírito de luta de homens e mulheres e, por isso, soavam como insultos ao governo e escrevê-las se tornava uma atividade nociva aos artistas. Segundo Almeida, os autores que abraçaram o Realismo Socialista “se autodefinem como insistindo em privilegiar um método histórico, que faz o trabalho literário reconstituir e descrever as lutas populares ou da classe operária, e humanista, que delega uma confiança irrestrita na propensão dos homens a uma sociedade paradisíaca” (1979, p. 218).

O mensário *Momento feminino* também manifestou sua solidariedade à colaboradora.

“Protestamos contra essa medida nitidamente fascista copiada dos julgamentos de opinião nos Estados Unidos e, nos solidarizamos com Alina Paim, a quem nos habituamos a querer bem pela sua modéstia e bondade, e a quem admiramos pela sua firmeza em defender o direito de fazer literatura popular” (04/1951, p.8).

O mandado de prisão foi revogado por conta da pressão social e noticiado no jornal *Imprensa Popular*, que traz a informação de que a autora não chegou a ser ouvida, aparecia com três nomes diferentes e características físicas que não condiziam com sua pessoa. James Amado manifestou sua solidariedade à companheira, descrevendo o processo como “um novo golpe contra a literatura honesta, desta vez utilizando seus instrumentos prediletos: a justiça e a polícia” (18/04/1951, p.2). De acordo com James Amado, o governo de Dutra havia tentando tomar a diretoria da ABDE durante a realização do III Congresso Brasileiro; não conseguindo, a ditadura de Vargas perseguia “escritores fiéis ao povo, tentando impedir que elevem cada vez mais suas obras colocando-as à altura da luta popular” (AMADO, 1951, p.2).

Alina Paim foi acusada de incitar uma greve que já havia ocorrido em outros momentos por motivos semelhantes. A greve, que a escritora romanceou, rendeu aos grevistas o processo por atentado à ordem estabelecida, no qual incluíram o nome de Alina. A forte repercussão entre intelectuais, operários e o bombardeio cotidiano da imprensa do Partido fizeram a justiça recuar, revogando o mandado de prisão. O processo, no entanto, foi mantido.

Em julho de 1951, a escritora participou da Comissão organizadora do IV Congresso da ABDE realizado em Porto Alegre junto com Jacinto Passos, Josué de Castro, Milton Pedrosa e outros intelectuais. A pauta incluía a discussão dos problemas sobre a cultura em relação a profissão de escritor.

Atividades intensas faziam parte da militância política de Alina Paim. Duas importantes viagens foram realizadas pela autora como parte da Delegação Brasileira do Partido Comunista do Brasil. Em 1952, na Conferência Continental Americana pela Paz, em Montevideu, no Uruguai, que foi composta por 120 participantes. E, em 1953, na delegação que participou dos festejos do 1º de Maio em Moscou, convidada pelo Comitê Soviético da Paz. A delegação específica de Escritores e Artistas foi a convite da VOKS (Sociedade de Relações Culturais com o Estrangeiro). O grupo era presidido pelo escritor José Geraldo Vieira e ainda contava com Dias Gomes, escritor e radialista, e Claudio Santoro, compositor e maestro.

A perseguição a membros dos Partidos Comunistas pelo mundo era comum nas décadas de 1940 e 1950. O jornal Imprensa Popular (1952) cita os casos de Alfredo Varela, escritor argentino condenado a um ano de prisão pelo regime de Peron, em março de 1952; Juan Marinello, escritor, educador e presidente do Partido Socialista Popular em Cuba. No primeiro caso, os intelectuais do Partido Comunista do Brasil enviaram mensagens de apoio ao escritor e solicitaram sua libertação ao governo argentino, e citando o caso semelhante de perseguição sofrido por Alina Paim. Libertado em junho de 1952, a ABDE, através de telegrama, saúda Varela por sua libertação e convida-o a vir ao Brasil. Na situação de Marinello, os brasileiros enviaram telegrama ao presidente Fulgêncio Batista, exigindo a imediata libertação do companheiro cubano.

Superando todos os obstáculos que envolveram a pesquisa, Alina Paim escreve *A hora próxima* e o romance tem seu lançamento anunciado na Livraria Independência. De acordo com o divulgado, “trata-se de um livro extraordinariamente novo pelo seu conteúdo, escrito de forma simples e precisa trazendo, pela primeira vez, à ficção brasileira cenas e quadros da vida dos ferroviários”. *A hora próxima* é apresentado como 11º volume da coleção Romances do Povo e enfatiza que “isso deve ser saudado calorosamente por todos aqueles interessados em conhecer os novos caminhos do realismo brasileiro, nesta fase de lutas e mudanças, dentro da sociedade brasileira” (O MOMENTO, 05/06/1955, p.4). O romance foi amplamente divulgado, sendo traduzido para o russo e o chinês e alcançou uma vendagem de dez mil exemplares na primeira tiragem.

Nos anos seguintes, a autora seguiu sua carreira literária lançando *O sol do meio dia* (1961), que lhe rendeu o Prêmio Manoel Antônio de Almeida, da Associação Brasileira do Livro. Escreveu ficção infanto-juvenil para a editora Conquista a partir de 1962. Nesta atividade, produziu as seguintes obras: *O lenço encantado* (1962); *A casa da coruja* (1962), *Luzbela vestida de cigana* (1963), *Flocos de algodão* (1966) e *O chapéu do professor* (1966). Seus textos para crianças e jovens mostram uma força produzida pela imaginação, mas que não se fundamenta na inocência. “A voz da criança, em sua ficção, não é subserviente à do adulto, é uma voz como a do adulto. Audaciosa para a época” (GENS, 2009, p.54). *O Sino e a Rosa*, *A Chave do Mundo* e *O Círculo* compõem a trilogia *Catarina*, publicada em 1965. Passa um longo período sem apresentar uma obra ao público, até 1979, quando publica *A Correnteza*. Já havia

escrito *A sétima vez*, no entanto, o romance só foi lançado em 1994, pela iniciativa da escritora Núbia Marques, pela Secretaria de Estado da Cultura do Estado de Sergipe.

Na vida pessoal, teve um casamento duradouro, viveu com Isaías Paim quase cinquenta anos e teve duas filhas – Maria Tereza e Maria Luíza (filha adotiva); divorciou-se no final da década de oitenta. Após *A sétima vez*, Alina começou a ter problemas na retina e sentia dificuldades para ler e escrever. Passou a morar com a filha Maria Tereza e em primeiro de março de 2011, Alina Paim faleceu em Campo Grande – MS.

2.2 Obra: percorrendo os trilhos da memória

A relação de Alina Paim com suas obras demonstra a interação entre suas atividades – literária e política – e na opção por protagonistas femininas.

Até publicar *A hora próxima*, Alina Paim apresenta três romances: *Estrada da Liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) e *A sombra do Patriarca* (1950). *Estrada da liberdade* narra a experiência do magistério no bairro da Liberdade, em Salvador, no qual percebe-se o interesse da autora pelos grupos menos favorecidos, excluídos da sociedade. A protagonista Marina tem dificuldades para implementar novos métodos pedagógicos na escola que leciona, fato que se assemelha ao período que lecionou na Bahia. Personagens femininas enfrentando a ordem estabelecida é uma especificidade da obra paimiana.

Apoiada pelo Partido, muitos textos foram veiculados em jornais e revistas. Dentre eles, o artigo de Barboza Melo, editor que recebeu Alina apresentada por Osvaldo Alves, em 1944, quando a menina queria se tornar escritora e já portava um livro nas mãos. Melo admirava a ingenuidade e timidez da adolescente que queria ser escritora.

O romance foi considerado um sucesso, esgotando-se em apenas quatro meses a primeira edição. A matéria intitulada *O romance de uma romancista*, em que a repórter Ana Lúcia fala sobre seus romances, revela o teor reivindicatório presente em *Estrada da liberdade*.

Nessa época tinha apenas 23 anos, mas sentia que silenciar seria uma convivência. A publicação do livro, ao contrário, serviria, para mostrar ao grande público os erros da educação, pois, como professora, podia agora

dizer que o professorado do interior era preparado para viver num mundo inexistente, sem nenhuma noção da realidade (LÚCIA, 1955, p.5).

O romance é uma denúncia às mazelas da época, que Alina fez sem perder a dimensão política e apresenta um caráter educativo ao explicar as causas das injustiças (ALVES, 2015). É fiel ao estilo de narrativa apontado por Lukács (2000), no clássico *A Teoria do Romance*, em que o romance é o gênero de reflexão sobre a condição social do homem, fruto não apenas da inventividade de ficcionistas, mas produto do momento histórico de toda sociedade.

Em 1949, lança *Simão Dias*, em que narra a infância de uma menina numa pequena cidade do interior sob a tutela dos avós e, posteriormente, das três tias solteiras. Ao ler em primeira mão, Graciliano Ramos aconselha a autora a assumi-lo como autobiografia, pois compartilha sofrimentos e alegrias de se viver na orfandade e ser educada na severidade, fatos que se assemelham à vida da autora.

Ao falar de sua primeira impressão sobre Alina, Graciliano Ramos descreve-a no prefácio da obra *Simão Dias* como “tímida, novinha, com jeito de freira à paisana. O romance que nos deu pouco depois não revelava nenhuma timidez e, logo nas primeiras folhas, desmentia a aparência religiosa” (PAIM, 2015, p.29). Graciliano, já consagrado e aconselhando os novos escritores, viu em Alina a romancista séria, comprometida a quem animou a prosseguir na carreira. Compartilharam também a luta pelo socialismo, viveram as agruras da perseguição política, atuaram na organização e vitalidade de um partido de esquerda que sobrevivera mais na ilegalidade, viajaram à Rússia através do Partido para conhecer o país e ver de perto o comunismo em ascensão. Analisou o romance *Simão Dias* e concluiu:

A autora observa, estuda com paciência, tem a honestidade rigorosa de não tratar de um assunto sem dominá-lo inteiramente. As suas personagens são criaturas que a fizeram padecer na infância ou lhe deram alguns momentos de alegria, em cidadezinhas do interior. Nenhum excesso de imaginação. [...] vê-se bem que a romancista cochilou nas orações compridas, trocou bilros na almofada e aguentou muito puxão de orelha. Foi bom. Essas desventuras lhe fornecem hoje excelente matéria (PAIM, 1949, p.29).

A história de Maria do Carmo e sua relação com as tias e as professoras foi também publicada em forma de conto no semanário *O momento feminino*, como *Inauguração da luz elétrica*. O livro fora muito divulgado pela imprensa do Partido e teve considerável aceitação.

O terceiro romance, *A sombra do patriarca*, publicado em 1950, confirma a opção pelos subalternos. Nessa narrativa, a autora expõe a opressão da mulher pelo patriarcalismo que reinava nas fazendas do nordeste presenciada pela personagem Raquel que visita a família e se depara com o despotismo do tio Ramiro.

Em *A sombra do patriarca* Alina Paim apresenta um quadro da educação ‘ideal’ vigente no nordeste rural ainda compatível com as preocupações domésticas, ou seja, não voltada para o conhecimento das ciências. A narrativa sugere que este tipo de educação não satisfaz algumas mulheres mais jovens, como é o caso das personagens Raquel e da sua prima Leonor que sonhavam ser médica e advogada, respectivamente (LEAL, 2009, p.42).

É mais um romance de afirmação da mulher diante dos desafios que a sociedade impõe padronizando comportamentos, escolhas e determinando o lugar da mulher que convém ao homem.

O romance *A hora próxima* foi publicado em 1955 pelo Editorial Vitória, sendo amplamente divulgado por periódicos que, assim como a editora, pertenciam ao Partido Comunista do Brasil. O romance compunha a Coleção Romances do Povo, organizada por Jorge Amado, que reunia obras, em sua maioria, de escritores russos. As obras reunidas na coleção seguiam os paradigmas do Realismo Socialista, um estilo literário que pretendia, a partir do romance, divulgar os ideais, as lutas e as conquistas do socialismo alicerçados no desejo de construir uma nova sociedade em que não houvesse classes. *A hora próxima* está enquadrada neste gênero literário que, enquanto se apresenta despreocupada com a estética, narra um momento de grande importância na história do Brasil e registra a luta dos trabalhadores num contexto de intensa repressão política, forte crise econômica em meio a acontecimentos que mudaram o mundo.

Percebe-se, na narrativa, uma construção preocupada com a sequência das leituras que o revolucionário deveria fazer para garantir sua formação e implementar as ações. Iniciando pelas clássicas obras de Marx e Engels, a personagem Sílvio, vereador e líder partidário, conta que cresceu junto à mãe e ao irmão lendo *O Manifesto Comunista* e folhetos sobre o partido, como *A Classe Operária*. Outro personagem que exalta o comunismo é Sebastião, o “preto” que sabia de cor o Manifesto e reunia muitos a sua volta para ensinar as lições marxistas. A fim de mencionar a sabedoria de Sebastião, outro personagem é apresentado, Hermogênio, responsável pela sua formação. “Quando Hermogênio levou-o para a Juventude Comunista, o ‘Manifesto’ tomou outra

inflexão, lido na cabeceira da mesa com o timbre suave da voz de sua mãe” (PAIM, 1955, p. 111). Assim, *A hora próxima* cumpria seu papel de exaltar as lutas proletárias e divulgar que fortalecer o comunismo se fazia urgente.

Barboza Melo resume a vida artística da “mocinha”, forma como se referia a Alina. Admira o interesse da autora pela situação e participação das mulheres na greve ferroviária e considera o romance *A hora próxima* seu melhor trabalho literário. Em se tratando do romance *Sol do meio dia*, fala sobre a disposição para a escrita incansável citando a criação de uma novela de 70 ou 80 páginas que resultou num romance de 350 páginas.

Narrando as criações da escritora que lançara há dezesseis anos, intitulou seu texto *A professorinha de Estância já tem História Literária*.

A mocinha não para, trabalhadora infatigável, se interessa pela situação e participação das mulheres na greve ferroviária de 1954, em Minas e temos então o seu quarto romance, *A Hora Próxima*, editado no ano seguinte, na Coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado para Editorial Vitória. Grande tiragem (8.500 exemplares) e, seguramente, o seu melhor trabalho literário (MELO apud GILFRANCISCO, 2008, p.57).

Em razão do momento que viveu a literatura brasileira nesse período pós-guerra, com a forte repressão do governo aos grupos de esquerda, miséria e exploração se espalhando pelo país e o ideal comunista em ascensão, uma obra pautada na luta proletária e em personagens reais acentuava ainda mais a atuação popular, com destaque para a participação feminina junto ao movimento. A ideia era despertar e fortalecer a proposição de uma sociedade socialista e parece encontrar respaldo entre o público, segundo nota.

Recebemos, da Distribuidora Nova Cultural, um exemplar do último romance de Alina Paim, “*A Hora Próxima*”, cuja vendagem tem sido extraordinariamente rápida. “*A Hora Próxima*” é um lançamento da Coleção Romances do Povo, da Editorial Vitória, obedecendo a orientação de Jorge Amado. É ainda o primeiro livro de escritor nacional divulgado na referida coleção, cujo critério seletivo, assinalasse, é dos mais rigorosos (O MOMENTO, 03/06/1955, p.5).

Alina Paim tem sua obra ovacionada pelos leitores; segundo Rubim (1995), “o novo romance de Alina Paim vendeu rapidamente 10 mil exemplares e foi considerado a concretização do Realismo Socialista na literatura nacional” (1995, p.35). É importante salientar que uma vendagem dessa natureza em meados do século XX foi

realmente um grande sucesso para uma obra literária, um fato marcante na ficção nacional, que não deveria ser esquecido pela ‘da literatura brasileira.

O romance teve ampla divulgação em textos veiculados em jornais e revistas do Partido que ampliavam a importância da obra e davam grande visibilidade à autora; os periódicos reservavam espaços diariamente para apresentá-lo. A estética do Realismo socialista baseava-se na construção de um enredo a partir de um acontecimento histórico, cujos personagens pertenciam ao mundo do trabalho – proletários e patrões – e concentravam suas ações na luta de classes. Essa investida possibilitou a inserção das camadas populares, de forma coletiva, na estrutura do romance, e marcou a literatura brasileira como registros históricos das lutas proletárias; pelo caráter documental que as obras expressam, a exemplo da narrativa de Dalcídio Jurandir, *Linha de Parque* (1959), no qual se contextualiza a greve ocorrida numa fábrica, protagonizada por operários no extremo sul do país.

A obra tão bem trabalhada pela imprensa do Partido Comunista do Brasil dividiu a crítica literária entre os que ovacionavam o romance, os que o criticavam severamente e até mesmo os que o ignoravam.

O sucesso vivido naquele momento era decorrente da expansão do gênero literário em que a autora estava inserida e que não conseguiu ser mantida, visto que os romances elaborados para difundir uma ideologia e que traçavam rígidas normas para sua composição encontraram resistência entre a crítica literária e entre os escritores filiados ao Partido. Assim, *A hora próxima* alcançou grande sucesso e, depois, encaminhou-se para o esquecimento.

Vida e obra interligadas, quando Alina Paim volta a publicar um novo romance, sua narrativa apresenta outras características e novas perspectivas que a seguiram até seu último romance.

A obra que sucedeu o romance sobre a greve dos ferroviários foi *O sol do meio dia*, publicado em 1961, que teve o prefácio assinado por Jorge Amado e recebeu o prêmio Manoel Antonio de Almeida, concedido pela Associação Brasileira do Livro, em 1962. Narra a história de Ester, que migra do interior da Bahia para o Rio de Janeiro e conhece a realidade de se viver nos sobrados das grandes cidades. A publicação veio a confirmar a aceitação da romancista e de seu estilo literário.

Alina perde o elo com o público a partir de 1964, quando, ainda militando pelo Partido, sofre perseguição por parte do regime militar, cujo governo colocou mais uma

vez o partido na ilegalidade. Alina, além de militar no partido, é atuante na defesa das causas feministas.

Em 1979, em *A correnteza*, narra a história de Isabel, proletária em busca da conquista da casa própria, desconstruindo os estereótipos formados em torno da mulher. Valdemar Cavalcanti reconhece o talento de Alina em romancear. Apresentando a obra, o crítico admira seu amadurecimento, considerando o romance um excelente painel da vida nos subúrbios do Rio de Janeiro, priorizando os traços psicológicos das figuras femininas (PAIM, 1979).

Sobre *A Sétima Vez*, último romance a ser publicado (1994), Núbia Marques, escritora também sergipana, enfatiza que a personagem luta com suas memórias para vencer as lembranças do período que compreende a Ditadura Militar do Brasil.

Há onze anos que Alina escreveu *A Sétima Vez* e não encontrou editores, estes viraram as costas aos romancistas que não entraram na ciranda de leitura fácil, leve, enganosa, alienadora, permitindo o crescimento avassalador do lixo-literário nacional e internacional. Agora *A Sétima Vez* retorna à análise de vida problematizada do velho Teodoro, aposentado, e já sonhando com a tranquilidade de um cata-vento, vê-se empurrado para atividades laborativas, pois necessitava criar o neto, colhido pela orfandade. Os esquemas competitivos que na mocidade poderia muito bem enfrentar, o leva a esforço de sobrevivência. A velhice encontra na pena dessa vigorosa romancista o dardo crítico e a reflexão sábia de uma fase de vida humana que, a despeito da labuta já enfrentada, empobrecida por uma aposentadoria irrisória, volta com toda força para buscar o pão cotidiano, dentro das adversidades e dificuldades que cercam um velho (PAIM, 1994, p. 9).

As obras de Alina Paim apresentam características próprias em suas personagens sempre em busca de melhores condições de vida.

Estudos de suas obras têm ganhado espaço e despertado interesse nos últimos anos. Veremos, na próxima seção, como a obra de Alina Paim têm se tornado objeto de estudos acadêmicos e matéria de análise crítica, o que tem promovido um movimento de recuperação.

2.3 Fortuna crítica

As obras de Alina Paim, desde seu primeiro romance *Estrada da liberdade*, publicado em 1944, conviveram com a glória e o esquecimento. Após satisfatória recepção em sua primeira criação, uma aceitação considerável com *Simão Dias*, o sucesso de público com as traduções de *A hora próxima* e o prêmio Antônio Manuel

de Almeida com *O Sol do meio dia*, em 1961, Alina Paim teve que viver na clandestinidade, durante a ditadura militar. Continuou produzindo, sem o suporte do Partido, que estava na ilegalidade, e sem poder divulgar seus trabalhos não encontrou mais o sucesso editorial por que passara. No entanto, o período de afastamento não impediu que seu trabalho fosse recuperado e que esteja presente em estudos acadêmicos.

Artigos e dissertações foram pesquisados nas bibliotecas das Universidades Federais de Sergipe e da Bahia, onde viveu até 1943; e do Rio de Janeiro, aonde morou até o final dos anos 1990. A temática sobre a mulher e os desafios que precisa enfrentar em seu cotidiano tem despertado o interesse de diversos pesquisadores.

Iniciaremos pela obra *A romancista Alina Paim* (2008), do professor, jornalista e pesquisador Gilberto Francisco dos Santos, conhecido como Gilfrancisco, por ser o único livro sobre a autora, no qual reuniu a biografia da romancista, entrevistas com a escritora, inclusive a que o próprio realizou em 2005, prefácios e comentários sobre suas obras e uma amostra cronológica dos fatos mais marcantes da vida de Alina Paim. Os registros de Gilfrancisco é uma importante fonte para os que pesquisam a autora, principalmente, pela carência de informações sobre sua vida. Como nem todas as obras estão à disposição do público, encontram-se imagens dos romances, fotos da escritora e também da certidão de batismo. O resultado é a reunião de informações sobre Alina Paim e suas obras, sendo fonte secundária imprescindível às pesquisas mais recentes.

Os trabalhos que seguem são artigos e dissertações que estão organizados cronologicamente. Alguns estudos estão mais diretamente ligados ao romance *A hora próxima*, como a dissertação de Mestrado de Ilka Maria de Oliveira, defendida em 1998 na UNICAMP, *A literatura na revolução - Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim*, importante fonte de pesquisa para este e outros estudos aqui apresentados. Oliveira (1998) apresenta dois autores comprometidos com o Partido Comunista do Brasil, e desta vez, Alina Paim tem vida e obra analisadas ao lado do companheiro de militância Astrojildo Pereira. A pesquisa parte de textos de Pereira que reconstroem a história do Partido Comunista do Brasil. A outra parte do estudo reserva-se à análise da obra de Alina Paim, *A hora próxima*, no qual explicita estratégias de criação utilizados pela romancista e que muito contribuíram com a presente dissertação. Elucida formação de personagens, a busca por informações e a ligação com o Partido Comunista que tem militantes infiltrados no movimento

grevista. A análise também reflete um nível bem elaborado de pesquisa com acesso a importantes fontes para compor o quadro de informações sobre a autora e a construção de seu quarto romance. Quanto a Astrojildo Pereira, as obras a ele relacionadas que estão neste estudo são: *Construindo o PCB – 1922-1924* (1980), *Crítica Impura* (1963), *Interpretações* (1944) e *Formação do PCB* (1976). A partir destas obras, percebe-se na pesquisa o interesse pelo método do autor na elaboração que, por vezes, revela-se inacabado. O caráter proletário de *A hora próxima* é apresentado confiando na responsabilidade de ser fiel aos fatos e preparar o operariado para as lutas. A dissertação de Ilka Maria enriqueceu nossa pesquisa com dados e informações relevantes a respeito da militância e da literatura de Alina Paim.

A trilogia *Catarina* é analisada por Elódia Xavier na concepção de dez representações corporais a partir da escrita feminina. A autora utiliza as três narrativas que compõem a trilogia: *O sino e a rosa*, *A chave do mundo* e *O círculo*, todas entrelaçadas pela vida da personagem, comandada por um narrador que deixa fluir reflexões da protagonista. *A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim* (2009) é um breve estudo sobre a busca de Catarina em três momentos de sua vida. Iniciando pela vida no orfanato, onde foi deixada na roda dos enjeitados, até realizar o sonho de ser adotada, enredo da primeira parte da trilogia *O sino e a rosa*. A narrativa seguinte dá continuidade à trama, *A chave do mundo*, quando a vida no palacete da família que a adotou representou um drama e não a felicidade esperada. O assédio do pai adotivo, a paixão pelo seminarista, o internamento no hospício, seu restabelecimento, a conquista de uma vida independente e o casamento com Henrique, que fora se patrão, constroem a segunda parte. Enfim, uma vida mais livre, em *O círculo*, pelo fato das voltas que a vida dá, remetem a personagem ao reencontro com Daniel, que abandonou o seminário, e tem a oportunidade de viver aquele amor. Prefere o marido e recebe em seus braços a filha com sarampo para aliviar o medo de um diagnóstico terrível.

Xavier expõe, neste artigo, o corpo liberado da protagonista Catarina que consegue livrar-se das ordens impostas pela vida e se ver livre para fazer suas escolas. Apresentou, ainda, ao leitor obras pouco acessíveis que, pelos enredos, promove o interesse em conhece-las.

Os artigos *A obra de Alina Paim* (2009) e *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo* (2010) são estudos da professora Ana Maria

Cardoso Leal, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe. O primeiro, é uma análise das personagens femininas dos três primeiros romances de Alina Paim: *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) e *A sombra do Patriarca* (1950). A protagonista de *Estrada da Liberdade*, Marina, se depara com o ambiente escolar e percebe-o como um espaço de disciplina. Discute a disparidade entre os salários da mulher em relação aos dos homens e a ideia de se trabalhar no magistério por amor. Em *Simão Dias*, Maria do Carmo é a órfã de mãe que vive num ambiente feminino no qual as ações estão em contraste. Entre as tias que a criaram, duas eram muito rígidas e a submetiam a castigos enquanto uma delas era carinhosa. No ambiente escolar, Luíza era a professora que preparava os alunos e Otaviana, a professora que exigia muita disciplina dos alunos, de forma ríspida e indelicada. A narrativa revela o engajamento social da autora ao confrontar a tradição com as novas abordagens pedagógicas representadas por Luíza. O terceiro romance, *A sombra do patriarca*, tem Raquel como protagonista. Sobrinha do fazendeiro Ramiro, ela entra em choque com a realidade da vida rural no nordeste brasileiro onde o tempo parece não ter passado. Apesar de não haver igualdade entre os gêneros, a industrialização promoveu um cenário de extensão do ensino à mulher, alargando, assim, os horizontes culturais. Enquanto na fazenda, os papéis da mulher ainda são definidos dentro da sociedade patriarcal: esposa submissa, mãe extremosa, filha obediente. No romance se discute a subversão feminina frente a uma educação para além da reservada à mulher – esposa, no máximo, professora. Raquel quer ser advogada e Leonor, médica; mas o tio Ramiro não apoia, pois “nem todas as profissões foram feitas para a mulher” (LEAL, 2009, p.43). A análise evidencia as posturas das três protagonistas que enfrentam a ordem estabelecida a fim de dar à mulher as rédeas do seu próprio destino sem ter que perpetuar uma tradição machista e opressora.

Em *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo* (2010), a professora Ana Leal apresenta um quadro biográfico mais detalhado de escritora e contempla as temáticas de todos os romances, tornando possível ao leitor um conhecimento prévio sobre as abordagens das narrativas. Fica evidente o teor social e político de suas obras, a situação do idoso no mundo atual e, de modo geral, a persistente luta da mulher pela emancipação.

As pesquisas realizadas através de entrevistas e de investigações sobre Alina Paim, constituem acervo importante que vai enriquecendo a cada nova descoberta. Em

se tratando de vida e obra de Alina Paim, os trabalhos destes pesquisadores são referências primordiais para iniciar os estudos sobre a romancista.

Em *Trajetória heroica em “A correnteza”, de Alina Paim: uma leitura mítico-psicológica* (2010), Daniele Barbosa de Souza Almeida interpreta o processo de autoconhecimento do ser humano comparando com alguns mitos e recorrendo à memória a fim de enfrentar os velhos medos. Isabel, a protagonista de 53 anos, viúva, é obcecada por possuir uma casa e vive o trauma de ter sido obrigada a abandonar os estudos para garantir a formação da irmã Mariana. O sacrifício imposto pelo pai causou um estado de *animum* que impulsionaria todas as suas atitudes para alcançar seus objetivos, inclusive destruir o relacionamento da irmã para casar-se com aquele que seria seu cunhado.

Isabel representa a figura da heroína, que se assemelha à imagem de Medeia, conhecida pela força e por não se conformar com a injustiça cometida contra si mesma. Suas atitudes estão mais para anti-heroína pois não vai poupar ninguém e, por isso, hostiliza amigos, familiares e vizinhos. Vivencia muitas perdas ao longo de sua vida e quando se vê na casa tão desejada, não se sente realizada. Percebe que a casa tinha muito espaço e apenas uma moradora. A trajetória de Isabel é acompanhada a partir de teorias mítico-psicológicas amparada no conceito de inconsciente coletivo tem uma função compensadora que revela grande parte das nossas ansiedades e segredos.

O viés percorrido pela pesquisadora nesta dissertação mostra as muitas vertentes pelas quais a narrativa paimiana pode ser analisada. Em *A correnteza*, a romancista elabora um trabalho de introspecção, um mergulho que a protagonista faz em si mesma a fim de superar as perdas, desigualdades, depressões e medo.

Em *O imaginário mítico-simbólico na narrativa ficcional de Alina Paim* (2010), os autores Euller L. Telles e Ana Maria L. Cardoso analisam *A hora próxima* pelo viés mítico-simbólico associado a personagem Laura à deusa Deméter por seu instinto maternal. De acordo com o trabalho, muitas mulheres podem representar Deméter que sofre do mal de não gerar filhos e por isso, cerca as outras crianças para sentir-me mãe. É o que faz Laura ao aderir à greve, não por causa dos salários atrasados, mas por ver aquelas crianças com tantas privações. É uma abordagem diferenciada, mas que também se rende à participação feminina na mobilização das classes em meados do século XX.

O trabalho *O imaginário da educação no romance Estrada da liberdade*, de Alina Paim (2011), realizado por Fabiana dos Santos aponta para duas perspectivas: a autonomia da mulher no âmbito social que trabalha a formação da imagem da mulher como professora; e a transformação da posição que a mulher ocupa na sociedade a partir da educação. No estudo, optou por analisar o romance *Estrada da liberdade* a partir do conceito de *bildungsroman*, expressão utilizada inicialmente na Alemanha, para expressar formação social, cultural, política e psicológica do indivíduo. Seguindo esse caminho, Fabiana dos Santos busca na história a trajetória da escolarização destinada à mulher e feminização do magistério, tendo este adquirido características consideradas femininas como cuidado e sensibilidade. No ambiente da educação formal, as mulheres eram disciplinadoras e disciplinadas, afinal, todo trabalho remunerado feito pelas mulheres era uma ameaça à sua reputação. Mas com a evolução compulsória da sociedade cada vez mais industrializada, a educação formal, mais precisamente, no magistério, tornou-se uma forma de ascensão para a mulher, pois as escolas normalistas, que formavam as professoras, passaram a ter um posto elevado.

É nesse contexto que a dissertação apresenta o primeiro romance de Alina Paim, colocando em discussão a posição da mulher diante da educação formal enquanto aluna e professora, enfrentando os desafios de um sistema pensado e organizado para o universo masculino em que a mulher precisou abrir espaços e ocupá-los.

O imaginário, que perpassa o estudo através do percurso histórico e com base na literatura, coloca em debate a estrutura educacional da época, apontando os avanços que a mulher conseguiu ao longo do processo de luta por igualdade entre os gêneros.

A apresentação de Luciana Moraes dos Santos revela a interface entre política e literatura nas vidas de Dalcídio Jurandir e Alina Paim. Suas obras – *Linha de Parque* e *A hora próxima*, respectivamente, traduzem o espírito revolucionário que reinou durante as décadas de 1940 e 1950 no Brasil. *Dalcídio Jurandir e Alina Paim: diálogos entre literatura e militância e a perspectiva feminina* (2012) retrata a militância dos escritores no Partido Comunista do Brasil num período de forte engajamento político da literatura e compromisso com o Realismo Socialista, gênero defendido pelo Partido a fim de chegar ao povo através da arte. Ao traçar uma parte da história da política cultural do Partido Comunista, o trabalho mostra como a adesão ao Realismo Socialista exigiu dos autores uma pesquisa de campo que enviou Dalcídio Jurandir ao Rio Grande do Sul e Alina Paim a São Paulo e Minas Gerais. Ambos os autores fizeram

do proletariado os protagonistas de suas narrativas e evidenciaram a participação feminina nos movimentos grevistas. Percebe-se em *Linha de Parque* (1959) e em *A hora próxima* (1955) a efetiva participação feminina, no primeiro momento como esposas e mães que defendem a família, o pão de seus filhos em ambas as tramas. Depois, o romance de Dalcídio Jurandir se diferencia da narrativa de Paim por apresentar as mulheres num movimento sindical em que as tecelãs lutam não só por melhores condições de vida como também por condições dignas de trabalho. O resultado é uma análise comparativa entre dois romances que atendem ao mesmo princípio, gênero adotado pelo Partido Comunista, elaborados pela pesquisa *in loco* de dois escritores engajados na luta pelo socialismo.

Outro trabalho na mesma perspectiva é o artigo de Cíntia Schwantes *Como romancear a revolução ou A hora próxima, de Alina Paim* (2012). A breve análise aponta para as disputas internas do partido acerca da fidelidade do romance aos preceitos do Realismo Socialista na transformação da história em romance.

Independentemente das intrigas de bastidor que cercaram a escritura e a publicação de *A hora próxima*, o romance realiza um feito nada desprezível: o de seguir a linha ideológica do Partido, utilizando os pressupostos do realismo socialista, sem trair a matéria romanesca utilizada pela autora, uma greve que realmente aconteceu. Escrever um romance histórico é sempre tarefa delicada, e ainda mais quando as simpatias do escritor se alinham com o lado que perdeu a luta (caso, igualmente, de *A condição humana*). Fazer da derrota uma vitória, ainda que parcial (no romance de Malraux, a derrota na tentativa de levar a cabo uma revolução socialista na China é apenas um momento da luta, mas isso não pode transparecer dentro dos limites do enredo. Como no romance de Paim, a vitória é algo para o futuro, e é apenas indicada, não se realizando dentro dos limites temporais da narrativa) é um exercício de, mais do que criatividade, fé (2012, p. 57).

O desafio é mostrar como uma história de luta tornou-se um romance sem perder os traços literários. O estudo contempla os personagens e suas ações, a ligação da autora com o cenário e com os participantes da greve, e prevê a prorrogação da vitória numa narrativa que aponta diversos inimigos contra os quais se deve lutar. É uma referência importante na pesquisa que se realiza possibilitando um conhecimento prévio sobre a obra.

A dissertação *O mito e o maravilhoso na literatura infantil de Alina Paim*, realizado por Aline Suelen Santos (2012), mergulha no maravilhoso a fim de revelar figuras e imagens que compõem o imaginário infantil, utilizando, para isso, os livros

para crianças que Alina produziu entre 1962 e 1963: *O lenço encantado*, *A casa da coruja verde* e *Luzbela vestida de cigana*.

A pesquisa traz à luz uma parte da obra de Alina Paim menos conhecida que os romances: as narrativas infantis. As obras produzidas nos anos 1960 não foram republicadas e encontram-se apenas registradas na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro e São Paulo). Dessa forma, este trabalho mostra uma parte da produção literária de Paim, ocultada do público e esquecida pela crítica.

O viés trabalhado parte do mito enquanto necessidade do homem em narrar sua própria história e do maravilhoso que zela pelo encantamento da narrativa. É também uma abordagem sobre a história da literatura infantil no Brasil e a inserção de Alina Paim nessa categoria, considerando os caminhos percorridos por Monteiro Lobato, nome consagrado à literatura infantil. As imagens, símbolos e mitos que irrompem dos textos de Paim apresentam linguagem metafórica que transportam o leitor ao maravilhoso, alimentam imaginações a partir das histórias que são contadas por objetos que ganham vida. O espaço do Sítio Cruzeiro do Sul aparece como um refúgio ao mundo tão brutalmente industrializado e alimenta a imaginação com a curiosidade infantil, como a de descobrir o conteúdo do baú do misterioso jardineiro que chega ao sítio.

Esta dissertação contribui significativamente para o conhecimento da produção infantil da escritora, para a compreensão destas obras dentro de um contexto mítico-simbólico e um merecido lugar no âmbito da literatura infantil brasileira.

O trabalho de Ninalcira de Lemos Sampaio traz a análise do romance *A sétima vez*, que marca o reencontro da autora com a literatura quinze anos desde a última publicação. A dissertação *O arco da memória: literatura e história em A sétima vez, de Alina Paim* (2013) recupera as lembranças e os efeitos do período ditatorial no Brasil em que o protagonista precisa conviver com as marcas do passado para que elas não assombrem o seu presente e nem interfiram em seu futuro. O romance apresenta Teodoro como protagonista, um aposentado em duas frentes de luta: com suas memórias e pela sobrevivência com os recursos da aposentadoria. É um trabalho que enfatiza a relação entre memória, história e esquecimento já que as lembranças de Teodoro vêm à tona num período de repressão política em que as liberdades pessoais são cerceadas. O sexagenário tem a guarda de um neto de seis anos, vítima da orfandade; o fato coloca em pauta um conflito de gerações no qual o “velho” precisa

formar o novo. A dissertação de Ninalcira apreende da obra *A sétima vez* (1994) o testemunho do personagem que ratifica a história, do ponto de vista da ficção, revelando, assim, uma autobiografia. Realizou-se um trabalho com o real e o fictício que expõe um período de dificuldades políticas e econômicas através da memória que não é apenas individual, mas abrange a coletividade. A obra analisada fornece elementos que evidenciam a ruptura de Alina Paim com o Partido Comunista, mas não se furtou ao compromisso com as causas sociais.

Um estudo pormenorizado sobre a vida política de Alina Paim encontra-se na dissertação de mestrado em História (UEFS) *A política no feminino: Uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*, de Iracélli da Cruz Alves (2015). No trabalho, procura-se mostrar como as mulheres do PCB viveram a militância, num contexto de opressão e exploração que influenciou, embora não tenha determinado as atividades sociais. Começando pela criação da Federação Mulheres do Brasil, uma tentativa de unificar a luta das mulheres de partidos variados, classes e formação diferentes em torno da melhoria das condições de vida.

O Partido Comunista do Brasil, a partir de 1945, foi ampliando cada vez mais sua popularidade e buscou chamar a atenção das mulheres para as funções que poderiam desempenhar na luta política. Assim, foi agregando muitas intelectuais aos seus quadros, destacando duas delas na Bahia: Jacinta Passos e Alina Paim. A pesquisa de Iracélli da Cruz perpassa pela abertura do espaço político para as mulheres e a participação feminina nas atividades políticas começando pela atuação de Jacinta Passos como a única mulher a ter candidatura lançada em 1945 pelo PCB. Quanto à Alina Paim, sua atuação na seção da Bahia foi pesquisada a fim de elucidar como uma mulher comunista expressava suas sensibilidades na arte literária, considerando os romances *Estrada da Liberdade* (1944) e *Simão Dias* (1949). É uma face de Alina Paim muito divulgada, mas pouco detalhada a que este trabalho vem contribuir com suas análises a respeito das principais instituições sociais (família, escola, igreja) que se configuraram como espaços de opressão da mulher.

O mais recente trabalho sobre *A hora próxima* é o artigo de Gilfrancisco sobre a greve, *Alina Paim: a greve na Rede Mineira de Viação* (2016), ainda em fase de publicação, foi gentilmente cedido pelo autor. O estudo mostra a importância da empresa ferroviária e a relação com os funcionários no que respeita às condições de trabalho e aos direitos trabalhistas. Detalha o processo contra Alina Paim por pesquisar

o movimento grevista e as mensagens de solidariedade à romancista. Apresenta, ainda, a adesão de parte da sociedade aos ferroviários e suas famílias para, então, direcionar-se à obra. Discorre sobre o Realismo Socialista e a Coleção Romances do Povo, fundamentos que geraram o romance proletário. Gilfrancisco traz a público o fato histórico que resultou em ficção, com dados precisos, documentais que confirmam a veracidade dos fatos e mostra a batalha cultural travada contra o governo.

Os trabalhos aqui apresentados demonstram olhares que se direcionam para a (re) descoberta das obras de Alina Paim, uma vez que o acesso é limitado e há poucas pesquisas sobre a autora. Entretanto, têm surgido interesses por parte de críticos e acadêmicos em pesquisar e apresentar estudos mais detalhados sobre os textos paimianos. Mesmo as análises que concernem ao romance *A hora próxima*, embora importantes e tendo contribuído para a dissertação que se realiza, não foram trabalhadas no contexto em que nos debruçamos, pois, o estudo em curso dedica-se à análise da ficção como fonte histórica, dentro dos limites do Realismo Socialista e de sua construção a partir do resgate da memória dos envolvidos no movimento grevista, colhidos pela autora com a finalidade de compor um romance em que o povo é o centro da narrativa.

A vida e a obra de Alina Paim estão interligadas pelos enfrentamentos de problemas sociais vividos pela autora e por suas personagens. As mulheres que protagonizam suas histórias sofrem os males da miséria, da exploração e simplesmente pelo lugar de mulher que ocupa na sociedade, o que as torna relutantes em aceitar o destino reservado.

Situando a vida da autora e suas obras, nos ateremos, na terceira parte deste trabalho, no projeto que deu origem ao romance *A hora próxima* dentro do contexto histórico e político.

3. A LITERATURA E O PROJETO POLÍTICO-CULTURAL DO PARTIDO COMUNISTA

Política, história e ficção compõem o romance *A hora próxima*, em que Alina Paim contempla a classe trabalhadora, registrando-a como sujeito da história. A partir da biografia da autora, é possível perceber a íntima relação entre a atividade política e a carreira literária, cujas jornadas estão entrelaçadas na obra. É resultado de um empreendimento do Partido Comunista do Brasil no campo cultural, tendo envolvido, principalmente, o jornalismo e a literatura, utilizados como instrumentos de informação e sensibilização no trabalho direto com os variados grupos de trabalhadores.

O caminho trilhado pelo Partido para alcançar a maioria da classe trabalhadora demandou muito trabalho e a elaboração de alternativas que demonstrassem a eficiência do novo que se apresentava. Além de pregar um mundo sem classes, o Partido baseava-se no governo soviético, com sua política de distribuição de terras aos trabalhadores rurais e uma vida de trabalho sem exploração aos povos da cidade, embora a realidade mostrasse seus limites para o fim das diferenças. Entretanto, seguia-se como horizonte a ser buscado.

Os costumes mais ligados ao ser humano configuram-se como construção cultural e refletem suas crenças, lutas, modos de trabalho e expressões artísticas e, acreditando na arte como instrumento de formação, o Partido Comunista da União Soviética e suas seções implementaram o projeto de expansão da ideologia comunista pelo mundo. Assim, o governo soviético implementou um projeto político-cultural como estratégia de disseminação das ideias que circundavam o cenário político da União Soviética e que foi importado para os países que buscavam implantar o comunismo.

3.1 O PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E O REALISMO SOCIALISTA

A estratégia de associar a cultura à política foi muito utilizada pelos partidos comunistas, a começar por aquele que primeiro assim se definiu, o Partido Comunista Russo, conhecido como bolchevique, por ser uma dissidência do Partido Operário

Social-Democrata Russo em oposição aos mencheviques. Dado o primeiro passo para a revolução em 1905 e sua concretização em 1917, ainda em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), consolidou-se como Partido Comunista da União Soviética. A expansão da ideologia pelo mundo promoveu a criação de Partidos em muitos países como seção da IC (Internacional Comunista).

As Internacionais, como ficaram conhecidas, surgiram como organizações de operários em 1864, em Londres, sendo a primeira a reunir representação de diversos países; Karl Marx foi convidado a tornar-se membro ficando encarregado de produzir os textos que direcionariam não apenas a organização naquele momento, mas se tornariam base ideológica para as três edições posteriores. A Primeira Internacional foi dissolvida em 1876. Em 1889, ressurgiu como a Segunda Internacional, durante a realização do congresso de trabalhadores em Paris, tentando manter as bases que sustentaram a criação da IC, apesar de um outro contexto político, resistindo até 1916. A terceira edição foi criada em 1919, sob a direção do PCUS, com o objetivo de reunir partidos comunistas de diferentes países; esta foi liderada por Lênin. Com a chegada de Stalin ao governo da União Soviética, em 1924, e dissidências em relação à Guerra Mundial, os congressos deixaram de ser anuais, sendo realizados até 1943, quando já era tratado apenas como um aparelho de política externa. Considerando a IC perdida para o stalinismo, o grupo liderado por Trotsky, membro do PCUS, perseguido por Stalin e expulso da União Soviética, criou a Quarta internacional em 1938, em Paris, reiterando as referências marxistas. Entre cisões e perseguições da polícia soviética, não teve condições de atuar, sendo recriada por ligas e associações de operários que deram continuidade à organização.

Enquanto se expandia, o PCUS desenvolvia as estratégias de conquista a fim de formar militantes aguerridos dispostos a implementar o socialismo pelo mundo a fora. Com esse objetivo, o governo soviético investiu na política cultural colocando a arte a serviço dos interesses políticos e a literatura destacava-se como uma das expressões mais eficientes. A literatura integrada aos interesses de um partido político foi um projeto defendido por Lênin, antes mesmo da Revolução de 1917. O artigo de Lênin, em 1905, propunha uma literatura de partido, de forma clara e objetiva:

A literatura deve tornar-se partidária. Em oposição aos costumes burgueses, em oposição à imprensa empresarial e mercantil burguesa, em oposição ao carreirismo e ao individualismo literários burgueses, ao «anarquismo aristocrático» e à corrida ao lucro, o proletariado socialista

deve avançar o princípio da literatura de partido, desenvolver este princípio e aplicá-lo da forma mais completa e integral possível (LENIN, 1905, s.p.).

O objetivo de Lênin se tornaria, após sua morte, um plano de forte controle durante o governo de seu sucessor, Josef Stalin. Os rumos tomados pelo governo soviético na fase stalinista, no que respeita à literatura, fica conhecido como Realismo Socialista. Instituído em 1934, o encarregado pelo método foi Zhdanov. O homem de confiança de Stalin declarou, em seu discurso no I Congresso de Escritores Soviéticos, a necessidade de uma literatura “honesta” que ilustrasse as lutas proletárias e chegasse ao povo:

Nossa literatura não está ainda à altura das necessidades de nossa época. Suas fraquezas refletem o atraso da consciência sobre a economia, atraso esse, é necessário dizer, de que nossos escritores ainda não estão inteiramente livres. É por isso que se torna necessário esclarecê-los incansavelmente sobre seu equipamento ideológico no espírito do socialismo; esta é a condição indispensável, sem a qual os escritores soviéticos não poderão reeducar a consciência de seus leitores. Fazendo-se assim, engenheiros de almas (1950, p. 6).

A opção por uma literatura que traduzisse as lutas do povo e ensinasse a organizar a revolução pretendia chegar a todas as categorias do proletariado, fazendo-as sentir, nas letras, o reflexo da vitória do proletariado. O partido assumiu a missão e iniciou uma produção literária que precisava estar intimamente ligada ao proletariado de forma indissolúvel (RUBIM, 1995). O projeto cultural do Partido Comunista abrangia jornais, revistas, editoras e demais formatos impressos, tudo sob orientação e vigilância.

Segundo Rubim, os teóricos marxistas sempre defenderam uma imprensa que atendesse aos propósitos da revolução em todos os seus formatos:

Atitudes e formulações de Lenin, Trotsky, Gramsci, Stalin, etc., e etc., e dos partidos marxistas da II, III e IV Internacionais, são apenas alguns exemplos da continuada atenção a esta questão, manifestas sob múltiplas e variadas formas: escolas de partido; jornais; revistas; editoras; livrarias; produtoras e distribuidoras cinematográficas; gravadoras; oficinas de arte; grupos de música, canto, teatro, dança, etc.; instituições e encontros culturais, dentre outras. Alguns destes partidos construíram, em verdade, complexas e imensas redes de organização, produção e difusão de cultura (1995, p. 21).

Antes da elaboração de uma literatura de partido, muitas obras de Marx-Engels que percorreram o mundo traduzidas para várias línguas, como o *Manifesto Comunista*

(1848) e *O Capital* (1867), só para citar as duas mais conhecidas. Apesar das traduções e importações dessas obras acontecerem independentemente da interferência do PCUS, a criação de um grupo editorial a serviço do governo, intensificou a chegada dos textos de Marx e Engels em muitos países.

O francês foi o idioma que possibilitou a chegada das obras marxistas ao Brasil e a outros países da América Latina, visto que muitas editoras, a partir da França, traduziam para português e espanhol. Além de Marx e Engels, também foram trazidas para o Brasil obras de Máximo Gorki, Lenin e Trotsky. O projeto literário via a imprensa como ferramenta imprescindível para a solidificação do Partido. Os anos que sucederam a outubro de 1917 foram marcados por mudanças nos planos dos comunistas bolcheviques que tiveram que ampliar a economia para manter o país produzindo até obter as condições para efetivar o socialismo. Edgard Carone, no panorama das publicações marxistas no Brasil, enfatiza a necessidade dos bolcheviques de “utilizar instrumentos mais permanentes e consequentes para a difusão de seus princípios” (1986. p. 34). Da III Internacional surge a primeira editora do partido – Éditions de l’Internationale Communiste – em língua francesa; daí surgem outras em russo, alemão e inglês. A expansão das obras marxistas ocorreu num momento de grande repercussão do governo soviético e ajudou a encaminhar o surgimento de partidos comunistas em outros países.

O círculo literário soviético tinha como representante dessa literatura de partido o escritor Máximo Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov. Aquele que seria o grande nome da literatura soviética teve que superar a pobreza e orfandade a fim de ter algum contato com os livros. Aos 22 anos, se interessa pela política, começa a ler Marx e seguir Lênin, o que o torna alvo das autoridades russas, resultando em prisão. Ao ser libertado, adota o nome de Máximo Gorki para continuar escrevendo sem chamar a atenção.

O artigo de Serguei Durilian, publicado no Jornal *O Momento*, traz o título “Gorki, escritor de estatura universal” e o coloca à altura de Dostoiévsky e Leon Tolstói, ovacionando-o no décimo aniversário de sua morte. Assinala que suas peças teatrais refletem o sofrimento da alma humana sempre mantendo nela a esperança de uma vida melhor. Seu desejo maior, segundo Durilian, era “despertar nos homens uma atitude dinâmica em face da vida”

A forma das obras de Gorki surpreende pela novidade. A literatura mundial tanto conhecia grandes realistas como grandes românticos. Porém, em

Gorki, o realista autêntico e implacável, o racional pintor de existência, o crítico agudo dos aspectos sombrios, o profundo analista dos atos e do perambular humano através do imenso campo da vida, se conjugavam com um eloquente romântico, um vigoroso e radiante poeta, que possuía fé na formosura e na grandeza do homem sobre a terra (DURILIAN, 1945, p.9).

Antes mesmo de ser instituído no I Congresso de Escritores Soviéticos, em 1934, um romance lançado em 1925 já indicava o estilo a ser seguido na literatura. *Cimento*, de Fyodor Gladkov, é considerado um romance pré-realismo socialista.

Gladkov estava próximo de Maxim Gorki e outros escritores que, desde os anos iniciais da revolução, lutava, pela afirmação de uma “estética proletária”. Quando o realismo socialista tornou-se a estética oficial e padrão a ser seguido à força pelos artistas soviéticos, *Cimento* tornou-se um dos principais modelos de romance proletário, embora sua linguagem crua e descrições naturalistas provavelmente tenham parecido excessivas no contexto mais conservador da URSS dos anos 1930 (MOTTA, 2006, p.150).

A discussão de Motta baseia-se na utilização de impressos na construção da vida política de um país durante o século XX. O autor analisa tanto a “demonização das ideias revolucionárias” quanto a propaganda do Partido Comunista, ambas utilizando o mesmo veículo condutor: o livro. Muitos foram os romances publicados na União Soviética e em países que intencionaram implantar um governo socialista seguindo o estilo oficial. Entretanto, o atrelamento da arte à política não foi uma unanimidade entre os defensores do governo socialista. À medida em que as críticas iam se configurando e ameaçando o projeto, a vigilância aos escritores foi intensificada e tornou o realismo socialista um modelo a ser seguido sob o autoritarismo stalinista, sendo rechaçado por membros internos.

Uma das críticas foi elaborada por Leon Trotsky. O líder do Exército Vermelho, desligado do governo soviético por divergências internas quanto aos encaminhamentos dos rumos do socialismo no país, rememora a arte antes da revolução de 1917 e garante que, no momento de tamanhas mudanças de um país, a arte não iria fugir à regra, ela estaria para a revolução sem precisar ser patrulhada pela política. Quando a política resolve se ocupar da arte, aprisiona-a e a empobrece. Ao escrever *Literatura e Revolução*, em 1924, já percebia a intervenção administrativa sobre a literatura e defendia uma postura revolucionária diante da arte que permitisse ao povo menos trabalho e mais tempo livre para a cultura, isso proporcionado pelas mudanças que o socialismo deveria estar realizando:

A arte deve abrir por si mesma seu próprio caminho. Os métodos do marxismo não são os mesmos da arte. O Partido dirige o proletariado, não os processos da história. Sim. Há domínios nos quais ele dirige de forma direta e imperativa. Há outros onde apenas inspeciona e ajuda. E, finalmente, alguns onde somente se orienta. A arte não é um domínio que chame o partido a comandar. Ele pode e deve protegê-la, estimulá-la e só indiretamente dirigi-la (TROTSKY, 1969, p. 187).

Se pensarmos na revolução como mudança estrutural de um país em que todas as suas bases de sustentação serão transformadas e não apenas modificadas, não é difícil compreender que não se aceite manter inalterada a cultura considerada burguesa. O desafio é estabelecer uma mudança que se propõe cultural, por isso mesmo depende da transformação de valores, costumes, novos hábitos e gostos, mas que só vai acontecer quando o povo passar a se sentir parte dessa nova sociedade e nesse “novo mundo”, passar a produzir e demandar essa nova cultura. Se a literatura é burguesa e promove o capitalismo, precisa-se fazer a transição maior primeiro para que ela acompanhe o processo.

Essa transição ocorreu no momento histórico-político em que a cultura passou a ser um mecanismo de formação utilizado pelo governo soviético, diretamente endereçado à parte operária da população. A partir da adoção e organização do projeto cultural, o povo passou a sentir-se parte da sociedade, por se ver representado nas artes. A fim de garantir a verossimilhança da narrativa, a história tornou-se pano de fundo da matéria ficcional, possibilitando a transformação de valores e costumes.

Analisando que os rumos que o país tomava não eram os defendidos durante o processo revolucionário, Trotsky já adiantava que o governo soviético faria o contrário: nas dificuldades de implantação de um estado socialista cercado de blocos capitalistas, faria do setor cultural uma das estratégias de consolidação do regime, o que se evidenciou em 1934 com a criação do gênero Realismo Socialista. Quando Trotsky se dispõe a falar de arte, ele a entende num contexto muito amplo e nas contradições que existiriam entre o homem e o mundo pós-guerras e acreditava que a humanidade sairia bem melhor após vencer a fome, a miséria e as disputas com a natureza. Considerava a arte proletária e a arte revolucionária partes do processo de transição de regimes, mas que deveriam se diluir diante de uma autoeducação. E, numa análise visionária, afirmou que “a técnica tornar-se-á a inspiração mais poderosa do trabalho artístico. E, mais tarde, a oposição entre a técnica e a arte se resolverá numa síntese mais elevada” (1969, p. 214).

Oposições como esta ao controle da arte pelo partido, principalmente as diretamente atribuídas ao realismo socialista, mostram que nenhuma expressão vista como artística o será de fato se estiver atrelada a determinados interesses. Não só as obras sob essa estética estiveram na mira da crítica como o próprio poder que as regia e que observava suas lideranças. Stalin e Zhdanov, administrativa e artisticamente, colocaram o ideal socialista num precipício que, enquanto seus militantes tentavam resgatá-lo, mais pendulava para o fracasso. Muitas posições contrárias eram feitas na tentativa de salvar o que ainda restava, pois, muitas reações adversas eram a dos próprios idealizadores e construtores do comunismo pelo mundo.

Muitos intelectuais soviéticos sofreram perseguição, tortura e morte por parte do governo de Stalin, acusados de se revelarem como inimigos da nação. O perigo seriam as obras que resgataavam os projetos iniciais do Partido Comunista ou, ainda, os ideais marxistas que nortearam muitos romances. Mas também, os escritores que mesmo resguardando os princípios comunistas, preservaram a liberdade da criação literária, sofreram a censura de suas obras, como é o caso de Alexander Soljenitsin, considerado um dos maiores escritores soviéticos, foi condenado a oito anos de trabalhos forçados nos campos de concentração soviéticos, conhecidos como *Gulags*. Em suas obras, revelou a crueldade nos Gulags. Outro exemplo é Isaac Babel, discípulo de Gorki, o escritor acabou sendo perseguido pelo regime soviético por ser considerado uma ameaça aos interesses do governo pelo teor de suas obras.

A moldura em que colocaram a literatura produzida sob a direção e vigilância do Partido Comunista pecou pela forma tentando acertar no conteúdo. O realismo socialista chegara ao Brasil em 1942 e os desdobramentos desta influência na literatura brasileira serão discutidos na próxima seção.

3.2 PCB e Realismo Socialista no Brasil

O livro de Medeiros, *Rússia*, foi, talvez, o inaugurador no Brasil de um gênero literário que iria frutificar por muitas décadas: relatos de viagens aos países socialistas. Várias obras de natureza semelhante vieram à luz na primeira metade dos anos 1930, uma delas saída da pena do então pouco conhecido historiador marxista Caio Prado Jr. (*U.R.S.S., um novo mundo*) (MOTTA, 2006, p.137).

O desenvolvimento das forças produtivas do Brasil, no início do século XX, impôs a necessidade de organização da classe operária, cuja atuação já era de enfrentamento às iniciativas do governo brasileiro. Impulsionados pelos ideais socialistas após a Revolução Russa (1917), alguns militantes anarquistas e operários se rendem à organização partidária fundando em 25 de março de 1922 o Partido Comunista do Brasil.

Nove membros representaram o Brasil na reunião de fundação do Partido: Hermogênio Silva, operário eletricitista da Light (empresa de eletricidade) na cidade de Cruzeiro e, posteriormente, ferroviário da Rede Mineira de Viação na mesma cidade; Manuel Cédon, artesão-alfaiate; Joaquim Barbosa, também sindicalista e artesão; Astrogildo Pereira, jornalista, filho de médico proprietário rural e comerciante; João da Costa Pimenta, gráfico, militante sindical e ex-anarquista; Luis Perez, artesão-vassoureiro, filho de vassoureiro anarquista; Abílio de Nequete, barbeiro sírio, organizou o congresso de fundação do Partido, representava o PC uruguaio e o Birô da IC para a América do Sul; e Cristiano Cordeiro, professor, funcionário público de Recife, militante que sofreu muitas perseguições.

O Partido nasce no momento em que se vislumbrava um horizonte de uma sociedade igualitária para os trabalhadores nas dimensões de um país como a Rússia e o objetivo de transformar a realidade brasileira seguindo os ideais libertários da III Internacional. Para tanto, o Partido Comunista do Brasil precisava ser aceito como seção da Internacional Comunista e firmar as bases teóricas no marxismo-leninismo. Responsável pela condução da revolução proletária, o então governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) resolveu colocá-lo na ilegalidade temendo aos muitos movimentos anti-governistas.

Mesmo sem permissão para atuar, o Partido Comunista intensifica suas ações investindo na imprensa partidária, aumentando a circulação de textos de Marx e Engels, que já chegavam ao Brasil através de movimentos anarquistas. O Partido também criou jornais e revistas a fim de difundir suas ideias junto ao operariado e, mais tarde, delegou à produção ficcional a missão de concretizar no imaginário do povo a realização de uma sociedade livre.

Quando o Partido decidiu iniciar a formação política, através da literatura, contava com um respeitável quadro de intelectuais que a cada período se agigantava. Antes mesmo da fundação do Partido, Astrogildo Pereira, secretário-geral da mais

nova seção da Internacional Comunista e que seria o principal responsável pelos textos literários que circularam nas revistas do partido, já lançava o mensário *Movimento Comunista* em dois de janeiro de 1922.

Este mensário, órgão dos Grupos Comunistas do Brasil, tem por fim defender e propagar, entre nós, o programa da Internacional Comunista. Dentro dos modestos limites de nossas possibilidades, pretendemos torná-lo um repositório mensal fidedigno de doutrina e informação do movimento comunista internacional (PEREIRA, 1980. p. 16).

Na primeira década de existência do Partido Comunista do Brasil, segundo o mapeamento de Edgard Carone (1986), a produção é pobre em literatura, mas forte em panfletos e jornais por conta do período de consolidação, refluxo do movimento operário e poucos recursos para se manter. Em Moraes (1994), temos um panorama geral da produção do Partido, como o Jornal *A Classe Operária*, começando em 1925, que é um dos periódicos de maior circulação no período inicial do partido, a fim de reforçar os núcleos. A primeira revista, de acordo com Rubim, pode ter sido a revista *O Maracujá*, em 1926, em Recife, “Ela se define como uma publicação de crítica, política e literatura” (1995. p. 25). Em 1927, surge o diário *A Nação*. As publicações culturais contam com vários literatos e críticos que dispõem de capítulos de romances, poesias e críticas. Deste modo, um contingente significativo de jornais, revistas, romances, biografias e traduções de obras marxistas circulou entre as décadas de 1920 e 1940, superando os longos períodos de ilegalidade.

A linha ideológica apareceu em 1930, com a circulação de obras de autores como Máximo Gorki, Marx e Engels, Trotsky e Lênin, bem como os livros de literatura proletária russa que são publicados no Brasil. Relatos de viagem à Rússia tanto por estrangeiros quanto por brasileiros foram editados no Brasil através do partido. Foi lançado o periódico *A Manhã*, em 1935 e teve grande impulso até 1937. Entre 1937 e 1945, conviveu com a ilegalidade, mas manteve alguns jornais em atividade, embora seus dirigentes tenham sofrido forte repressão. Voltando à legalidade em 1945, alcançou seu auge chegando a ter oito diários, alguns já citados anteriormente. Além da imprensa, outros fatores favoreceram a popularização do partido, como a anistia de vários membros, incluindo Luiz Carlos Prestes, o primeiro Secretário-geral do partido e reconhecido como a grande figura do comunismo no Brasil; o entusiasmo com o fim da II Guerra Mundial; e a vitória dos Aliados. Em 1946, o Partido disputou as eleições em que foram eleitos Prestes, como senador, 17 deputados e inúmeros vereadores em todo o país. No ano seguinte, o presidente Dutra considerou inconstitucional todo

partido que se declarasse contra o governo, e novamente o Partido Comunista do Brasil foi parar na clandestinidade e teve a cassação dos eleitos nas eleições do ano anterior.

Quando a literatura marxista chega ao Brasil, ela tem como público parte do operariado – que lê – e a intelectualidade. Carone explica esta influência de forma emblemática: “influencia marginalmente na década de 20, marca-nos profundamente na década de 30, torna-se mais sensível, com maior riqueza de nuances, nas décadas do pós-guerra” (1986, p.73). A partir de 1945, a intelectualidade brasileira, começa a produzir com Caio Prado Júnior, Leôncio Basbaum e Nelson Werneck Sodré, que representam o amadurecimento dessas ideias no Brasil.

Moraes registrou a implantação do modelo stalinista-zdanovista, conceituado como realismo socialista, no projeto de difusão cultural no período de 1947 a 1953. Sua pesquisa aponta a forma de divulgação dos periódicos e a construção de obras literárias atreladas às normas estabelecidas pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética que fora transplantado para os países aliados.

Considerando a influência da cultura no processo revolucionário, os conceitos de ideologia e de hegemonia defendidos por Gramsci nos ajudam a entender a metodologia apreciada pelos comunistas. A ideologia é vista como um campo de batalha onde se disputam as ideias num determinado período histórico que se consolida pelo consenso entre várias frações de uma mesma classe. Já a hegemonia, por seu turno, é o poder, nunca definitivo e sempre a ser defendido, que se conquista através do consenso e permite a reprodução da ideologia, então dominante. A imprensa dá visibilidade a essa ideologia que se propaga, segundo Moraes, pela “emissão das mensagens que podem amplificar, obscurecer ou silenciar partes da realidade, conforme as diretivas do sistema enunciador” (1994, p.28). Assim, a luta pela hegemonia passa pela indispensável propagação de ideias e ideais.

Ainda amparados em Gramsci, podemos pensar na revolução cultural que propunha a utilização dos meios de comunicação e da cultura popular, preparando homens e mulheres para a vida, não só para o trabalho. Assim, para o estudioso, a “cultura é uma concepção de mundo e de vida, coerente, unitária e de difusão nacional; é uma religião laica. Uma filosofia que se tornou cultura gerou um modo de viver, uma conduta civil e individual” (GRAMSCI, 2006, p.103).

A ação cultural, em todas as suas manifestações, possibilita batalhas ideológicas entre os grupos sociais e, por ela, é capaz de formar, informar e sensibilizar o sujeito que se identifica na arte expressa.

Também nas relações de poder, Gramsci (2002) colocou a cultura como instrumento para alcançar a hegemonia e mantê-la através de constantes disputas. A hegemonia cultural proposta pelo comunista italiano requer união e formação da classe trabalhadora para atuar no bloco histórico enquanto operário e intelectual e, dessa forma, estar preparado para travar as lutas necessárias. A cultura popular costuma ser considerada como algo pitoresco e, por isso, uma cultura menor, dando, assim, lugar à alta cultura, que seria a burguesa, ou a do grupo então dominante. Para Gramsci, “seria preciso estudar o folclore, ao contrário, como concepção do mundo e da vida” (2006, p.133) e, desse modo, considerá-la – a cultura popular – fora dos padrões sistemáticos e politicamente elaborados.

Inserida na amplitude que o termo cultura abrange, a literatura representa o trabalho elaborado com a linguagem, no qual técnica e estilo compõem as bases de sua elaboração. Na busca por definir literatura, Eagleton (2006) a coloca como expressão das relações de poder; ela não existe por existir, não depende de gosto nem de juízo de valor que dela se faz, a literatura é expressão da eficácia de um grupo dominante.

A literatura é, também, a arte popular, que o povo constrói em seu cotidiano, e não apenas a que é construída nas academias; por isso, Gramsci (2006) defendia a cultura popular e criticava a preferência dos italianos pelos clássicos estrangeiros, enquanto desvalorizava as próprias produções. A relação entre literatura e cultura se fortalece ao passo que uma se torna forma de expressão da outra.

Amparados nesta reciprocidade, a política serve-se da cultura em todas as suas manifestações e, mais precisamente, da literatura para chegar ao seu objetivo. Através da linguagem culta ou popular, da poesia ou do panfleto, a arte escrita é, sem dúvida, o grande instrumento de divulgação da ideologia de grupos político-partidários.

Aparelhados por essa base teórica e pela estrutura editorial, o projeto político-cultural do Partido Comunista do Brasil alcançou êxito na criação e distribuição de jornais e revistas que divulgavam as ideias comunistas em todas as regiões do país. Percebendo o processo de formação política em andamento, o Partido resolve, então, aplicar a mesma estratégia à produção ficcional; assim, os leitores teriam nos romances a materialização da vitória sobre o capitalismo e suas formas de opressão.

Algumas obras com esse teor haviam chegado ao Brasil como os romances de Máximo Gorki e Leon Tolstoi. No entanto, a produção nacional de romances cujo protagonismo é da classe trabalhadora, será implantada no Brasil em 1942, sob a orientação de Jorge Amado, seguindo os preceitos do modelo oficial soviético para as artes, o Realismo Socialista. A estética literária proposta exige do autor o maniqueísmo na construção de personagens, pois estes precisam representar fielmente o indivíduo a ser exaltado e seguido. As ações são orquestradas pelo didatismo, como uma fórmula a ser seguida, e revelam uma proximidade nada casual com a realidade, o que rende a maioria das críticas feitas aos romances.

A segunda obra de Jorge Amado, *Cacau* (1934), é um exemplo do engajamento de um autor às questões políticas, neste caso, ao Partido Comunista, por apresentar um panorama da realidade brasileira durante a Era Vargas. O romance realça a interferência do Partido nas discussões e decisões a respeito dos problemas políticos e econômicos vividos pela sociedade brasileira incorporada no protagonista Cearense. O romance antecipa o gênero que seria seguido no Brasil na próxima década.

Não parece ter sido difícil para Amado compreender um estilo literário que trouxesse a situação social do Brasil para o interior do romance, costurando as ações da narrativa de: modo que o enredo direcione o desfecho para a eclosão de uma nova sociedade sustentada nos pilares do socialismo. Por isso, Cristaldo (2004) fala que Amado importa Zhdanov, referindo-se ao transplante da estética literária da União Soviética para a realidade brasileira. O estilo criado dentro do Partido Comunista é exaltado como arte verdadeira e superior à literatura existente, que é considerada burguesa. O que não foi considerado nessa adoção foram os anos que separam a Revolução Russa das mudanças políticas ocorridas em 1930, para implantar um projeto como se as duas nações estivessem sob as mesmas condições. Segundo Duarte:

O curioso é que este momento se dá não em função de ter surgido entre nós o poder proletário, mas uma ruptura de características históricas bastante diversas. Referimo-nos aos acontecimentos de 1930. A distância que separa o Outubro russo do Outubro brasileiro com certeza é bem maior do que a existente entre Moscou e São Paulo, ou da que distingue Lênin de Getúlio. Entre nós, o estabelecimento de uma literatura comprometida com o socialismo passa pelo viés histórico de 1930 e pelo “Estado de Compromisso” surgido da cisão entre as oligarquias (2005, p. 26).

Mesmo com um certo anacronismo em relação às circunstâncias que separam a URSS e o Brasil, a tarefa de implementação do Realismo Socialista foi concretizada em 1942. No entanto, a importação do projeto soviético encontrou rejeição entre os escritores que davam sustentação ao Partido. Uma discordância considerável partiu de Graciliano Ramos; sua postura quanto ao Realismo Socialista, pelo demonstrado em suas biografias, fora de recusa e desinteresse, como relata Ricardo Ramos.

Resolveram no partido: os escritores deveriam ter um organismo profissional, uma célula que os reunisse. Decidiram de cima, logo cumpriram. Na primeira (reunião) muito previsível, leram o documento de Zhdanov sobre literatura e arte. Aquilo tudo que se sabe ou quase tudo, sobre Realismo Socialista. Graciliano suportou o mais de que pode, até explodir: “Isso está escrito em chinês?” (1992, p. 99).

Durante o processo de implantação, Ramos, enquanto militante, seguiu os trâmites que levavam às decisões, leu o documento e, então, disparou sua opinião: “– Esse Zhdanov é um cavalo”. Considerava o texto informe em sua concepção mais genérica e propôs que a célula fosse dissolvida por falta do que fazer.

Moraes, na conceituada biografia de Graciliano Ramos, deixa clara sua impressão sobre o gênero no Brasil:

Para ajustar-se ao figurino zdanovista, o CC não hesitou em recrutar uma força-tarefa disposta a produzir “literatura com objetivos sociais revolucionários”, como se dizia nos corredores da Fração Parlamentar, antigo escritório da bancada comunista na Constituinte de 1946, agora transformado em fachada legal para as atividades do PCB (2012, p. 437).

Alguns escritores brasileiros irão se render à estética defendida pelo Partido, como muitos o fizeram em vários países onde o socialismo estava em curso. Entre tantos nomes já conhecidos na literatura brasileira e engajados ao Partido Comunista, como Dalcídio Jurandir, José Ortiz Martins, Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, o destaque para Alina Paim decorre da importância de sua arte para a memória de um grupo de trabalhadores que enfrentaram a força e a arrogância do empresariado e do governo.

Alina Paim, Dalcídio Jurandir e Plínio Cabral foram alguns dos escritores encarregados de elaborar romances na fórmula prescrita pelo Comitê Central do Partido Comunista. Os “heróis positivos” do proletariado deveriam ser “divinizados” em suas lutas contra a dominação burguesa. Aos romancistas, passou-se a exigir que reconhecessem de perto as suas condições de vida para poder retratá-los com

fidelidade. O paraense Dalcídio foi mandado para a cidade gaúcha de Rio Grande a fim de preparar um livro sobre os portuários locais; e Alina Paim acabou documentando as reivindicações dos ferroviários da Rede Mineira de Viação (MORAES, 2012).

A criação da Associação Brasileira de Escritores era, também, uma forma que os artistas encontraram para se fortalecer numa frente nacional contra os desmandos da ditadura. Nesse ano, a produção sofre grande redução com o fechamento de muitos periódicos que iam reabrindo com novas denominações. A partir daí, há um ressurgimento, mas a temática concentra-se em guerra, nazismo e ferramenta de trabalho. Veremos, a seguir, a importância da organização dos escritores brasileiros ligados ao Partido.

3.2.1. Associação e Congressos de Escritores Brasileiros

A organização dos escritores militantes do Partido foi determinante no processo de implementação do método zhdanovista no Brasil. Com a criação da Associação de Escritores Soviéticos, em 1934, realizou-se o congresso que ditava as normas para as produções literárias e, ao chegar ao Brasil, em novembro de 1942, foi criada a Associação Brasileira de Escritores (ABDE), como uma entidade de classe, em defesa dos intelectuais das letras. A associação defendia o ofício do escritor, principalmente, em relação aos direitos autorais; porém, o momento político em face do Estado Novo acabou direcionando as atenções e os debates para o papel do escritor no mundo moderno, defrontando-se, portanto, com as questões políticas do governo Vargas. A ABDE teve seu Estatuto aprovado em fevereiro de 1943, quando formou sua primeira diretoria para o biênio 1943-1944, tendo a seguinte composição: Otávio Tarquínio (Presidente); Carlos Drummond de Andrade (Vice-Presidente); Álvaro Lins (1º Secretário); Dante Costa (2º Secretário); Marques Rebelo (Tesoureiro); Manuel Bandeira; Rodrigo Melo Franco de Andrade; José Lins do Rego; Astrojildo Pereira e Dinah Silveira de Queiroz (Conselho Fiscal) (CEDEM, 2008).

Em 1944, foi deliberada a realização do I Congresso de Escritores Brasileiros que veio a realizar-se no período de 22 a 27 de janeiro de 1945, no Teatro Municipal de São Paulo. O Diretório Central do Congresso foi presidido por Aníbal Machado e o vice-presidente, Sérgio Milliet. As delegações estavam organizadas por estado e

Alina Paim representava a Bahia que levou mais 26 delegados ao Congresso, dentre eles: Afrânio Peixoto, James Amado, Jorge Amado, Jacinta Passos e Fernando Tude (MOTA, 2008, p.177). O conclave reunia, nos intelectuais, o sentimento de participação na vida política do país e a satisfação de colocar seu trabalho a serviço da mudança. Mesmo unidos no ideal de oposição ao governo, não havia unidade quanto a alguns encaminhamentos do Partido, principalmente porque alguns apoiavam Vargas e defendiam uma nova Constituinte, como Amado, aclamado vice-presidente da ABDE; havia ainda os que defendiam a queda do ditador. Os congressistas aprovaram três princípios norteadores, segundo consta no documento manuscrito (CEDEM, 2008), sendo eles: legalidade democrática como garantia de liberdade plena; eleições diretas pelo voto secreto; e o pleno exercício da soberania popular.

A adesão ao Partido Comunista do Brasil foi aumentando, conquistando muitos artistas, e alcançou seu apogeu em 1945, período de curta legalidade e grande credibilidade ocasionada pela eleição de parlamentares para o Congresso Nacional. Contando com tamanha qualidade de seus artistas militantes, não foi difícil produzir uma literatura em que os romances retratassem as lutas travadas pelos trabalhadores e sensibilizassem o público a engajar-se no sonho revolucionário. Do considerável elenco que integrava o partido, muitos são encarregados de colaborar e até de comandar jornais e revistas dedicados à literatura e à imprensa em geral.

Nesse período, surgem importantes periódicos como *‘Fundamentos*, em São Paulo (1948); *Para Todos*, no Rio de Janeiro (1949); *Horizonte*, em Porto Alegre (1950); *Seiva*, em Salvador (1950) e *Orientação*, em Recife (1951). Além das revistas, tiveram jornais de grande expressão, como *Voz Operária* e *Imprensa Popular* (RJ), *Jornal do Povo* (MA), *Jornal do Povo* (PB), *Folha do Povo* (PE), *O Momento* (BA), *A Voz do Povo* (AL), *Notícias de Hoje* (SP), *Tribuna Gaúcha* (RS), *Tribuna do Povo* (PR) e *Folha Capixaba* (ES).

Dentre essa imprensa partidária, tive a oportunidade de consultar os jornais *Fôlha Popular* e *Jornal do Povo*, no Instituto Histórico de Sergipe, e a revista *Época*, na Biblioteca Estadual Epifânio Dórea.

A perseguição do governo e a falta de recursos desestabilizavam o processo de manutenção e de reconstrução de editoriais, fato que levou à perda de documentos importantes, bem como a falta de recursos financeiros também complicava o processo de reconstrução. Exercitando a capacidade de se reerguer, o partido foi se mantendo

vivo e grande parte desta sobrevivência deve-se à divulgação da ideologia do partido que estava sempre circulando em diferentes formatos.

Além dos problemas no Brasil, as dificuldades geradas pela Guerra Fria, que dividiu o mundo em Bloco Capitalista, liderado pelos EUA, e Bloco Socialista, liderado pela URSS, pioravam a situação global e interferiam nos planos em andamento, exigindo, assim, mudanças significativas na metodologia e na intensidade da temática discutida nos impressos do Partido. A inovação teve grande recepção porque contava com renomados escritores que eram ligados ao Partido e ainda promoveu visibilidade aos menos conhecidos. Todo o investimento nas artes literárias gerou opiniões contraditórias e um engessamento no processo de criação literária, o qual passou a ser regido por métodos rígidos.

A produção editorial do Partido Comunista do Brasil vai caminhando, mesmo encontrando diversos obstáculos, e resiste a mais um período de ilegalidade e forte perseguição durante a ditadura de Vargas (1937 a 1945).

Após 1945, o Partido passa a ter editora própria impulsionada pela difusão de obras de cunho comunista pelo mundo e os editoriais Vitória e Horizonte são os principais difusores da literatura comunista, todos trabalhando no processo de divulgação das ideias do Partido e na formação da classe operária. Das edições do Editorial Vitória, sobressaem as coleções Romances do Povo e Novos Horizontes, “ao lado da literatura oficial dos diversos partidos, principalmente da URSS, tratando de assuntos brasileiros, questões políticas e sociais do mundo capitalista” (ALMEIDA, 1986, p.72); ademais, há ainda a reedição de grandes obras de Marx e Engels.

Mesmo sob o governo Vargas, 1945 é um ano que muda os rumos dos militantes, pois a luta contra o nazismo durante a II Guerra dividiu o partido; “enquanto uns têm como palavra de ordem a convocação de uma Constituinte com Vargas e uma anistia ampla aos presos políticos, outros insistem na deposição imediata do ditador” (ALMEIDA, 1979, p.204). A destituição de Vargas do governo, o curto período de legalidade, a eleição de Prestes para o Senado, Jorge Amado e outros quadros para a Câmara Federal e muitos vereadores dão um novo ritmo ao partido que será novamente interrompido, agora pelo governo Dutra.

A política cultural do Partido Comunista sempre deu especial atenção à literatura que, em seus periódicos, prestigiava artigos, poemas, capítulos de romances

sem contar a divulgação das obras em publicação. Investiram, inclusive, em revistas especializadas em assuntos literários como *Literatura e Para Todos*.

Literatura foi criada em 1946 e dirigida por Astrojildo Pereira. Seus colaboradores eram ligados a vários partidos, mas ficava evidente como órgão do Partido Comunista Brasileiro. Regina Behar, ao apresentar a revista em seu estudo, consolida a importância dos dez números publicados em seus dois anos de existência.

A revista *Literatura* expressou a perspectiva de “frente” afirmando uma posição não sectária e abrindo espaço para a contribuição de intelectuais não comunistas. Em suas páginas publicaram-se poemas, ensaios, contos, documentos históricos, crônicas, resenhas literárias, capítulos de romance, textos biográficos (1992, p.33).

Enquanto a circulação de periódicos se intensificava, o contexto da guerra fria e as disputas internas pela direção da ABDE fizeram com que se chegasse ao II Congresso, realizado em Belo Horizonte, de 12 a 17 de outubro de 1947, num clima de tensão

Os problemas surgiram a partir de uma situação de acirrada luta pelo poder. Ambos os grupos queriam a direção da Associação. Estimulados pelo clima de sectarismo comunista de um lado e reação anticomunista de outro, os grupos se atacavam. Mas estes grupos não eram apenas representados por comunistas e “liberais” existiam as esquerdas que atuavam fora do PC, representadas por grupos de socialistas e trotskistas que formavam uma frente no PSB – Partido Socialista Brasileiro, fundado em 1947 (BEHAR, 1992, p.100).

Muita disputa durante a formação das delegações e estratégias para eleger o maior número de delegados ligados ao Partido. A defesa dos princípios deliberados no I Congresso e uma linha política de união nacional, estava apenas na formalidade. Divergências na apresentação e aprovação de moções como a de Aires da Mata Machado Filho, que solicitava ao Supremo Tribunal Federal o restabelecimento dos direitos políticos aos parlamentares que tiveram seus mandatos cassados. O fato de Aires não ter apresentado a moção à Comissão de Assuntos Políticos gerou a renúncia de seus membros e opiniões contrárias de outros delegados. Fato é que os integrantes do Partido Comunista defendiam abertamente sua sigla partidária num coletivo em que muitos não simpatizavam com o Partido (BEHAR, 1992). O acirramento das disputas foi contornado com a anulação da moção de Aires e a renovação dos Princípios que tentou atender a todos os lados, adiando a cisão iminente para o III Congresso.

Durante o II Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte, Alina Paim foi eleita segunda secretária da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), para o Biênio 1947-1948, no qual representou a Bahia ao lado de Jacinta Passos, numa participação significativa de mulheres, registrada em *Momento Feminino* (1947).

O novo período de clandestinidade em que vive o Partido Comunista a partir de 1947 tem um peso ainda maior que os anteriores, porque custou o mandato de importantes quadros, sendo todos cassados. O projeto literário é retomado atendendo às definições do Realismo Socialista sob a responsabilidade de Jorge Amado. Houve, neste período, grande fluxo e refluxo de intelectuais em todas as áreas das artes. O partido foi enrijecendo o setor cultural, e Jorge Amado defendia que a política deveria predominar sobre a arte.

O cenário político se refletia entre os intelectuais e desde o último congresso, os descontentes esperavam que o próximo fosse um fracasso. Porém, em Salvador, entre os dias 17 e 21 de abril de 1950, o evento reuniu grande número de intelectuais e surpreendeu pela participação. A cisão entre as frentes de São Paulo e Rio de Janeiro provocaram a criação de associações dissidentes que também realizaram debates. As teses estavam, em sua maioria, dedicadas à leitura e à preocupação com a literatura didática. A seção paulista da ABDE não participou do III Congresso. Na imprensa do Partido Comunista do Brasil, o evento foi um sucesso e “uma afirmação vigorosa do espírito democrático de nossos escritores e intelectuais, na defesa da cultura de nossa Pátria e de nosso povo” (MOMENTO FEMININO, 02/05/1950, p.4). A revista registra a participação feminina no Congresso e saúda Ana Montenegro, redatora do periódico, Nair Batista e Alina Paim que representaram o Distrito Federal. Os princípios aprovados estavam baseados nos problemas econômicos, apontados como motivo do atraso da cultura nacional.

O IV Congresso Brasileiro de Escritores aconteceu em Porto Alegre, de 25 a 30 de setembro de 1951. A comissão organizadora foi presidida por Cleto Seabra Veloso, que era o vice-presidente da ABDE, e Alina Paim representava mais uma vez o Distrito Federal como delegada. Alina, neste momento, integrava a diretoria da ABDE que estava sendo presidida por Graciliano Ramos.

O clima de desagregação em relação ao ideal que fez nascer a ABDE colocava distante os objetivos iniciais. Entidades por todo o país que davam sustentação à associação, agora se dividiam pelas afinidades com as dissidências. O tema do IV

Congresso versava sobre o escritor, os problemas econômicos e os direitos autorais; a defesa de cultura e a paz; o escritor e a defesa da liberdade; problemas da difusão da instrução pública; e defesa do patrimônio cultural, tratando de Literatura infantil, Literatura científica e didática, jornal e revista, intercâmbio cultural, aquisição de livro estrangeiro e a defesa do livro nacional. A extensa pauta visava encaminhar as discussões para as questões culturais e restabelecer a unidade entre os escritores. Quanto às divergências internas, muitas delas foram acarretadas pelas orientações do partido, principalmente a seção de São Paulo.

O conclave que reuniu 165 delegados homenageou Sílvio Romero tornando-o patrono do Congresso e Galeão Coutinho como presidente de honra. No evento também se firmou um compromisso com o cinema, ficando definida a realização do I Congresso de Cinema. Salomão Scliar, congressista, filmou todo o evento e transformou em documentário, produzido pela Horizonte.

A quarta edição do conclave da ABDE obteve o reconhecimento de escritores mundialmente conhecidos que enviaram mensagens de aos congressistas, como Howard Fast e Pablo Neruda. O encerramento foi realizado pelo então presidente da Associação, Graciliano Ramos, que, em seu discurso, deixou claro que as disputas internas existem e que as externas são maiores. Conclamou seus pares a permanecerem em debate, brigar se preciso, mas em constante diálogo, em defesa da cultura nacional, sem permitir ordens de estrangeiros. E concluiu.

Necessitamos novas reuniões. Falar muito, discutir, brigar às vezes. Ótimo. Sairemos dessa luta fortalecidos. Lá fora defenderemos os nossos interesses e a cultura exígua de que somos capazes. Surgirão descontentamentos, numerosos descontentamentos, é claro. Sempre haverá quem diga de nós cobras e lagartos. Que fazer? Estamos habituados, essas ofensas não nos perturbarão (MOMENTO FEMININO, 27/07/1951, p.3).

Após quatro congressos realizados e um saldo de muita dissidência, alguns escritores continuaram a produção, como Alina Paim, que pesquisou a greve dos ferroviários de 1949 e teve a publicação do livro em 1955, como parte integrante da Coleção Romances do Povo, cujos volumes fizeram circular a estética literária em suas vinte publicações, como será apresentado na seção seguinte.

Certo é que essa proposta no Brasil foi cuidadosamente organizada, assimilada e incorporada por escritores já consagrados e suas obras até hoje estão relacionadas com a luta do proletariado. Seguindo os passos dos intelectuais soviéticos que se

organizaram em associação, os escritores brasileiros também criaram seu órgão de debate e, na próxima parte deste estudo, serão apresentados a criação da Associação de Escritores Brasileiros.

3.2.2. Coleção Romances do povo e o romance *A hora próxima*

Durante o período em que o realismo socialista ficou em evidência no Brasil, a coleção Romances do Povo foi sua maior expressão literária. A representação brasileira na coleção atende pelo nome de Alina Paim, com o romance *A hora próxima*, que seguiu cuidadosamente os passos elencados pela corrente.

O Realismo Socialista ganhava força e estava sempre em destaque nos jornais do Partido. Na página dedicada à Literatura e Arte, Eunice Catunda analisa as formas de arte que foram polarizadas com o acirramento da Guerra Fria, considerando duas tendências: a idealista, considerada subjetiva e individualista, que é defendida pela classe que pretende se manter no poder; e a materialista, apresentada como a mais alta manifestação do espírito humano que rege a marcha de uma classe para a tomada do poder:

A tendência materialista, porém, vai adquirindo proporções gigantescas, na eclosão de uma Arte que se reveste das mais elevadas características humanísticas, toda voltada para a realidade, buscando expressar em suas várias manifestações, os mais caros anseios da humanidade, visando educar e elevar o espírito, excluir de seu campo tudo que é nocivo, despertar nas coletividades artísticas do mundo inteiro, o senso de fraternidade, e o espírito de colaboração pacífica. É essa nova Arte que, abrindo as fronteiras do mundo, faz que se torne acessível a um trabalhador brasileiro a mensagem de solidariedade expressa pela obra de arte produzida pelo pintor chinês inspirado na vida de seu povo (CATUNDA, 1955, s.p.).

A grande distinção da literatura soviética estava na crença de que há uma literatura burguesa a ser combatida, porque enfraquece a alma humana, levando-a a sentir menor, inferior, a render-se ao capitalismo que necessita manter o *status quo*. Em *Voz Operária*, Dalcídio Jurandir exalta “As lições de Stalin aos escritores e artistas” e afirma que “devemos a Stalin a definição clássica: os escritores são os engenheiros da alma humana. Os escritores, com seus livros, ajudam a criar uma nova consciência no homem. (1950, p.11). E perseguindo a contribuição stalinista, propaga a metodologia aos escritores ligados ao Realismo Socialista, na mesma coluna, agora num artigo de Floriano Gonçalves:

O escritor tem que mergulhar na realidade, estudá-la, compreendê-la e refleti-la em sua obra. Para compreender uma realidade é preciso ver o que há nela de novo e em movimento, sentir que esse novo é a marcha do povo para o futuro, sob a direção da classe operária. Somente assim, pode o escritor tirar da vida os seus heróis, cantar o seu trabalho, exaltar a grandeza e a elevação de seu das lutas dos sonhos. Isto é generalizar a experiência e a grandeza das lutas do povo, dar a cada um a consciência do nobre fim de seu trabalho, ajudar a construir a consciência política do novo homem... (GONÇALVES, 21/12/1950, p.11).

A Coleção Romances do Povo concretizava os ideais revolucionários investidos na arte, aglutinando histórias que seriam divulgadas pelo mundo com a clara pretensão de ganhar corações e mentes. O editorial Vitória publicou os vinte volumes, contemplando o romance de Alina Paim, *A hora próxima*, como única obra da literatura brasileira. Os volumes escolhidos para compor a coleção passavam pelo crivo de Jorge Amado e, em muitos artigos nos jornais e nas revistas do Partido, o escritor defendia o método zhdanovista, e os mesmos periódicos traziam notícias de lançamento e capítulos dos romances. Entre janeiro e abril de 1955, *O Momento* publicou textos sobre: *A colheita*, de Galina Nakolaieva; *Espartaco*, de Howard Fast; *Um homem de verdade*, de Boris Plevói; e diversos anúncios de *Donos do orvalho*, de Jacques Roumain.

Carone (1986) apresenta uma lista de obras de influência marxista, algumas consideradas como romances proletários. Das vinte obras da Coleção Romances do Povo, encontra-se registrada apenas a metade. A obra de Alina Paim, *A hora próxima*, não consta na lista de romances proletários; mas aparece *Estrada da Liberdade*, seu primeiro romance. Embora a obra tenha alcançado grande sucesso de vendas por causa da coleção e pelo momento de popularidade de que gozava o governo socialista no mundo, fora do contexto partidário a recepção não foi a mesma, principalmente pela intelectualidade, em quem muitos nem chegaram a conhecer a obra ou foi antecipadamente renegada pela corrente que representava.

Eis, abaixo, os vinte títulos que foram publicados no Brasil, por ordem de publicação, de acordo com quadro apresentado por Albino Rubim (1995, p. 47):

OBRA	AUTOR	DATA DE PUBLICAÇÃO
3. <i>Um homem de verdade</i>	Boris Polevói	1955
4. <i>Assim foi temperado o aço</i>	Nikolai Ostrowski	1954
5. <i>A lã e a neve</i>	Ferreira de Castro	1954
6. <i>O grande norte</i>	Tikhon Siomúchkin	1954
7. <i>Donos do orvalho</i>	Jacques Roumain	1954
8. <i>Tchapáiev</i>	Dimitri Furmakov	1954
9. <i>A colheita</i>	Galina Nikolaieva	1955
10. <i>A tempestade</i> (vol. 1)	Ilya Ehrenburg	1953
11. <i>A tempestade</i> (vol. 2)	Ilya Ehrenburg	1954
12. <i>Espártaco</i>	Howard Fast	1955
13. <i>A hora próxima</i>	Alina Paim	1955
14. <i>A felicidade</i>	Piotr Pavlenko	1955
15. <i>A estrada do Volokolansk</i>	Alexander Bek	1955
16. <i>A tragédia de Sacco e Vanzetti</i>	Howard Fast	1955
17. <i>Primeiras Alegrias</i>	Konstantin Fédin	1955
18. <i>A torrente de ferro</i>	Alexander Seramofimovich	1956
19. <i>Sol sobre o Rio Sangkan</i>	Ting Ling	1956
20. <i>Coolie</i>	Mulk Rah Anand	1956
21. <i>Os mortos permanecem jovens</i>	Anna Seghers	1956
22. <i>Terra e sangue</i>	Mikhail Cholokov	1956

O Editorial Vitória chegou a divulgar outras cinco obras, incluindo mais um romance da literatura brasileira, *Linha de Parque*, de Dalcídio Jurandir. Os volumes não chegaram a ser publicados, encerrando a coleção com o livro *Terra e sangue*, de Mikhail Cholókhov. A causa mais provável para a suspensão da coleção, segundo Prieto (2016), foi a divulgação do Relatório Krushev, durante o XX Congresso do PCUS, em 1956.

Há razões para crer que tal interrupção não foi por acaso, mas fruto da restauração capitalista na URSS após a morte de Stalin e o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). No mesmo ano a Editorial Vitória interrompeu a publicação das Obras Completas de Stalin no sexto volume, bem como reformulou toda linha editorial conforme o revisionismo moderno comandado por Kruschov traidor (PRIETO, 2016, p.15).

Os Romances do Povo apresentavam enredos comuns, histórias simples, problemas já tratados em outras obras. No entanto, a abordagem e a resolução do problema são construídas na intenção de mostrar homem e mulher melhores, modificados pela sociedade justa e igualitária que o comunismo poderia possibilitar.

Em *Espartaco*, Howard Fast transforma a história em ficção. A revolta dos escravos contra o império romano coloca aqueles no centro da história e mostra sua consciência de classe em oposição aos soldados romanos que perseguem seus pares, mas também são explorados (FAST, 1955).

Os romances dessa coleção devem refletir a sociedade que resolve seus problemas porque estão situados num mundo de paz, sem classes. O projeto eleva autores e obras em sua proposta revolucionária.

A Coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado, que a Editora Vitória vem publicando já se impôs ao público do Brasil. Depois de já haver publicado “A Tempestade”, “O Grande Norte”, “Espartaco” e outros grandes romances da literatura progressista universal, vem anunciar o 11º volume da coleção: “A Hora Próxima”. Alina Paim, autora do livro, iniciou sua carreira literária na Bahia escrevendo “Estrada da Liberdade”. Viajando para o Rio onde passou a residir publicou “Simão Dias” e “Sombra do Patriarca”. “A Hora Próxima”, seu último livro, conta a história do heroísmo das mulheres durante a greve da Rêde Mineira de Viação (O MOMENTO, 05/06/1955, p.2).

A hora próxima, de Alina Paim, é o 11º volume da coleção e foi amplamente divulgado no mesmo diário. Na edição de 05 de junho de 1955, *O Momento* apresenta a obra:

Conforme fora anunciado realizou-se ontem na Livraria Independência o coquetel de lançamento do novo romance de Alina Paim, a “Hora Próxima”, décimo primeiro volume da Coleção “Romances do Povo”. O aparecimento de “A Hora Próxima”, de Alina Paim, é um fato de viva significação na história do romance brasileiro. Trata-se de um livro extraordinariamente novo pelo seu conteúdo, escrito de uma forma simples e precisa, trazendo, pela primeira vez, à ficção brasileira cenas e quadro da vida dos ferroviários (O MOMENTO, 05/06/1955, p.4).

Assim como as demais obras da coleção, *A hora próxima* busca tratar das situações mais íntimas relacionadas ao proletariado, encarnando o espírito da militância e a experiência com o comunismo. A greve dos ferroviários tornou-se, então, um rico laboratório para a elaboração de mais um romance do povo.

O romance é recebido pelos companheiros de Partido como a concretização do realismo socialista, que, segundo Dalcídio Jurandir, as dificuldades são explicáveis pois o método “oferece ao artista o conhecimento mais profundo da realidade; essa generalização se explica com maior nitidez, torna claro que na obra de arte, o social não se sobrepõe ao individual” (JURANDIR, 1955, p.4).

Massaud Moisés (2006) dialoga com Lukács (2000) ao tratar da complexidade do romance enquanto expressão artística do mundo moderno. A estrutura do romance abarca uma dimensão da vida moderna, dentro do sistema capitalista, capaz de ressurgir das cinzas e dar novos rumos à sociedade. Isso ocorre porque o romance é a expressão de uma forma de cultura e de sociedade em transformação. Em relação ao romance engajado, corrobora com o pensamento de Sartre em não permitir que a ideologia se sobreponha à literatura. Geralmente é o ponto fraco dos romances proletários contestados pela crítica, já que são vistos muito mais pela função sociológica do que pela literária.

A obra é considerada dentro de uma fase da literatura em que a arte precisava expressar as demandas sociais, contemplando as necessidades do romance proletário, gênero literário em alta na segunda metade do século XX.

3.3 Romance ou folhetim?

A década de 1930 foi marcada por uma produção literária comprometida com os problemas sociais dando ênfase ao cotidiano do pobre e oprimidos. A modernização do Brasil com a abertura de fábricas e a construção de estradas trouxe para a cidade os

trabalhadores acostumados com a vida agrícola, pacata, que se viram transformados em proletários. Muitos autores buscaram dar conta dessa temática narrando a saga dos trabalhadores na cidade e sua luta por sobrevivência em um contexto em que tudo tem que ser comprado, diferente da vida rural, quando se podia aproveitar as plantações como alimento.

Em análise aos romances de 1930, Bueno (2006) indica *O Gororoba*, de Lauro Palhano, publicado em 1931, como primeiro romance a década a trazer um operário como protagonista. O romance é aproximado da literatura soviética, nos moldes de Gorki, associando o Romance proletário ao Realismo Socialista. Embora Bueno considere exagerado a comparação de *O Gororoba* com o romance *Cimento*, de Glodkov, entende que a obra de Palhano inaugura fase mais social do romance brasileiro. Os dois romances, para Bueno, nada se assemelham construção narrativa, apenas se aproximam pela identidade ideológica por causa da orientação política.

A partir das publicações de *Cacau*, de Jorge Amado, *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, e *Os Corumbas*, de Amando Fontes, entre julho e agosto de 1933, a expressão Romance Proletário passou a ser obrigatória. Os debates se intensificaram entre os críticos polarizando a questão do compromisso do autor com o gênero que surgia. Muitos artigos circularam em *Boletim de Ariel*, espaço de crítica literária muito respeito na época, concentrando suas energias quanto ao caráter proletário dos romances de recente publicação. Ao apresentar *Cacau*, Amado questiona “seria um romance proletário?” ao explicar a temática de sua obra. Dúvida que Pagu não deixou transparecer em *Parque Industrial* (1933) com a inscrição na capa do livro “Romance Proletário”. A obra, no entanto, não chamou logo a atenção da crítica, que se concentrou em Amado e Fontes considerando suas obras os best-sellers do ano, segundo Bueno (2006, p.160).

Os estudos do romance *A hora próxima* não se concentraram em discutir ou caracterizar a obra enquanto representante do gênero. Algumas colocações aparecem, mas não entram no cerne da questão, visto que a obra está previamente direcionada para o realismo socialista, que muitos consideram pressuposto do romance proletário. Por isso, comparamos algumas análises de outras obras cuja discussão sobre o assunto foi mais intensa, na intenção de compreender a obra de Paim dentro desse gênero literário.

Considerando o contexto em que *A hora próxima* foi produzido e adentrando na perspectiva do romance que traz o proletariado para o centro da narrativa, podemos perceber que a denominação “Romance proletário” pode ser aplicada, embora outras obras e autores sejam citados como exemplos clássicos do gênero. Em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006, p.36), Bosi considera Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, dentre outros, como autores que privilegiaram o povo e suas dificuldades de sobrevivência. Quando trata do romance de tensão crítica, aqueles que são impulsionados pelo comunismo (stalinismo, trotskismo) mas considerados populistas, atribui a referência a Raquel de Queiroz.

Antonio Candido, ao tratar da periodização da literatura brasileira, elenca os representantes clássicos de cada momento literário. Em *Brigada Ligeira*, analisa o romance popular indicando Érico Veríssimo como melhor representação; em se tratando de documentação e história, os romances de Jorge Amado são responsáveis por inaugurar o romance brasileiro, já que trata dos problemas do país, segundo o crítico. Os nomes que mais se destacam neste período são realmente Graciliano Ramos e Jorge Amado, tão ligados à autora de *A hora próxima* (CANDIDO, 2004).

O romance proletário, na segunda metade da década de 1940, já tem um sentido de vinculação com as causas políticas. Continua colocando no centro da narrativa a coletividade que está inserida no processo de expansão da indústria e das cidades na busca pelo chamado desenvolvimento. O heroísmo é protagonizado por grupos de personagens que enfrentam diariamente o trabalho repetitivo e mal remunerado, que não garante dignidade nem realização ao trabalhador. No enredo está sempre a luta contra o “status quo” a fim de que alguma mudança traga melhoria de vida.

No entanto, apenas tomar o proletariado como tema não caracteriza a obra como “romance proletário”. Esta definição, argumenta Almeida, está vinculada à postura do autor diante do cenário político e pode ser assumido tanto por produtores que se dedicam à causa dos trabalhadores quanto por aqueles que se definem ou se identificam com a burguesia.

São muitos os autores que não se propõem a incorporar alguma coisa dos “proletários”, tomados enquanto uma classe social que serve de tema, e nem se dispõem a transmitir proposições para esta classe ou, enfatizando o seu papel no processo de transformação da sociedade, veicular esta mensagem para um público difuso (1979, p.111).

Há ainda os que têm o proletariado como tema, mas não lhe atribuem nenhuma função política e os que pensam que este gênero é apenas para atingir os próprios proletários. Entretanto, cita Almeida, Jorge Amado, autor vinculado à luta política, busca mais que o proletariado como público. “Os ‘estudantes’ seriam tomados como os que se sensibilizariam com as circunstâncias da existência material do ‘proletariado’ narradas pelo autor, tornando-se potencialmente aliados políticos dos trabalhadores” (1979, p.113). Que o romance proletário seja para divulgar uma ideologia, fazer propaganda, mas que alcance além do operariado e crie a consciência de classe necessária à revolução.

A hora próxima reúne as características legadas ao romance proletário e tem em sua autora o engajamento político que não permite que seja confundido. O proletariado aparece organizando e executando as ações de greve que estão vinculadas à ideia de transformação política esperada no Partido Comunista do Brasil (ALMEIDA, 1979).

Em meio a essa classificação, o enredo traz à tona uma realidade em pauta no país, uma vez que o contexto político permeia o cenário de luta, principalmente das greves ocorridas na década de 1940 no setor ferroviário.

A empresa oferta empregos a milhares de homens que tentam sustentar suas famílias, uma atividade que se torna cada vez mais difícil pelos baixos salários que recebem e pela ligação obrigatória que se tem na comercialização de alimentos com a empresa. A cada mês de trabalho, as famílias perdem o poder aquisitivo com o aumento dos preços e o congelamento dos salários. A situação se agrava quando o pagamento dos proventos é suspenso levando as famílias a passarem de uma situação difícil ao estado de fome e miséria.

Com um histórico de luta, segundo Guilherme Muller (2007), os operários sempre estiveram inseridos em uma realidade de exploração e negação de direitos. Isso constitui as faces dos objetivos da obra literária de Alina Paim que apresenta um cunho revolucionário com temas sociais multifacetados com caráter de luta espelhado pelas melhorias nas condições de vida.

Assim como a greve é um ponto alto na obra, a reforma agrária, de forma paralela, apresenta-se como um elemento constituinte da posição crítica e reflexiva de Alina Paim, conforme descreve o narrador.

—Logo o problema do prejuízo da Estrada de Ferro não era isolado, ao contrário, seguia paralelo com o da reforma agrária, da necessidade de

dividir a terra com os camponeses. Se fosse observar os trechos de estrada que recebiam mais cuidados como renovação de material, dormentes e trilhos, conservação de pontes, descobria que esses trechos se encontravam quase sempre nas proximidades das jazidas de minério (PAIM, 1955, p. 316).

A hora próxima reflete a esperança de grande parte da população que trabalha e espera a recompensa devida para garantir o sustento de sua família. O discurso de Zé de Barros, a hora que se aproxima é o desfecho de uma luta travada há muito tempo pelos trabalhadores das cidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 1940, o Brasil passava por muitas greves, forçadas pela falta de recursos dos trabalhadores que, mesmo empregados, não recebiam seus salários ou os recebiam com descontos criados indiscriminadamente pelos patrões. Assim como é descrito no trecho em que vem à tona a instabilidade do sistema por meio de diversas organizações grevistas:

– É questão de pegar um jornal, mesmo êsses falsos, que o Cavaleiro mandou se ler pelo avêso. Que está escrito neles? Notícia de operário da raiz ao tôpo: greve na estiva dos ingleses, greve nas minas dos franceses, revolução na China e tanta coisa que deixa o coração desafojado esperando a hora próxima, a nossa, aqui do Brasil. Fiz êsse rodeio todo para lembrar a fraternização dos soldados de Taubaté com os grevistas. Isso foi importante (PAIM, 1955, p. 312)..

Passando pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e presenciando o início da Guerra fria, as revoltas se espalhavam, grupos de esquerda se esforçavam em fortalecer as ideias comunistas, e os trabalhadores se organizavam para enfrentar a exploração e a miséria que ameaçavam suas famílias. O personagem Tião representa o anseio comunista baseando-se nos ensinamentos de Marx que aprendeu de ouvir falar e fixou na memória as mensagens de união e organização da classe trabalhadora. O ferroviário aposentado representa a sabedoria da comunidade.

O velho ria satisfeito, nos estranhos que iam buscar serviço nas fazendas ou nas construções de estradas, parecia encontrar antigos conhecidos de quem sabia as necessidades e os sonhos. Nessas noites de viagem, à luz turva da segunda classe, falava de “alforria de terra” e da vinda do comunismo. Os retirantes desciam no escuro da noite, semeados pelas pequeninas estações; antes de partir, apertavam com respeito as mãos do velho (PAIM, 1955, p.121).

Dentro do contexto de organização proletária, o Partido Comunista do Brasil surgiu como representação nos espaços de poder e estabeleceu um plano de ação a fim de

interagir com o público leitor que pertencesse à classe operária ou que, de alguma forma, chegasse a ela. Não só pela leitura, mas também outras expressões artísticas teriam que representar o povo, valorizar a cultura popular e o Partido precisava se fazer presente nos momentos de embate. A criação da primeira célula do partido é descrita por Alina Paim em *A hora próxima* o que demonstra as relações intrínsecas entre a obra e o partido.

A fundação do partido veio logo, em 1922. Se me lembro, Cruzeiro teve representante do Congresso que deu ao Partido, o companheiro Hermogênio. Quando êle voltou, se fêz a primeira célula comunista de Cruzeiro, oito militantes, mas que semente boa! Se tratou de fundar o Partido em tôda a Estrada. Hermogênio saiu de viagem e onde tinha havido filial da União Operária 1º de Maio a coisa não deu trabalho. O partido começou na Rêde com Cruzeiro, Barra do Piraí, Passa quatro, Soledade, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, Varginha e Lavras (PAIM, 1955, p. 318).

A clássica publicação de Marx e Engels, *O Manifesto Comunista*, percorria as cidades por onde a Rede Mineira de Viação passava através das lições dos mais velhos, que o transmitiam às crianças e aos funcionários da ferrovia. Muitas das obras marxistas chegaram ao Brasil pelo Partido a fim de propagar e alimentar o ideal de transformação político-social. Atingir um objetivo tão grandioso necessitava que a maior parte da população conhecesse e comungasse de suas ideias, chegando a reconhecer que o modo clássico de governo não a representava e direcionasse sua confiança num novo propósito de gestão.

Como fruto do Realismo Socialista e determinante de uma política de partido, sua raiz literária cai na descrença. Antonio Candido aponta mecanismos para olhar uma obra com os fatores sociais que a compõem.

Se o romance, tal como a obra se apresenta, quer ser expressão da realidade, não se pode enxergá-la apenas a partir de seu condicionamento social sem desfigurá-la numa mera análise estética. Em seu estudo *Literatura e Sociedade*, Candido chama a levar em consideração “que o externo (no caso social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando, portanto, interno (CANDIDO, 2000, p.6).

A dialética entre o interno e o externo está no debate sobre a sociologia da literatura que deve ser vista como uma disciplina a não ser desprezada. A discussão concentra-se na dúvida de ser o fato social que apenas oferece matéria para a obra ou

é parte essencial em sua constituição e se é possível tornar os fatores sociais agentes da estrutura do romance.

As dimensões sociais presentes em *A hora próxima* é, sem dúvida, matéria para composição do romance, tanto que foi colhida e registrada pela própria autora. A relação entre capital e trabalho que gera os problemas que são a matéria do romance (mão-de-obra explorada, estado de miséria, construção da greve, mobilização das mulheres, repressão do governo) são situações externas que formam o enredo. Ao fazer tudo isso funcionar dentro de um romance para lhe dar sentido adentramos no campo estrutural que será trabalhada para dar forma à matéria inicial. Para Candido, é uma forma de estudar a construção artística no nível explicativo e não no ilustrativo.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica (2000, p.8).

Dentre os tipos de estudos sociológicos em literatura, *A hora próxima* se enquadra no quinto exemplo: “que investiga a função política das obras e da autora, em geral com intuito ideológico marcado” (CANDIDO, 2000, p.12). Todos os fatores que circundam a obra que estamos analisando são sociais, políticos e ideologicamente determinados, mas Candido chama sempre a atenção para “salvar a obra”, olhar para a obra independente dos aspectos periféricos ainda que eles influenciem em sua funcionalidade.

O romance baseado na greve dos ferroviários inspirou a poesia de Maria Júlia Coutinho Guerra, *Sobre a greve.*, que mostra o ambiente e as ações do povo.

Quem será esta mulher
Que assim tão de repente
Surgiu ali na frente
E fez o monstro parar;
Traz nas mãos a bandeira,
Nos olhos a decisão,
No corpo o vestido rôto,
Esperança no coração.
(GUERRA, 1955, p.19)

O poema exalta a atuação das mulheres e a criação de Alina Paim, que teve, dentro do Partido, o respaldo necessário à divulgação da obra que representa suas aspirações. Cientes do contexto histórico e das condições culturais, políticas e

partidárias que determinaram o estilo do romance, serão verificados os elementos constitutivos da narrativa, na perspectiva de compreender o ideal revolucionário, situando-os na história de acordo com o trabalho a que se propôs.

Tais problemas, também serviram de matéria na construção ficcional do romance paimiano em tela.

A imprensa era importante e os jornais do Partido lutavam com dificuldades sustentados apenas pelo dinheiro dos operários, sujeitos a invasões sucessivas da polícia que espancava tipógrafo e redatores e ainda lhes destruíam as máquinas. Tinha de passar sobre a miséria deles mesmos e conseguir urgência a quantia do “Jornal do Povo” (PAIM, 1955, p. 65).

Assim, podemos penetrar na obra, enquanto narrativa, atentar para as expectativas colocadas nos personagens e perceber suas angústias como reflexo de uma humanidade perdida em meio aos acontecimentos.

Como, em *A hora próxima*, Alina Paim utilizou-se dos recursos humanos, materiais e estilísticos a fim de denunciar uma das inúmeras situações de miséria e exploração a que pessoas estão sujeitas, outras obras o fizeram, ainda que estejam ideologicamente impregnadas. É preciso deixar claro que os romances do realismo socialista colocaram o povo no centro da narrativa, atribuíram e confiaram a ele funções indispensáveis à transformação social. Os personagens de *A hora próxima* têm problema, missão e estratégia bem definidos para chegar aonde almejam, mesmo que não tenham garantia de sucesso. Alina Paim se apropria da história e recria várias histórias num romance que se propõe a mostrar ao povo que sua vitória só poderá vir de sua própria luta.

De acordo com Oliveira (1998), Alina apenas se aproxima do romance proletário.

Quando se percebe esta estrutura híbrida - greve conjugada às histórias de vida - é interessante pensar que Alina está cedendo pelo menos parcialmente ao romance proletário. Ou seja, a autora usa sua pena para descrever e denunciar a situação de sobrevivência do proletário. Daí até certo ponto justificarem-se essas inúmeras passagens no romance e a eventual descrição dos desejos das personagens (mais do que suas ações cotidianas), que, como no caso de d. Palmira, dão-lhes tons mais verossímeis (1998, p.).

Em análise ao romance *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, se percebe um divisor entre o romance ser sobre o proletariado ou um romance proletário. A

discussão de Jorge Amado sobre a obra se depara com uma narrativa que apenas expõe a situação aviltante dos personagens sem que haja perspectiva de mudança ou melhoria. Para ele, o romance proletário caracteriza-se mais como crônica e panfleto, o que não acontece com a narrativa de Fontes. Em *A hora próxima*, toda a construção narrativa é baseada na transformação da situação de miséria em que os trabalhadores viviam, dando, ao romance, o caráter de romance proletário. A crítica ao romance de Alina Paim não se ateve ao mérito de ser ou não um romance proletário, mas as inferências à obra foram feitas em consonância com as teorias publicadas sobre o assunto. *A hora próxima* também se destaca pela urgência da contemporaneidade com os fatos revelados, com a função de reportagem, em que se denuncia e se espera uma solução. Enquanto conhecimento da vida do proletariado, de suas condições de trabalho, do ambiente, causas e consequências da exploração da mão de obra pelo capital, e ainda, quando se oferece a alternativa para se construir a mudança estrutural de um sistema de governo, e se percebe na autora sua aproximação com os envolvidos e seu engajamento com a causa, considera-se *A hora próxima* um romance proletário. Assim, a análise literária da obra ajudará no acompanhamento de um processo de produção

4. LITERATURA PARA REVOLUÇÃO?

4.1 Literatura e Memória em *A hora próxima*

Percorridos os trilhos da história, que nos mostraram os caminhos em que os projetos político e literário do Partido Comunista do Brasil se encontram, seguiremos em direção à análise do romance *A hora próxima*, mais precisamente no que diz respeito ao processo de criação romanesca.

A questão que nos move a partir daqui é saber se o resultado de uma obra de ficção que colabora com a revolução proletária atende a um certo padrão de literariedade. Pode-se perguntar: será que a literatura pode servir à revolução? Ou ainda: podem os fins revolucionários servirem-se da literatura? Tais questionamentos nos permitem investigar a literatura produzida nos chamados tempos de utopia, quando o ideal socialista parecia suprir todas as necessidades humanas. A esse respeito, Assis Duarte se questionou “qual a herança deixada pela literatura contemporânea, pelos escritos no tempo da utopia?” (2005, p. 23). Para o autor, há espaço tanto para a valorização das obras nesse período de engajamento, resguardando os detalhes que envolveram sua produção, quanto para o reconhecimento dos autores que escreveram sobre a sociedade e suas mazelas sem estarem atrelados a um dogma. Assim, Duarte se desprende do juízo de valor para chegar a uma consideração mais relevante:

Mais importante do que tentar discernir a autenticidade do gesto ou a justeza ideológica da opção, seria indagar a respeito do contorno adquirido pela obra de cunho social e do preço a ser pago no momento em que esta se acerca do imediato e do contingente, e assume uma perspectiva de transformação da realidade (2005, p. 25).

Escritores que mantinham o engajamento político viram-se numa via de mão dupla tendo que atender ao questionamento estético em suas obras. Isso porque as temáticas de suas narrativas pareciam atreladas às suas práticas políticas, colocando em dúvida o caráter da ficção. Assim ocorreu com Jorge Amado, Dalcídio Jurandir, Patrícia Galvão (Pagu) e a própria Alina Paim, ficcionistas conhecidos também pela militância política, pois algumas obras desses autores ficaram marcadas como exemplos do Realismo Socialista, como *Subterrâneos da liberdade*, *Parque Industrial* e *A hora próxima*. Já Graciliano Ramos, reconhecido como escritor e militante político, não tem em suas obras as sombras de dúvidas dos que se dedicaram ao

Realismo Socialista. Duarte chama a atenção para a dualidade da obra que se pretende revolucionária, pois compromete sua autonomia, mas assume um importante papel social:

Mesmo cerceada pelos guardiões da ideologia ou patrulhada por uma crítica que confunde liberdade de criação com absenteísmo, a literatura que, em diferentes graus, optou pelo combate ocupa um lugar histórico em permanente demanda de reflexão crítica (DUARTE, 2005, p. 26).

Imprensados entre a doutrina zdanovista e a crítica literária, as obras do Realismo Socialista colocaram os pobres no centro da narrativa; os oprimidos assumiram o protagonismo, tornando-se sujeitos da própria história. Quando o proletariado insurge em meio a crises do capitalismo, os heróis coletivos reaparecem nos cenários mundial e nacional e servem de meio e fim para a literatura comprometida com a concretização de um ideal, que neste momento era o socialismo.

Acreditando na perspectiva de um mundo novo, esses escritores transferiram para a ficção seus anseios e suas expectativas, sustentando seus enredos em acontecimentos históricos e destacando como protagonistas os operários, os políticos e as lideranças ligados ao Partido Comunista do Brasil, além dos trabalhadores aposentados que carregam a experiência do trabalho e dos fatos políticos. Também as mulheres que, unidas em um grande grupo, se distinguem em mães de família, professoras e ativistas que se deparam com a organização partidária. Esses tipos formam a coletividade no romance *A hora próxima*, obra forjada sob uma concepção partidária em que as personagens vislumbram um futuro promissor e colocam o leitor a par do projeto de um grupo político que se propaga como alternativa ao poder estabelecido.

A alternativa que parecia favorável aos menos favorecidos, o governo socialista, está presente em todo o romance, representado por personagens que organizam e mantêm a luta proletária. Todo o texto traz a ideia de um novo governo, comandado pelo Partido Comunista, que concretizaria as aspirações das camadas populares, atendendo toda a pauta de reivindicação dos trabalhadores. Direcionadas nesse ideal, as produções literárias seguiram esse caminho, estando seus autores concatenados com os princípios partidários e fiéis às suas diretrizes.

Exemplo desse comprometimento, além de Alina Paim, é Dalcídio Jurandir, escritor paraense, inserido no projeto cultural do Partido, também destaca a trajetória feminina em *Linha de Parque* (1959).

O projeto cultural que tem início com a reunião no Rio de Janeiro, dirigida por Diógenes Arruda, em 1950, em que havia aproximadamente trinta intelectuais a fim de implantar a teoria do Realismo Socialista, segundo entrevista do militante comunista Jacob Gorender à pesquisadora Ilka Oliveira (1998, p.15). Arruda encontrou resistência em alguns escritores, como Graciliano Ramos mas contou com a adesão de escritores como Alina Paim, Dalcídio Jurandir e Astrojildo Pereira.

A inserção do discurso político e social no romance evidencia o compromisso dos autores com o projeto partidário. Luciana Moraes (2012) deixa bem clara a jornada dos autores para cumprir a missão a eles delegada: atender aos princípios do estilo zdanovista, visitar a União Soviética, fazer a pesquisa de campo com os operários e operárias que se tornariam personagens em seus romances.

Alina Paim aceita como missão a incumbência que acreditava ser em prol da revolução socialista, haja vista que essa literatura contribuiria com a formação intelectual da classe operária e a prepararia para o combate. Em 1951, a autora viaja às cidades que sediaram a greve dos ferroviários, convive com as mulheres que pararam os trens, colhendo, com isso, as anotações necessárias à construção do romance. Sua estada foi conturbada e sofrera perseguição e ameaça de prisão pelo governo Vargas, que considerou perigosa a investigação. O trabalho foi acusado de subversão e Alina precisou viver na clandestinidade por alguns períodos. Fica claro, então, que o fato histórico se faz matéria literária.

A perseguição teve grande repercussão e ganhou destaque nos periódicos do Partido, pelas mensagens de solidariedade que emanavam de várias personalidades e pela revolta causada nas cidades por onde a romancista passou durante sua pesquisa.

Em se tratando de intervenção política na arte, percebemos que, na periodização da literatura brasileira, a linguagem literária utilizada para confrontar a arte considerada burguesa não é novidade no Brasil. Desde o Naturalismo de Aluísio Azevedo, no século XIX, como na fala nua e crua de Augusto dos Anjos; na ironia de Lima Barreto até ao sarcasmo dos modernistas, percebe-se a literatura como um campo de batalha. O que difere o gênero stalinista das experiências citadas é a busca por uma “terra prometida” que deve ser instaurada. Um realismo que, não deixa dúvida, resgata

a história dos relegados ao esquecimento, ao anonimato; coloca-se em evidência ainda uma luta necessária numa disputa que é desigual, mas que nem por isso deixou de ser travada. Importa que a arte recorre à história para dar à classe operária o direito de contar sua versão dos fatos. Temos em Duarte a confirmação dessa interface política e literatura.

O proletariado insurgente faz reaparecer o heroísmo perdido na literatura burguesa desde o período realista; a prosa e a poesia reencontram as motivações épicas, encarnadas agora no combatente operário ou camponês, no agitador e no dirigente partidário (DUARTE, 1996, p. 19).

São exemplares dessa interface literatura e política as obras de Jorge Amado produzidas em tempos de utopia:

Em termos brasileiros, nossa experiência desde a Carta de Caminha aponta para o fato de literatura e política andarem aqui quase sempre de mãos dadas. Pois, no Brasil, a utopia floresce no momento em que os escritores vão querer dar a mão a operários e camponeses (DUARTE, 2005, p. 27).

A arte dialoga com seu tempo, configura-se dentro de um contexto histórico e dificilmente não é atingida por ele. A imparcialidade que se espera da arte depende também de seu público, que vai associá-la a partir de sua bagagem cultural e, na verdade, é quem define se o artista manteve ou não a neutralidade em relação ao poder estabelecido. Para Sartre, o artista que trabalha com a palavra tem nela um instrumento de posição definida, deixando extravasar escolhas e noções sobre as coisas. O escritor engajado, por sua vez, sabendo que a palavra é ação, transforma-a com a finalidade de provocar a mudança que almeja e, portanto, “o escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação” (2004, p.62). Defende Sartre, a esse respeito.

Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. É legítimo, pois, propor-lhe esta segunda questão: que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento? O escritor "engajado" sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana (SARTRE, 2004, p. 20).

Após conceituar literatura, Sartre dedica-se ao objetivo da escrita e, em seguida, ao seu interlocutor, no capítulo *Para quem se escreve?*. Ao detalhar as possibilidades, o filósofo francês afirma que, ainda que se busque um leitor universal,

há uma distância considerável entre o que se espera do leitor e o que realmente ele é. A obra não chegará a todos os homens e, aos que ela chega, não se estabelece a mesma relação, porque a liberdade do ser é limitada, “mascarada”, como diz o próprio autor:

Dissemos que o escritor se dirigia, em princípio, a todos os homens. Mas logo em seguida observamos que era lido somente por alguns. Da distância entre o público ideal e o público real nasceu a ideia de universalidade abstrata. Isso significa que o autor postula a perpétua repetição, num futuro indefinido, daquele punhado de leitores de que dispõe no presente (SARTRE, 2004, p. 116).

Não há imparcialidade em *A hora próxima*, está claro. Desde a adesão ao Realismo Socialista, como estratégia política do Partido, que os romances inspirados na revolução são caracterizados como frutos de uma rigorosa doutrina, para a qual os autores acreditavam contribuir com a construção do novo mundo. Nem Duarte nem Sartre defendem uma escritura dirigida por uma ideologia; porém, este compreende que, no trabalho do escritor, transborda sua ontologia, a busca do “Para si”, e se permite confrontar com a história para dialogar com seus contemporâneos. Assim ocorre em *A hora próxima*, cujo contexto é causa e consequência de um mundo organizado para gerar o lucro de poucos enquanto se agiganta a miséria e a exploração da grande maioria. Duarte valoriza a obra e não se apega às circunstâncias que a geraram; argumenta que enfatizar a participação do povo como protagonista, revela o olhar da literatura para um mundo mais real, o que confirma a verossimilhança da obra. Já Antonio Candido insiste em “salvar a obra”. Em *Literatura e Sociedade* (2000), Candido reafirma que as pessoas devem ter consciência de sua situação para lutar contra ela e, dessa forma estabelecer as relações necessárias com seus algozes. O fato de perceber-se oprimido, subalterno, não garante, por si só, que os problemas serão transpostos e que os opressores serão vencidos. No entanto, sem a consciência de sua própria realidade, tão pouco isso será possível. A luta dos ferroviários ganha vida e ânimo a cada dia porque homens e mulheres começam a perceber que não só estão na miséria, mas as vidas de seus filhos estão em risco, por doenças e inanição. Os trabalhadores e suas famílias avaliam a cada dia as diferenças que os separam dos patrões, dos chefes, de todos que defendem o capital. A cada conclusão, uma nova investida, um modo diferente de reação. E assim vai-se construindo a disputa diária contra um regime opressor que a literatura revela em pequenos detalhes. As análises dos contextos que cercam o texto são importantes em sua compreensão, até certo

ponto. Mas há o momento em que a obra deve ser analisada pelo que ela representa em si mesma e se as múltiplas leituras para além de suas motivações servem ao leitor apenas pelo seu enredo e, certamente, produzirão algum efeito a partir da individualidade de quem lê.

Grande parte da crítica às produções do Realismo Socialista não estão direcionadas à sua propensão revolucionária, mas aos interesses que se escondem por trás da arte propagandista do governo stalinista. Disse Trotsky, em *Literatura e revolução*, que “A revolução deve percorrer subterraneamente a obra de arte” (1985, p.25); eis o *eixo invisível* que sustenta, mas não aparece. Trotsky e André Breton elaboraram um manifesto em 1938, em que demonstraram a preocupação com o estado atual da arte e refutaram os métodos utilizados para tal produção artística. Trotsky e Breton viam o governo como inimigo do socialismo e conclamaram os artistas a se declararem contra a censura que se estabeleceu na URSS:

Àqueles que nos pressionarem, hoje ou amanhã, para consentir que a arte seja submetida a uma disciplina que consideramos radicalmente incompatível com seus meios, opomos uma recusa inapelável e nossa vontade deliberada de nos atermos à fórmula: *toda licença em arte* (1985, p. 42).

Em outra oportunidade, Trotsky e Breton deixam claro o que espera da arte e a importância de sua livre expressão.

A arte, como a ciência, não só não precisa de ordens, mas não podem, por sua própria natureza, suportá-las. A criação artística tem suas leis, mesmo quando está conscientemente a serviço do movimento social. A criação intelectual é incompatível com a mentira, a falsificação e o oportunismo (BRETON e TROTSKY, 1985, p. 99).

O *corpus* deste trabalho aponta em duas direções, o que torna sua análise, por vezes, contraditória e angustiante. Uma direção nos leva direta e irremediavelmente à sua origem que é, na verdade, a sua intenção. E tudo o que cerca o pretendido vem com as amarras de um regime totalitário, de um patrulhamento ideológico e de um compromisso pretensioso que, para se realizar, usou da força, da perseguição. Por outro lado, a obra que Alina Paim construiu, ponto a ponto, após uma séria investigação, é um legado. Em qualquer época a ser lido, o romance em foco terá o que dizer e as experiências registradas, as frustrações e as vitórias pontuais daqueles

trabalhadores e de suas famílias podem não ser conhecidas, mas são reconhecidas em qualquer sociedade que vive sob o poder do capitalismo.

Mesmo não me furtando às razões que circundam meu objeto de estudo, optei pela obra que narrou a situação aviltante a que seres humanos foram expostos em troca de lucro; que mostrou hábitos simples de uma comunidade unida pelo espaço e pelo sofrimento; que fez de mais um episódio revoltoso um fato histórico marcante na literatura brasileira. Analisemos, então, a obra por dentro, os espaços, as situações, as personagens e as condições que tornam a greve necessária e possível até o momento em que ela se esgota.

4.2 Pelos trilhos das memórias de Zé de Barros e do velho Tião – diálogos entre história e ficção

A hora próxima é uma reconstrução histórico-literária da luta dos trabalhadores e que resgata, ainda, outras histórias ao longo da narrativa. Contadas através das lembranças dos velhos, as micronarrativas vão construindo o enredo com revelações de passagens históricas vivenciadas pelas personagens que se tornaram arquivos vivos de suas comunidades. Ao partilharem suas memórias, Zé de Barros e Tião, o primeiro, figura real transportada para o romance, Alina Paim conseguiu trazer a história para o livro, ao invés de utilizá-la apenas como pano de fundo.

De acordo com Magalhães (2002), é preciso compreender o momento histórico que deu origem à obra literária, quando chama a atenção para o processo em curso de des-historização da literatura. Segundo a autora, que trabalha a história e a representação literária, o fazer estético é parte do fazer social, em que forma e conteúdo se complementam para dar unidade à obra. Esse debate se reflete na análise do romance em tela, que quando considerado fora de seu contexto histórico, perde parte de sua funcionalidade social, visto que a obra surge de uma necessidade humana, protagonizada por uma classe, que espera da literatura um objetivo claro de conscientização dos povos para mudar sua própria história. Assim, Magalhães afirma

Nenhuma obra de arte pode ser estudada sem o auxílio da História, pois a verdadeira arte é um fazer história na medida em que é um refletir do ser social sobre sua própria existência. Não é porque o autor resolveu contar o seu tempo, mas porque ele reflete sobre o seu tempo e as possibilidades de ultrapassá-lo (SCHWANTES, 2012, p.70).

A primeira ação apresentada no texto é justamente o comando de greve, o grito de ordem que denota a revolta e a insatisfação que permearão toda a leitura. Quando se trata de classes sociais, não se pode dispensar as disputas; geralmente declaradas pelos trabalhadores contra os patrões, aqueles perseguem um ideal de igualdade entre as partes, tendo em vista a importância de ambos os lados no processo de produção. Embora jamais alcançado, este ideal continua a alimentar as lutas de homens e mulheres forçadas na necessidade de sobrevivência. Não é apenas pelo desejo de igualdade, mas pela carência dos bens essenciais à vida que lhes são negados a todo momento pela disparidade entre recursos e despesas. Os salários pagos aos trabalhadores são regidos pela lógica do lucro, que alimenta uma vida de regalia aos patrões, enquanto gera uma gama de miseráveis.

O conflito analisado na obra reflete concomitantemente a necessidade de exploração da qual se alimenta o patronato e a reação da classe operária quando já não pode suportar suas privações. Na lista de problemas enfrentados pelos trabalhadores, de modo geral, estão a extensa carga horária, os altos preços dos alimentos vendidos pelas empresas, os atrasos de salários, além de serem muito baixos, e o tempo curto para descanso. Questões como estas e outras, ainda piores, levaram o operariado a criar formas de defesa e tentar diminuir os efeitos da exploração. Greves e paralisações são estratégias que passaram a ser adotadas pelo proletariado na tentativa de forçar os patrões a cederem a algumas exigências.

Ao abordar todas essas questões, Oliveira (1998) afirma que o romance apresenta mais funções do que aparenta, além de acreditar no poder mobilizador da literatura.

É inegável que o romance de Alina, com todos os exageros partidários que possa conter, traz uma vantagem da faceta dúplice que pretende levar a cabo: há tentativa de historicização da experiência do povo anônimo, de elevar seus feitos ao plano da História, ainda que isto se efetive, paradoxalmente, em uma moldura de obra de ficção (OLIVEIRA, 1998, p.101).

A greve dos ferroviários da Rede Mineira de Viação, deflagrada em setembro de 1949, na cidade de Cruzeiro (SP), é o *leitmotiv* do romance *A hora próxima*. O movimento paredista se espalhou pelas cidades por onde a ferrovia passava, cruzando os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A adesão de cada

entroncamento era uma vitória para os trabalhadores, pois fortalecia o movimento e garantia sua sustentação.

O jornal *A Classe Operária* informa sobre o movimento dos ferroviários que vivem em constantes períodos de greve, desde 1949:

Toda Solidariedade Aos Grevistas da Rêde Mineira – Teve início a 21 de maio, na cidade de Três Corações, nova greve dos ferroviários da Rêde Mineira de Viação, pertencente ao Estado. O movimento se estendeu rapidamente por toda a linha de Cruzeiro a Belo Horizonte, de Itajubá a São João Del Rey. Cerca de quinze mil grevistas, sob a bandeira da unidade, reivindicam o pagamento imediato de quatro meses de salários atrasados: pagamento dos salários em dia; devolução da Cooperativa aos ferroviários; e pagamento dos dias de greve (A CLASSE OPERÁRIA, 03/06/1950, p.3).

Os ferroviários foram movidos pela revolta de ver seus filhos passando fome, visto que em situação difícil sempre se encontraram. Todavia, chegou um momento ainda mais crítico, no qual não havia mais condições de comprar alimentos porque deviam no mercado, que era administrado pela empresa, nem recebiam salários havia quatro meses. O estado de miséria e desespero dos pais de família gerou o primeiro combustível para o motim: a necessidade de alimento. Vale dizer que essa motivação, por si só, não garantiria toda a sustentação do movimento porque os trabalhadores não estavam organizados em sindicato, nem em associação, representações importantes no processo de negociação entre as classes. No entanto, aliadas ao movimento, surgiram participações que serviram de base para o enfrentamento, já que algumas estratégias dependem de legitimidade, o que ficou a cargo do Partido Comunista do Brasil, nas personagens de Sílvia, membro do partido e representante do legislativo municipal; e de Tião, que reunia muitas experiências do período em que trabalhou como eletricitista na Rede Mineira e do contato que manteve com Hermogênio, figura real que fundou o Partido, cuja atuação transformou-o num exemplo de liderança. De acordo com Schwantes (2012), a autora não apenas reconstruiu os fatos como deu voz aos seus personagens, utilizando os termos simples dos proletários, o que pode não ter agradado ao Partido e ser um dos motivos pelos quais a obra, aguardada para 1952, foi retardada até 1955.

Ao inventariar os problemas vividos pelas comunidades às margens da ferrovia, Paim defronta-se com um arsenal a favor da proposta do Partido. Schwantes lembra que Lukács acreditava que a literatura soviética, não tendo um sistema contra

o qual lutar, ficava encarregada de criar inimigos dentro das fábricas e escritórios. O que não acontecia com o romance de Paim, “ao contrário, o Brasil da época era ainda mais pródigo em contradições e injustiças sociais do que hoje, e tornava fácil encontrar material para uma literatura engajada” (SCHWANTES, 2012, p.49).

Ao selecionar os personagens, optou por algumas figuras reais, cuja participação na história do Partido e de sindicatos foi substancial. Assim ocorre com Hermogênio da Silva Fernandes, nascido no Rio de Janeiro, em 1887, filho de um anarquista espanhol e da mulata Catarina, filha de lavradores. Era operário eletricitista da Light (empresa de eletricidade) e, depois, passa a ser ferroviário da Rede Mineira de Viação na cidade de Cruzeiro (SP), região do Vale do Paraíba. Casou-se com Julieta, filha de lavradores na região de Parati (RJ), que trabalhava como doméstica em um colégio de freiras; da união nasceram onze filhos. Conheceram-se quando a família de Julieta se mudou para o bairro Alto da Boa Vista, onde o operário morava. A vida de Hermogênio era totalmente integrada à luta de classes, primeiro no anarquismo, em seguida no partido político e concretizou na família ideias e momentos importantes da história de luta dos trabalhadores. A filha Idealina Fernandes Gorender, em entrevista ao Projeto Memória da Fundação Perseu Abramo, fala de seu pai, da vida de militância, do casamento com o militante comunista Jacob Gorender e sobre a origem de seu nome e de seus irmãos. Explica que a irmã mais velha chamou-se Liberta, em homenagem a Tiradentes; o segundo irmão, Mayo Uruguay, por ter sido o primeiro país da América do Sul a se tornar mais democrático. A terceira, Socialina, por causa do socialismo. Depois veio Paz, por ter nascido no final da primeira guerra. Em sua vez, Idealina, devido às ideias novas surgidas no mundo. Depois, Marat, em homenagem ao Marat da revolução francesa. As irmãs Catarina, Laudelina e Julieta homenagearam a família. Escolheram, para outra filha o nome de Vera Natura, natureza verdadeira. E, para o caçula, Neno Vasco, nome do tradutor da letra da internacional (FREIRE; CARVALHO; NOGUEIRA, 1993).

Em biografia do líder comunista de Cruzeiro, Müller (2007) mostra que Hermogênio encontrou os operários da Rede Mineira de Viação com oito meses de salários atrasados e ajudou-os a organizar a primeira das quatro grandes greves que reivindicavam pagamento do salário e a jornada de oito horas de trabalho. A cidade paulistana, embora pequena, era um entroncamento ferroviário com oficinas, fábricas

de vagões, o frigorífico Cruzeiro, pequenos laticínios, fábricas de café e processamento de açúcar e a Ligth.

A narrativa de Paim recupera esses fatos da vida de Hermogênio transpondo para a ficção ações que se lhes são conferidas. No romance, sua chegada a Cruzeiro, em 1913, é reiterada pelo personagem Zé de Barros.

Quando Hermogênio entrou nessa terra, veio com greve na bagagem. Trabalhava de electricista na Hidroelétrica da Serra da Bocaina, mas era como se fosse da Sul Mineira, era cabeça de greve, qualquer uma, de ferroviário, da oficina ou do Frigorífico. E ninguém botava a mão em cima dele, assim, com duas razões. Que esperança! Para levar Hermogênio preso, doze homens era pouco. A gente graúda do governo de Cruzeiro e da Direção da Estrada respeitava ele, isso porque tinha medo (PAIM, 1955, p. 238).

A figura de Hermogênio permeia todo o romance de Alina Paim, sempre como protagonista das lutas operárias, dos embates com a polícia e o governo. No início da Era Vargas, conta Zé de Barros, perseguiram os comunistas como se caçava animal; Hermogênio fora preso.

O coronel examinou nós três da cabeça aos pés, calado e sisudo. Encarou Hermogênio e fez a pergunta: “Por que são comunistas?” Não trastejou o Hermogênio, levantou a cabeça e disse com a voz forte: “Porque somos operários e queremos ter liberdade. Comunismo é o nosso governo.” O coronel pensou e foi direto: “Então vocês querem tomar conta da Rede?” O coração da gente se encheu com a resposta que veio dessa vez: “A Rede é pouco, coronel. Nós tomaremos conta de tudo. A classe operária vai ser dona do mundo” (PAIM, 1955, p. 242).

Seguindo sua biografia, Hermogênio construiu, ao lado dos companheiros, vários organismos de reivindicação e organização social que viabilizaram os movimentos, como a União Primeiro de Maio, que dirigiram as greves até 1917, e a Associação 23 de Agosto, também formada por operários, em homenagem à data da execução de Sacco e Vanzetti (FREIRE; CARVALHO; NOGUEIRA, 1993). Afastando das ideias anarquistas e aproximando-se das correntes socialistas, em 1922, estava entre os nove delegados que representavam os estados brasileiros na fundação do Partido Comunista do Brasil: José Mendes, Crisóstomo de Oliveira, Sebastião Monteiro, Sebastião da Luz, Antonio Luiz, José de Barros, Joaquim de Barros, Joaquim César e Juca Leal. Em Cruzeiro, nasceu a primeira célula do Partido.

Idealina, sua filha, conta ainda sobre a participação feminina nas tarefas do Partido. “Havia também as mulheres que, embora não fossem filiadas ao partido,

atuavam nele. Nesse caso estavam, por exemplo, minha mãe, a Hercília, a Berta e muitas outras” (FREIRE; CARVALHO; NOGUEIRA, 1993). As perseguições também eram constantes e Hermogênio passou muitos períodos vivendo na clandestinidade e teve que se esconder várias vezes, atuava mais ligado aos sindicatos.

Paim utiliza-se da trajetória do líder de Cruzeiro para tornar sua narrativa verossímil aos acontecimentos da época. Ainda duas ocorrências biográficas serão registradas pela ficção: o período que antecede a fundação do Partido e a importância de sua esposa para a atuação de Hermogênio. O primeiro consta nas recordações de Zé de Barros.

Nesse tempo (1917) ainda não existia o Partido, a luta operária era feita por grupos de anarquistas, era o anarco-sindicalismo. Depois da Revolução, surgiram os primeiros grupos comunistas. Cruzeiro foi um deles. No Congresso Comunista de 1922, entre os nove representantes de União Operária, estava Hermogênio, delegado de Cruzeiro. Desse congresso saiu o Partido Comunista (PAIM, 1955, p. 98).

A referência à companheira de Hermogênio, está nas memórias de Sílvia. Este relembra a morte de Julieta, ocorrida em Cruzeiro em 1934, por causa de um aborto e, neste mesmo ano, o militante comunista deixou Cruzeiro. Sílvia, olhando o cemitério da cidade, fala a Telésforo com admiração.

- E Julieta ficou em Cruzeiro, para sempre. (...) Lá estava Julieta. Corrigira a ideia. Não, Julieta estaria presente no dia seguinte, no meio das mulheres, seus feitos dando impulso ao combate: Uma lutadora não morre, se transforma em lenda, em bandeira (PAIM, 1955, p. 99).

Hermogênio continuou em sua militância, de cidade em cidade, muitas vezes transferido pela empresa, fato que não o incomodava, pois proporcionava contato com novos camaradas. Com as revelações do discurso secreto de Krushev no último dia do XX Congresso do PCUS, em 1956, os crimes praticados por Stalin acabaram com muitos sonhos que sustentavam a luta pelo socialismo. Hermogênio não gostava de Stalin, conta Idealina, mas não imaginava as atitudes que foram reveladas no relatório Krushev. Mesmo assim, considerou um avanço o partido ter exposto aquela situação e que se tenha desconstruído o mito.

Depois veio o golpe de 1964 e as atividades ficaram ainda mais difíceis. Quando perguntaram se a busca por um mundo melhor fora uma utopia e se seu pai tinha visto o fim da ditadura, Idealina responde.

Não, ele morreu em 1976, com 89 anos, ainda sob o governo Geisel. Ele morreu ateu, acreditando na vitória do socialismo, do marxismo, do partido. Tanto que, no seu enterro, no cemitério do Caju, cumprimos uma vontade que ele sempre externou: apesar da ditadura, nós da família e alguns camaradas do Rio cantamos a Internacional. Foi um canto baixinho, sufocado. Mas cantamos. Se papai estivesse vivo em 91 entenderia o que aconteceu. O problema é que ele ia ficar muito sentido (FREIRE; CARVALHO; NOGUEIRA, 1993).

Alina Paim reconstrói a trajetória do líder operário dentro do romance *A hora próxima*. Sua atuação na ficção é confirmada nos poucos estudos e entrevistas sobre ele, o que se configura como reconhecimento da participação do importante militante do Partido Comunista do Brasil que ajudou a formar as bases das organizações proletárias, cujas conquistas influenciaram a criação e a ampliação dos direitos trabalhistas.

Outros personagens representam o modelo de liderança que a greve exige, pois cada entroncamento tinha uma representação partidária. A narrativa que tem início em Cruzeiro, interior do estado de São Paulo, apresenta como líderes Sílvio e Zé de Barros. A cidade ficava num importante percurso ferroviário para passageiros e cargas e ligava-se ao oeste de Minas Gerais. Duas estradas cortavam Cruzeiro, inclusive dando vazão ao café até o porto de Angra dos Reis: Rede Mineira de Viação e Central do Brasil, como cita Müller:

Devido ao grande movimento de trens, a cidade possuía importantes oficinas e uma fábrica de vagões, além de um frigorífico. Essas condições faziam com que a concentração operária fosse relativamente grande com oficinas de manutenção e reparo de máquinas e vagões e, inclusive, uma fábrica de vagões. O forte era a Rede Mineira de Viação. Além disso, existia o Frigorífico Cruzeiro, uma indústria de laticínios, algumas pequenas fábricas (torrefação de café, processamento de açúcar etc.), oficinas pequenas e a Light. Sobreviviam uns restos de fazendas de café e algumas de gado (MÜLLER, 2007).

Cruzeiro é o primeiro espaço do romance de Alina Paim, mais precisamente no bairro Canevari; o espaço será alternado para Itajubá, Divinópolis e Três Corações, em Minas Gerais, e, por fim, para Barra Mansa, no Rio de Janeiro, cada um de acordo com a progressão do movimento grevista que se encerrou no ponto de partida. A cidade paulista sediara a primeira célula do Partido Comunista do Brasil, além da criação da União Ferroviária 1º de Maio, que enfrentou muitas greves e é o espaço inicial, tanto geográfico quanto histórico do romance *A hora próxima*.

A história da cidade e o título da obra estão marcados na memória de José de Barros, militante do movimento ferroviário que enfrentou as quatro grandes greves em Cruzeiro, e foi personagem fundamental no romance, pois o enredo se estrutura nas muitas histórias contadas pelo experiente trabalhador. Zé de Barros, como é denominado no livro. É o idealista da hora próxima, é ele quem aguarda, esperançoso e firme, na manutenção da disputa com o patronato, o momento em que o proletariado assumirá o controle: “Operário tem inteligência, e muita, um dia se vê de que ele é capaz. E a hora está próxima” (PAIM, 1955, p. 159).

As histórias que Zé de Barros conta aos moradores de Cruzeiros, crianças ou adultos, alimentam o espírito combativo para a luta diária pela sobrevivência, reforça os ideais comunistas nos que já conhecem o projeto do Partido e anima os mais jovens que ouvem o velho eletricitista falar com firmeza sobre Marx e Prestes. É a história viva presente na vida dos habitantes de uma região rica em minérios, mas que, em contrapartida, vive em condições miseráveis. Quando Zé de Barros sentava para contar histórias, buscava na memória a narrativa mais interessante para aquela ocasião. A recorrência à memória, como cabedal infinito, de acordo com Ecléa Bosi (1987), é o registro não só de uma vida ou de uma família, mas de toda a comunidade que supera os limites da cidade e se torna a fonte principal, talvez única, da organização dos ferroviários no oeste de Minas Gerais, da formação do Partido Comunista, das mortes por acidentes de trabalho, da extinção e do surgimento de estradas de ferro, ou seja, trata-se de uma documentação oral legada aos seus contemporâneos.

A narrativa era recorrente em apontar as lembranças do operário, dando sustentação ao romance. “Zé de Barros se recordava, não havia dúvidas; o velho tinha orgulho da memória, de poder narrar um fato situando-o no tempo com exatidão e sempre relacionado com a própria idade. [...] Repetia um diálogo sem faltar uma vírgula” (PAIM, 1955, p. 159). Os companheiros gostavam daquela desenvoltura em lidar com a memória, em falar dos amigos com admiração e acreditar na vitória.

A experiência de Zé de Barros contribuiu para a greve de 1949 em todos os momentos. Primeiro, seu piquete (barreira que intenciona proibir a passagem dos que não aderem à greve) foi responsável pela guarnição da primeira máquina parada, a locomotiva 437, nomeada de Joana pelas mulheres que a tomaram do maquinista. Durante a articulação para que a paralisação se estendesse a toda a Estrada, o telégrafo foi o meio de comunicação mais eficiente para o movimento, que foi assumindo seu

controle cidade por cidade. Na ansiedade de receber notícias de mais uma adesão, o grupo de Cruzeiro foi surpreendido por um telegrama que chamou a atenção: “A madrastra de João adoeceu”. O telegrama viera de Divinópolis, assinado pelo telegrafista Olegário. Na incerteza de este estar aliado e não compreendendo a mensagem, foi a gargalhada de Zé de Barros que tirou a todos da intriga:

Mas pessoal, isto é uma senha! O Sílvio pegou o negócio logo de saída. Bem reparado, o tal de Olegário é esperto a valer. “A madrastra de João adoeceu”. João é um ferroviário qualquer, da via permanente ou da oficina. Madrastra.... Que faz uma madrastra? Judia, espanca, mata uma criatura a sangue frio. Só quem nunca ouviu história de trancoso não bispa o segredo da senha. Madrastra de ferroviário é a Estrada. Se a madrastra adoeceu... está parada, minha gente, está em greve, se faz favor. Claro como água da fonte! (PAIM, 1955, p. 213).

E assim puxavam-se mais histórias e lembravam-se das seis greves em dois anos, dos amigos que ficaram pelo caminho, de quem começou toda aquela luta. “Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito”, diz Bosi. “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa. Essa tarefa é um auto aperfeiçoamento, uma reconquista” (1987, p. 39).

Na recorrência às lembranças, Halbwachs distingue duas memórias: a memória autobiográfica e a memória histórica. As lembranças pessoais de Zé Barros compõem uma memória mais abrangente, que é a social, ainda que seja mais resumida. Em meio às suas narrativas, vinham à tona sua própria história. Telésforo, o telegrafista de Cruzeiro e aspirante ao Partido Comunista, interroga o amigo: “Você está em Cruzeiro, desde quando, Zé de Barros?” E seus ouvintes, ansiosos pela biografia do narrador, concentravam-se com toda a atenção:

– Por volta de 1897. Não tinha vindo a passagem do século, porque quando se finou a minha avó, na altura de 1900, já fazia três anos que eu morava nessa terra. Cheguei por essas bandas garoto, nasci no Marco da Léguas, atrás do bosque no Belém do Pará. Mexi um pedaço de mundo, até as divisas do Paraguai. Quem não viaja não conhece programa da vida, não viu costume nem sofrimento. Antes de assentar morada em Cruzeiro, em 1913 – ano do casamento – esse que está aqui viu o mundo dar a volta, de progresso, então, nem se fala. Ah! Que esperança! O primeiro progresso foi o gramofone, veio vitrola, aeroplano e automóvel. A viação é coisa nova. Com o rádio me estrepei (PAIM, 1955, p. 236).

E vão-se preservando os feitos, os sofrimentos e as esperanças de grupos tão numerosos e tão anônimos. Nomes e fatos que podem se perder no esquecimento,

negando aos descendentes a origem de suas vidas e de direitos; lembrá-los em suas vitórias e derrotas é propiciar a valorização de todas as conquistas trabalhistas e honrando o sangue e o suor de seus atores. Nas lembranças não estão apenas as histórias esquecidas, mas também a consciência de um processo histórico que se recria, tanto do lado patronal quanto do operariado, cada um adotando novos métodos de exploração e de defesa. A cada narração, Zé de Barros reforçava sua memória e não se permitia esquecer do vivido, pois “é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica (HALBWACHS, 1990, p. 63). As memórias também serviam de ânimo para os novos militantes; muita coisa se repete e a experiência é aliada:

– Bem, a primeira greve da Estrada foi em julho de 1917. O negócio de atrasado não é invenção de hoje, a gente naquele tempo estava com oito meses na gaveta. Havia armazém da Estrada e o salário corria como vale, sem ferroviário ver a cor do dinheiro. (...) Ninguém aguentava mais aquela vida e, como Hermogênio vivia falando de sindicato, de operário por abaixo a escravidão, fomos numa noite os três, o finado José Mendes, o finado Francisco Borges e o próprio, perguntar o que se devia fazer. “Greve! Levantar o pessoal e fazer a greve!” Dali mesmo se saiu reunindo gente, combinando a coisa e, no dia seguinte, pronto, estourou a greve. Parou tudo, oficina e tração (PAIM, 1955, p. 238-39).

Contar e recontar é sentir vivo, na ativa. “Veja, hoje minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo” (BOSI, 1987, p.3). Da mesma forma que o Sr. Ariosto contava suas memórias, Zé de Barros ia conquistando corações e mentes para a brigada em busca de sua hora próxima.

As narrativas do velho eletricitista da Rede Mineira de Viação possibilitam uma ponte entre a história e a ficção que Alina Paim conseguiu ajustar no mesmo enredo. O trabalho memorialístico realizado pela autora legou às gerações posteriores a oportunidade de conhecer fatos não registrados pela história e ainda proporciona a execução de estudos sobre o movimento ferroviário, as estradas de ferro, a intervenção feminina no movimento grevista e a estrutura partidária contra o governo naquele momento. Por isso, Alina Paim recorreu à memória vivida, pois bem mais que a história escrita “ela tem tudo que é preciso para construir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 1990, p.71).

O mesmo trabalho de recuperação da história, através das memórias, foi realizado com outro personagem da mesma dimensão de Zé de Barros; Tião, o marceneiro aposentado da Rede Mineira de Viação. Se aquele é a memória viva de Cruzeiro, este tem a mesma importância em Itajubá, no estado de Minas Gerais. Foi o terceiro trecho a entrar em greve, tomando primeiro o depósito do armazém de alimentos; depois, o telégrafo; a pedreira e, por fim, mulheres e crianças pararam a locomotiva e deram ordem de greve.

O velho Tião sempre andava acompanhado com pessoas a querer ouvir suas lições. Mesmo que o passe marcasse primeira classe nos vagões, ele viajava de segunda, onde, tirava mais proveito nas conversas:

Numa esquina de Itajubá, num lugarejo distante onde fosse escalado para consertos no prédio da Estação, acentar esquadrias ou substituir caibros, em toda parte, velho Tião ia puxando conversa, primeiro com indagações sobre a vida e os salários, depois guiando o assunto para o que se devia fazer, sempre a mesma coisa: derrubar os exploradores, acabar com o egoísmo do mundo. A história nascia quando o trem arrancava; velho Tião, no carro de segunda, dava boa noite, metia a maleta sobre o banco e punha-se a escutar (PAIM, 1955, p. 121).

Seu ofício era pregar a disposição para o combate ao capitalismo e que o comunismo era a saída para o fim da miséria e da exploração. Explicava reforma agrária como “alforria de terra” e chamava latifúndio de “fazenda de légua”, para que seus interlocutores compreendessem com facilidade. Tinha o didatismo do intelectual orgânico de que falara Gramsci, ao defender que o trabalhador deve saber mais que o seu trabalho exige; deve conhecer os meios de produção e todo o processo que o cerca. Confiava inteiramente na chegada do comunismo e mantinha-se informado com as leituras dos periódicos do Partido; conhecia o *Manifesto Comunista*, não aceitava que um militante partidário fosse um analfabeto político e dizia a Olavo: “não saber ler não é vergonha sua, agora, ficar analfabeto depois de entrar no Partido não está certo. Adiante a escrita, homem” (PAIM, 1955, p. 122). As frases que sempre acompanhavam sua vida eram “o comunismo virá, ele é invencível” e “o comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?”. A esse personagem Alina Paim dedica uma matéria no jornal *A voz operária* intitulada “O comunismo é como o vento”, na qual relembra o período em que conviveu com os ferroviários da greve na Rede Mineira de Viação. O texto pretende parecer uma conversa com Tião sobre o avanço dos norte-coreanos na investida comunista.

Enquanto se refere ao velho marceneiro em seu monólogo, Alina revive os dias que passou em sua companhia e rememora muitas passagens com sua família:

Velho Tião, abre teu peito a alegria, os coreanos estão vencendo. Velho Tião, no ponto da estrada em que estejas, bem no coração de Minas, sorri teu sorriso leve e deixa teu cabelo ao vento, a esse vento que tu amas e comparas com o comunismo. Parece que estou ouvindo tuas palavras naquela noite de chuva. Estávamos reunidos na cozinha. [...] No caixote, junto ao fogão, Eni, a tecelã, guardava ainda sobre o colo a lista de assinaturas contra a bomba atômica. [...] Marta, o corpo franzino, esticado, tinha brilho nos olhos (PAIM, 1950, p. 12).

A disputa pela hegemonia política e econômica entre Estados Unidos e União Soviética, iniciada após a II Guerra Mundial – Guerra Fria – encaminhou as duas potências a um plano de expansão de seus regimes a outros países e as tentativas geraram outros conflitos como a guerra entre as Coreias. No contexto da Guerra fria, a Coreia do Sul ficou sob a influência dos Estados Unidos enquanto a Coreia do Norte ficou no bloco político-econômico liderado pela União Soviética. No processo de expansão do socialismo, em 1951, o exército norte-coreano invadiu a capital da Coreia do Sul, Seul, causando um conflito maior entre os países hegemônicos – EUA e URSS. Fortemente armados de arsenal nuclear, o embate direto entre as duas potências poderia gerar outra guerra mundial sem controle e com proporções absurdas para a humanidade.

A disputa entre as Coreias durou dois anos e representava para o bloco socialista a reunificação da Coreia sob o regime comunista. O avanço das tropas norte-coreanas é a esperança que o personagem de Alina Paim nutre no sonho de ver o socialismo se espalhar pelo mundo. A interlocução que a autora faz com seu personagem, no texto dedicado ao Velho Tião, também revela o sonho da própria Alina, militante que trabalha na construção do ideal socialista.

Escreve ao amigo com a admiração por quem trabalha, luta, estuda e fortalece o espírito revolucionário dos jovens que ainda têm muito o que enfrentar. E, acima de tudo, o trabalhador que acredita na vitória e vê na investida dos coreanos também a sua conquista. E mostra-lhe que tinha razão quando acreditava na chegada do comunismo distribuindo os manifestos, ensinando que não se pode aceitar cabresto. E encerra, resumindo os sonhos do velho Tião:

No programa da Frente Popular de Libertação Nacional está o fim da escravidão de nosso povo, estão a terra para o camponês, a fábrica para o trabalhador, a liberdade para a mulher, a instrução para todas as crianças. Levanta bem alto a bandeira da revolução, solta nas estradas as palavras de

Prestes. Tu disseste, velho Tião: “o comunismo é como vento. Quem poderá segurar o vento quando ele estiver solto entre nós?” (PAIM, 1950, p. 12).

O sonho de Tião e de tantos outros homens e mulheres naquele momento se firmava no apego a uma esperança de vida melhor que era pregada pelos países que haviam implantado o governo comunista após revoluções populares. Retomando Assis Duarte, os personagens Zé de Barros e Tião emprestam suas memórias ao romance para dar sustentação a uma empreitada com ponto de chegada definido, que é a conquista do poder e a implantação do comunismo. As insurreições trabalhistas que são o enredo da obra mostram-se como meios pelos quais se constrói o Partido e, por ele, se chega a este horizonte desejado. Esse é o risco de a obra “resvalar na mera propaganda, caindo no maniqueísmo e na simplificação própria de uma pedagogia salvacionista” (DUARTE, 2005, p. 25). Isso foi assumido pelos escritores que investiram nesse projeto que sempre compromete uma leitura isenta dessa obra e de todas as outras consideradas panfletárias e doutrinárias. Apesar da necessidade da constante reflexão crítica e reconhecendo que a literatura está atrelada à política, fato que não ocorreu apenas nesse período, como já fora mostrado, os escritores atentos à situação política do país e engajados no projeto de transformação social, tomam operários e camponeses como assunto e sujeito do processo:

Tal fato implica não apenas tomá-los como assunto ou assumir sua defesa. Mais que isto, o gesto adquire os contornos de um compromisso: trazer o oprimido para o centro de uma literatura que, honradas as exceções de praxe, idealizara quase sempre as relações entre as classes (DUARTE, 2005, p. 28).

A classe operária mostra seus métodos de organização, paralisação e manutenção da resistência, encontrando apoio nos partidos políticos, associações e sindicatos que conhecem a difícil situação desses trabalhadores. Eles buscam e criam mecanismos para resistir às reivindicações e serem fortes no trabalho, suportando as duras condições que são oferecidas pelo contratante. O ofício que sobrecarrega, mutila, aleija e mata é uma forte razão para desencadear a greve e será detalhado na próxima parte, pois muitos trabalhadores não dispõem de seguridade social, nem de qualquer outro amparo à família em caso de morte ou invalidez.

4.3 Condições de Trabalho e estopim da greve

As agruras vividas e narradas por Zé de Barros e Tião são recorrentes na história dos trabalhadores ao longo dos séculos. A degeneração da força de trabalho é rápida e irreversível, tendo suas causas nas excessivas horas de trabalho, no descaso com a saúde, na alimentação deficitária, no enorme esforço diário que se colocava a serviço da empresa. O romance traz à tona diversos casos de acidentes no trabalho, doenças provocadas pelo excesso de força e pelas mortes constantes, inclusive causadas pela fome.

O caso de Nelson, mecânico da Rede Mineira de Viação, revoltava Conceição, sua esposa. Do homem que ela conhecera em 1930 não sobrara nada. A mão foi mutilada, a vista ofuscada, a coluna inclinada, a imagem toda de uma pessoa transformada num ser envelhecido, irreconhecível na foto que admirava:

Não podia ser, dezenove anos somente. E este mesmo homem, com a cabeça quase branca, sem os dentes, as faces encovadas, o corpo dobrado, a mão mutilada e o olhar morto, saíra-lhe pela porta de casa acompanhado do filho, minutos antes. Quem transformara seu homem dessa maneira. (...) O trabalho maldito lhe envelhecera o marido, a máquina lhe decepara os dois dedos, a fumaça e as fagulhas lhe roubavam aos poucos a luz dos olhos. (...) E Conceição, com o retrato nas mãos, odiou a Rede que mutilara seu homem e apagava a luz dos seus olhos (PAIM, 1955, p. 172-74).

Lembranças como essas mostram, além da doença, o desgaste precoce dos trabalhadores. Além dos problemas de saúde que resultam do trabalho, havia ainda a perseguição dos chefes de departamento aos operários adeptos dos movimentos de reivindicação, como Agenor. O engenheiro, em retaliação à sua participação na Comissão de Salários da última greve e à sua lealdade ao movimento, deixava-o vários dias sem trabalho para lhe cortar o salário. A esposa vivia em visível desnutrição, tendo que lavar mais roupas ainda para não deixar faltar ao menos uma alimentação por dia aos filhos e à mãe doente.

Adélia, esposa de Sílvio, perdera o pai e a chance de continuar os estudos; num domingo, enquanto o velho ferroviário consertava a bomba de água do abastecimento da Rede, sofrera um acidente e foi encontrado boiando no rio. Se não bastasse a perda inesperada, sofrera a humilhação da indenização por parte da empresa:

Lembrava-se ainda, daquela tarde de domingo em que o corpo do ferroviário fora retirado do Rio Paraíba. Aquele domingo marcara a vida

de Adélia, jogando diante dela a miséria; a indenização minguada que coube à viúva junto com a pensão de cem cruzeiros reduzia-a à penúria (PAIM, 1955, p. 286).

Os relatos apresentados pelos personagens eram como depoimentos de vítimas de um trabalho forçado, pelo qual recebiam baixa remuneração. A ficção lembra a falta de seguridade social, pois, com tantos acidentes e mortes, não tinham como prosseguir na vida os que ficavam mutilados ou na viuvez. A passagem no romance em que se avalia o movimento, Eugênio se perguntava se cabia na greve apenas a vida do operário no acampamento ou comportava também o sofrimento das famílias. Muitas situações eram lembradas como a doença de Lino Marques, que cuspiu sangue numa tosse persistente, além de ter um bebê para alimentar, prestes a morrer; as dificuldades de Anica, viúva de Cardosinho, há oito meses sem receber pensão; a Cooperativa, ao forjar gastos, deixava a família de Lúcia na penúria; Cardosinho havia morrido num acidente que demonstra o descaso com a segurança dos funcionários. Sem ter espaço para viajar dentro do vagão, os ferroviários trafegavam em cima da locomotiva, arriscando a vida. A hora próxima estabelece o compromisso da literatura com a história social do Brasil

Custava a acreditar que aquele corpo desconjuntado era Cardosinho, a cabeça rodando no pescoço como cabeça de boneco. (...) Cardosinho entrara no túnel rindo-se... a cabeça batera na abóbada do túnel e o andamento do trem precipitara-o no chão. Como Cardosinho, Benedito e Honório foram mortos pelo túnel da Mantiqueira, desde que a Rede suprimira a classe que devia acompanhar os passageiros. No sol, no vento, na chuva, tinha de viajar sobre os vagões, mais miseráveis que o gado encurralado nas gaiolas (PAIM, 1955, p.89-90).

Em matéria veiculada no jornal *Imprensa Popular*, Fernando Guedes faz uma crítica mais literária, desapegada da propaganda do romance. Ele analisa a formatação dos personagens, como no caso de Cardosinho.

Na minha opinião, Alina deveria ter feito daquele ferroviário morto no túnel, um de seus principais personagens, em vez de aparecer unicamente através de referências nos diálogos dos outros. Isso porque se assim o fizesse, o leitor compreenderia muito melhor o significado daqueles termos <exploração>, <miséria>, que os personagens exclamam para caracterizar suas vidas, simpatizaria mais com os grevistas e chegaria a desejar a greve talvez antes dos próprios personagens (GUEDES, 1955, p.5).

Guedes compara a construção dos personagens com *Donos do Orvalho* (1954) de Jacques Roumain, também parte da Coleção Romances do Povo, considerando que, para focalizar os problemas da realidade, é indispensável a descrição da vida que levam os personagens porque assim convencerá o leitor “da justeza das ideias do autor” (1955, p.5). Enfatiza que Roumain descreve o caráter de seus personagens a fim de conquistar a simpatia do leitor por suas ideias além de utilizar uma linguagem simples, única possível para aqueles homens. A consequência é que os personagens pouco se diferenciam entre si e acabam confundindo o leitor. Os discursos repetidos de grevistas e comunistas não chegam a convencê-lo e isso é fundamental para Guedes. Outra consequência é o esquematismo nesses personagens que só tem a greve para se referir e com uma linguagem semelhante a dos comunistas, até mesmo com um tom de declamação. “Isso faz com que a verdade artística das figuras seja prejudicada. Os personagens têm pouca naturalidade no falar, declamam mais do que conversam” (GUEDES, 1955, p.12).

O ensaio de Guedes destoa das opiniões apresentadas nos mesmos periódicos e que se comprometem com a divulgação e, por isso mesmo, com elogios. Também não aparece como uma opinião negativa a condenar a obra, mas como uma análise consciente de estar contribuindo para a melhoria dessa nova literatura que se apresenta.

A análise de Pereira (IMPRENSA POPULAR, 17/07/1955) é mais laudatória, embora contemple o caráter formal da narrativa. Ele ressalta a preocupação com o resultado da obra que fora pesquisado como reportagem e elaborado enquanto romance, cuja pretensão considerou bem-sucedida. O ponto forte é a presença da autocrítica que está implícita no romance. Os próprios personagens analisam suas ações, reconhecendo os erros, a vitória parcial; os comunistas também assumem que o Partido não deu conta de sustentar a greve em todos os momentos.

Os problemas elencados no romance compõem a pauta que se arrasta por muitos anos e por muitas greves, com pouca esperança de solução. Os riscos a que estavam expostos começou a diminuir com a modernização das ferrovias. As locomotivas diesel-elétricas novas, modernas e possantes não trafegavam nas antigas linhas da Rede Mineira de Viação. Como consta nos depoimentos de ferroviários registrados na pesquisa sobre o ciclo da Maria Fumaça em Minas Gerais, muita coisa teve que mudar, inclusive o quadro de funcionários, que, a princípio, precisou ser mecanizado para lidar com as máquinas que conservariam as linhas reformadas. A realidade das condições

de trabalho ficcionalizadas por Paim encontram eco nos depoimentos dos funcionários reais da RMV, como o maquinista de 76 anos.

O segundo passo dado para o grande aperfeiçoamento do pessoal foi criando um quadro de excedente para expurgar os maus funcionários. Os velhos empregados da Rede foram cedidos à Rede Ferroviária, mas está julgando uma boa parte deles inconveniente lançou eles no quadro de excedentes entregando ao governo federal e foram remanejados para os vários órgãos do governo sendo os correios e telégrafos os mais atingidos por estes empregados. Com a vacância deixada por eles, foi aberta inscrição para admissão de moças com idade entre 19 a 21 anos que tivessem cursado pelo menos a oitava série escolar e gozasse de boa saúde é claro (GORGOZINHO, 1989, p. 158).

Os velhos empregados, na maioria doentes ou mutilados, ainda foram submetidos a exames que comprovaram, sem dúvida alguma, a incapacidade para o trabalho, alguns conseguiram licença para tratamento: “Alguns maquinistas não querendo ficar ociosos nos depósitos sujeitaram a trabalhar como ajudantes de maquinista de colegas novos recém-chegados, que na realidade era uma humilhação” (GORGOZINHO, 1989, p.158), contou o velho maquinista. Aos poucos, a RMV foi descartando os funcionários sem condições de trabalho e substituindo-os. A vida inteira era entregue a um ofício que mal garantia a sobrevivência, que gerava fome, revolta e os transformava em mera mão-de-obra barata e de fácil descarte, seguindo, afinal, a lógica do capital.

A insalubridade do trabalho nas ferrovias da Rede Mineira de Viação não deixava o trabalhador esperar dias melhores nem permitia a tranquilidade de meras solicitações de direitos. A condição daqueles trabalhadores clamava por mais uma batalha em busca da hora próxima, que não era apenas esperada, mas conquistada pela força da unidade e pela coragem de enfrentar todos os poderes constituídos que se unem, em plena solidariedade, para derrotar a classe trabalhadora. Como de outras vezes, na mesma década de 1940, os funcionários da RMV, distribuídos nas cidades-entroncamentos e nas diversas funções que o trabalho na ferrovia exigia, decidiram por mais uma reação ao estado de exploração e humilhação a que eram submetidos, principalmente a fome. Foi a miséria, mas sobretudo a fome de seus filhos que fizeram homens e mulheres pararem cinco cidades abastecidas pelos trens da Rede Mineira de Viação. Um trabalho coletivo que envolveu familiares, amigos e conhecidos dos ferroviários, destacando a participação de suas companheiras. A seguir,

acompanharemos as mulheres de Cruzeiro, Itajubá, Soledade, Divinópolis e Barra Mansa na difícil missão de defender a vida ou, apenas, a sobrevivência de seus filhos.

4.4. Havia mulheres no meio dos trilhos – Da passividade à resistência

A obra de Alina Paim provoca a discussão a respeito do lugar da mulher na literatura brasileira no que concerne à escritura feminina e às personagens da ficção. Desde seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade* (1944) que a mulher assume papel de relevância na sociedade, ou seja, fora do ambiente doméstico. A professora Marina tenta sobreviver com o salário de professora e aplicar novos métodos pedagógicos em sua turma, apesar da pressão da direção da escola que pretende manter a metodologia conservadora. A professora enfrenta as adversidades da vida particular e da profissão que exerce amadurecendo com aqueles “cento e vinte” que recebeu de salário. A situação ensinara-lhe a conhecer as pessoas que se escondem por trás das instituições, abria-lhe os olhos para encarar o mundo com malícia e perspicácia. Em *Simão Dias* (1949), a personagem Maria do Carmo recupera a vida da autora, revelando sua infância, orfandade, os conflitos familiares na pessoa do avô, que representa o patriarcalismo; as tias que cuidam de sua educação com severidade, mostram um outro universo de dominação representado por mulheres. É o caso da professora Otaviana, tradicionalista, já idosa, estabelece com Maria do Carmo o contato com a truculência, que se verifica no sistema patriarcal. Enquanto Luísa, a professora jovem e de métodos inovadores, apresenta uma relação de confiança e amizade junto às alunas, comportamento que revela um vínculo construído de forma pacífica.

Em *A hora próxima*, temos autora e personagens femininas que se destacam. A ficção de Alina Paim, em meados do século XX, período de muitas transformações políticas e sociais, coloca em discussão a atuação feminina no cenário nacional, herdando do século passado conquistas primordiais para as batalhas que se apresentavam naquele momento. O século XIX testemunhou a luta pelo direito de ler e escrever, começando pela educação em alguns conventos ou com aulas particulares em casas de professoras até que se tornasse um direito, demoradamente estendido a todas as mulheres. Recorrendo ao estudo de Constância Lima Duarte (2003), percebemos o longo processo de alfabetização e, principalmente, politização que levou a mulher ao ofício de escritora ainda no século XIX, que tem em Nísia Floresta

Brasileira Augusta (1810-1885) o pioneirismo em “romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais chamados da ‘grande imprensa’ (DUARTE, 2003, p.153). A ela seguem a mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), as gaúchas Clarinda da Costa Siqueira, publicando em jornais femininos e outros periódicos; só na metade do século, as mulheres conseguem dirigir os jornais e se percebe um considerável número de jornais e revistas com pautas femininas.

A luta pela ampliação da educação e o direito ao voto foram as bandeiras levantadas pelas mulheres após sua inserção na imprensa. Os avanços não conseguiam conter o discurso masculino em situar a mulher no ambiente doméstico e nas obrigações maternas. As produções literárias que circulavam em periódicos, em livros e no teatro, como a peça *O voto feminino*, de Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), reivindicavam o direito de votar e ser votada, o ensino superior e o trabalho remunerado (DUARTE, 2003, p.157). As disputas travadas na imprensa determinaram a inserção da mulher nos cenários político e literário, alavancando as futuras batalhas que percebemos longe de terminar, principalmente quando evidenciamos a realidade atual.

Acompanhando o trabalho da mulher com a escrita, sendo esse ofício seu espaço de poder, verifica-se o importante papel da literatura quando se pretende derrubar conceitos tão fortemente arraigados e construir novas formas de pensar o ser humano para além do gênero. Se as sociedades se firmaram em tarefas delegadas aos diferentes gêneros, a majoração de um sobre o outro se concentra, muitas vezes, na condição física de se sobrepor pela força bruta.

O século XX confirma as pautas de luta em relação à educação, ao voto e ao campo de trabalho. Constância Duarte destaca o nome de Bertha Lutz (1894-1976) como liderança expressiva na campanha pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Consideradas escritoras feministas, são destacadas: Gilka Machado (1893-1980) publica *Meu glorioso pecado* (1918), um livro de poemas eróticos causando “considerado um escândalo por afrontar a moral sexual patriarcal e cristã” (L. DUARTE, 2003, p.162); Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) com o livro *Rito pagão* (1921) vencendo o concurso literário da Academia Brasileira de Letras; Ércília Nogueira Cobra publica, no ano da Semana de Arte Moderna, *Virgindade inútil – novela de uma revoltada* (1922), obra que provocou intensos debates a respeito da exploração sexual e trabalhista da mulher. Contra a ordem moralista imposta às mulheres, destaca-se o livro *A mulher é uma degenerada?* (1924), de Bertha Lutz

quando já tinha abraçado a causa do operariado. A atuação feminina saltou das letras para ocupar as ruas com suas vozes realizando passeatas, uma delas liderada por Leolinda Daltro, que conseguiu fazer um senador apresentar o primeiro projeto de lei em favor do sufrágio. À ação sucederam as investidas de outros senadores, deputados e membros da imprensa em desqualificar as mulheres, atrasando a aprovação do projeto que só aconteceu em 1928. Entretanto, um ano antes, o governo do Rio Grande do Norte aprovou a lei que dava direito ao voto às mulheres, fato que propiciou a luta nos outros estados. Para ocupar um cargo eletivo, esperou-se até 1929 quando em Lajes-RN, Alzira Soriano (1897-1963) foi eleita prefeita derrotando um coronel da região (DUARTE, 2003, p.162).

As disputas que se concentravam na educação e na política se estendem a todo campo social com a luta pela emancipação da mulher. Nesta fase, o anarco-feminismo foi determinante na defesa pela instrução da classe operária. A década de 1930 foi muito produtiva para a literatura brasileira e a afirmação de escritoras ficcionais como Raquel de Queiroz, que gerou desconfiança entre os escritores quanto à autoria feminina, pois alguns pensavam que era o pseudônimo usado por um escritor.

Perpassando pelos acontecimentos que marcam a história da luta das mulheres por igualdade em todos os campos sociais, vê-se que a literatura se configura como campo de batalha. Até a atualidade, escritoras e personagens femininas desafiavam ideias e ações que permanecem inalteradas ou camufladas em discursos “progressistas”. Inserida na galeria da produção literária brasileira, Alina desponta como profissional do magistério, já desafiando as condições impostas no cenário educacional brasileiro ao aplicar métodos de ensino-aprendizagem diferentes dos convencionais. Como militante partidária, ingressando num partido de esquerda, decisão que naquele momento representa ir de encontro às regras e costumes estabelecidos, sofrendo duplamente as reações da sociedade patriarcal, por ser mulher e comunista. As obras paimianas são conhecidas pelo teor de denúncia da exploração da mão de obra e, com mais afinco, contra todas as formas de submissão da mulher.

Assim, a escritura de Alina Paim sempre esteve voltada para uma sociedade libertária na qual homens e mulheres tivessem as mesmas considerações no julgamento de suas ações. Os temas geradores de seus romances, desde *Estrada da Liberdade* (1944), apresentam a insubordinação da mulher ao lugar e ao papel a ela reservados. Diante dessas reflexões, Alina Paim e sua obra merecem destaque na literatura

brasileira por ter contribuído com sua vida e com sua arte na propagação da emancipação feminina.

A hora próxima tem o respaldo da vida militante da escritora e de sua politização, embora criador e criatura devam ser considerados independentemente, esta obra, de modo particular, representa uma fase da história do Brasil, fruto de uma ideologia inerente a um partido político, expressa nas ações da narrativa. O coletivo de mulheres trazidos à luz por Alina Paim nos remete à organização em comissões, sindicatos e partidos políticos. O enredo se volta para a atuação das mulheres que é fundamental para o sucesso da insurreição, já que não podem ser demitidas, visto que não são funcionárias da empresa, e têm como combustível a revolta de assistir seus filhos morrendo pela fome e pelas doenças. Ocorrida em 1949 e iniciada em Cruzeiro (SP), o jornal baiano *O Momento* informava sobre a greve histórica com a chamada “MULHERES VOLTAM A DEITAR NOS TRILHOS”.

BELO HORIZONTE, 27 (IP) – As esposas dos ferroviários da rede Mineira, que empolgaram o país nos últimos dias, com o ato de heroísmo e coragem, aderindo à greve de seus esposos voltaram a sentar-se nos trilhos. A atitude foi motivada pelo fato de não ter a empresa cumprido as promessas feitas, não cumprindo o acordo estabelecido, e na base do qual a greve cessou (O MOMENTO, 27/09/1949, p.6).

Na recriação ficcional desse movimento, as mulheres pararam as máquinas, uma a uma, cidade por cidade. Jandira, com o apoio das companheiras, parou a Locomotiva 437, apelidada de Joana, em Cruzeiro; Marta, tomou o trem em Soledade de Minas; Rosa, grávida, atira-se na frente da máquina em Itajubá; Lucrécia, Conceição e Luíza, de posse de uma bandeira vermelha, se sobrepõem à ordem do tenente: “o trem não sai” (PAIM, 1955, p.181). Por fim, em Barra Mansa, as mulheres convenceram seus maridos a pararem suas atividades. Vários nomes, muitos rostos, decisões e ações coletivas trazem ao centro da literatura brasileira a coletividade, um protagonismo descentralizado, distribuído em homens e mulheres que juntos formam a classe trabalhadora.

A forma de apresentar as ações das personagens, para Oliveira, lembra as façanhas dos grandes heróis como se anunciasse uma epopéia: as mulheres “marcham” como um exército; a descrição dos combates, cenas que são protagonizados por heróis e não por seres comuns. “Cenas de valentia, personagens que se destacam por sua justeza moral, solidariedade e abnegação. Tudo isso, de algum modo, faz parte do

romance, construindo sua ambiência e moldando suas cenas” (OLIVEIRA, 1998, p.103).

Em *Momento Feminino*, a matéria “Uma greve de mulheres” exalta a atitude firme das mulheres na luta operária e ficcionalizada por Paim:

Nessa obra, de grande valor literário, a autora procurou, numa linguagem simples, fixar os sentimentos, os costumes, os aspectos e paisagens da vida brasileira, fazendo desfilar personagens cheios de entusiasmo, como um jovem apaixonado e sua noiva, fiéis a seu amor e ativos na luta; como d. Paulina, simples mulher do povo, animadora da greve. E inúmeros outros cujas palavras e ações estão cheias de calor combativo. O romance de Alina Paim assegura um novo êxito à coleção ROMANCES DO POVO, que Jorge Amado orienta e dirige (MOMENTO FEMININO, 1955, p.12).¹

Se a luta pela educação, pelo voto feminino e pela própria emancipação foram as pautas dos cem anos que antecedem o romance, lutar contra a repressão política e pela própria sobrevivência era uma necessidade irremediável.

A narrativa mostra mães e esposas, mulheres que dependiam dos salários pagos pela Rede Mineira de Viação, que percebiam nos filhos o sofrimento dos baixos salários pagos com atraso; situação que não permitia cuidar da família quando estava doente, vendo a febre e a fome matando um pouco por dia.

Em muitas oportunidades as mulheres demonstraram a força da decisão que as fizeram sair do ambiente doméstico para tomar o espaço social, predominantemente masculino. As ações que constituem a narrativa de Paim mostram mulheres que usam de suas forças – humanas – para enfrentar os inimigos. Não há poderes sobre-humanos que carregam uma ideia de invencibilidade, mas pessoas capazes de agir dentro da condição humana e, assim mesmo, poder transformar sua realidade. Para Schwantes (2012), o romance, com intenção de romancear a história, poderia se desenvolver a partir de outros focos, optando “por colocar as mulheres como foco primeiro da ação” (p.48), garante a elas um espaço privilegiado, preocupação contínua nos romances de Alina Paim. Apesar das mulheres não serem funcionárias, portanto, não eram propriamente as grevistas, o enredo poderia delegar-lhes um papel secundário, colocando à frente os homens. A escolha de lideranças femininas em cada cidade e no momento da negociação final, estabelece uma relação de igualdade com os homens, enfatizando a importância do papel feminino na sociedade.

¹¹ O número da Revista Momento Feminino não apresenta data precisa, apenas o ano (1955), nº (109) e ano de publicação (III).

Quando foram provocadas pelo pessoal de confiança da administração, tomaram o ultraje como maior o combustível da revolta. A mensagem que chegava a Divinópolis justificava a necessidade da greve ao dizer que “os milhares de ferroviários estavam se acabando de fome com suas famílias” (PAIM, 1955, p. 176). Quando Rosa parou o trem em Itajubá, seus olhos reluziam o desespero do filho doente, precisando de dois litros de leite e conseguindo apenas meio, por falta de crédito no mercado, ouviu do engenheiro: “Por que não compra metade de meio litro?” A ironia do representante da empresa refletia o tratamento com os trabalhadores por toda a Estrada (percurso ferroviário sob responsabilidade da Rede Mineira de Viação). Todos esses fatores foram determinantes para que os ferroviários fizessem a greve de 1949 e para que as mulheres sustentassem o movimento com força e organização.

Nas próximas seções, será apresentada a organização do movimento grevista, com maior atenção para a participação das mulheres que, obstinadamente, garantiram sua manutenção. Fazem parte da organização a formação das comissões de greve em cada cidade-entroncamento, as adesões e a consciência que ia se formando no decorrer das atividades.

4. 4.1 Cruzeiro

A história começa em Cruzeiro, no estado de São Paulo, mulheres à frente e os homens na retaguarda, aquela madrugada jamais seria esquecida. Elas avançavam nos trilhos contra a locomotiva, até Jandira dar a ordem de parar, que não fora atendida pelo maquinista. Uma segunda e uma terceira ordem se repetiam, até que Jandira subiu na locomotiva, acompanhada de Palmira, Leonor e Margarida, enquanto os homens rodearam a locomotiva e lhe apagaram o fogo. Não deixaram sair do depósito as manobreiras 112 e 116. Estava declarada a greve em Cruzeiro.

Três ações eram imediatas em cada ponto: primeiro, parar o trem e apagar sua caldeira; depois, ocupar a Estação; em seguida, tomar o telégrafo, a forma mais rápida de comunicação no momento. De fogo apagado, a locomotiva envolveu o acampamento dos ferroviários, tornando-se o comitê central da greve e o símbolo da força dos grevistas. As mulheres a chamaram de Joana: um nome feminino que lembra a combatente Joana D’arc, guerreira francesa que lutou na Guerra dos Cem Anos, no século XV, e é referência feminina de coragem e de martírio. À sombra de Joana, as

famílias de Cruzeiro montam seu acampamento e pregam na locomotiva a razão da greve – “Nossa luta é contra a fome e a miséria” (PAIM, 1955, p. 48).

Enquanto as mulheres tomavam conta da máquina, os homens faziam piquete. O líder, Zé de Barros, experiente de muitas greves, colocava sua sabedoria a serviço do movimento e saía a buscar pessoas de confiança para manter os piquetes e não deixar ninguém trabalhar. O próximo passo era tirar a Comissão de Greve, passo este para o qual Sílvio chamou a atenção de todos “que para essa responsabilidade indicasse às grevistas mais decididas, aquelas mais fiéis e capazes de resistir até a vitória da greve sem medir sacrifícios” (PAIM, 1955, p. 22). Sílvio, que, além de ferroviário, era membro do Partido Comunista, utiliza os conhecimentos da militância partidária para organizar a paralisação e se nega a escolher a comissão, como alguns propuseram, e deixa clara a legitimidade da assembleia, meio pelo qual os pares tomam suas decisões por maioria simples. Após o debate e muitas sugestões, a Comissão de Greve de Cruzeiro está formada: Jandira, Leonor, Angélica, D. Palmira e Dolores. As demais companheiras ajudariam no que fosse preciso, e a comissão cuidaria da articulação com as outras comunidades, com o Partido e com as barreiras administrativa, policial e política que enfrentariam. Personagens com essas características são encontradas em todas as cidades que servem de cenário à trama. Todos eles protagonizam atos heroicos, principalmente as mulheres. É o princípio do herói coletivo, construído sob a face feminina. Do primeiro ponto de greve já se percebia a noção de coletividade no grupo que foi colocada à prova assim que a notícia se espalhou.

Apesar do antagonismo mais aparente ser da Rede Mineira de Viação, alguns inimigos dos grevistas vão aparecendo. O primeiro embate foi com o sargento Luís Gonzaga, que chegou perguntando quem era o cabeça, se era o Sílvio Ferreira. A tentativa de encontrar uma liderança para prender e desarticular o movimento não deu certo. As mulheres se declararam “cabeças”, todas elas juntas seria mais difícil de prender. Logo após, surge João Olímpio, personagem que representa o funcionário que defende a administração; este tentou furar a greve junto com o agente da estação, mas não passaram pelo piquete das mulheres; entretanto, alimentava a ideia de sufocar a greve e ganhar notoriedade juntos aos patrões.

O personagem João Olímpio é o responsável pela escala de trabalhadores na Rede Mineira de Viação e pode ser considerado o típico traidor da classe. Infiltra-se no movimento a fim de ganhar a confiança do grupo, para depois obter recompensas

de regalias no trabalho por parte do patrão; alimenta, ainda, o desejo de perseguir os colegas de trabalho. Pensando em usufruir de privilégios, maquinava:

Com sua prática de espionagem bem podia sonhar com as regalias de itinerante, num trecho da Oeste, onde ninguém o conhecesse. Os rostos das mulheres, de Castorino, de Zé de Barros surgiram diante dele. Mostraria à velha Palmira quem: era a raposa e seria difícil ao marceneiro Jovino escapar de suas unhas. Que diabo, Jovino era aposentado! Para o Castorino que castigo melhor do que remoção para Ibiá, se o homem tinha mulher e filhos. No Zé de Barros pensaria com mais vagar. Pagava-lhes na mesma moeda de ódio, talvez com uns quebrados a mais (PAIM, 1955, p. 30).

Além de não se identificar com sua classe, esperava com alegria o dia em que cumpriria cruelmente as tarefas do empregador. A formação da consciência de classe não acontece de fora para dentro, como dissera Marx em muitas de suas obras; ela precisa ser experimentada, e o romance de Alina Paim mostra essa concepção de práxis em muitas passagens: “a greve é para se viver” (PAIM, 1955, p. 101).

Outro personagem cuja prática se assemelha à de João Olímpio é Manuel Barulho, vereador e ferroviário. Este é ainda mais astuto e dispõe do poder político para administrar as tramas, aparecendo no acampamento como conciliador entre as partes. Com o discurso bem dosado, reconheceu o direito dos grevistas aos salários atrasados enquanto defendia a ordem e o respeito às autoridades e, assim, atacou o movimento pelo seu ponto forte, a barreira de mulheres. Se conseguisse tirá-las do caminho, com os funcionários seria mais fácil. Então alegou ter notícias de um batalhão que estaria vindo de Taubaté e Lorena para dissipar os grevistas e, portanto, aconselhava: “as crianças no acampamento correm perigo, a greve é questão para adultos, para homens e mulheres” (PAIM, 1955, p. 33). Seu interesse é que as mães deixassem o acampamento e a greve perdesse o reforço.

A crença de que educar a classe trabalhadora para assumir o projeto comunista alimenta a necessidade de preparação para as batalhas em todos os países, levando líderes e intelectuais a desenvolver a literatura de partido. A estratégia era conquistar corações e mentes através de romances que abordavam as lutas, os potenciais e as possíveis vitórias do proletariado frente ao regime capitalista, sem esquecer da valorização da atuação do Partido em todo o processo narrado. O romance que, segundo Lukács (2000), atinge a totalidade da vida, embora esta não tenha mais sua extensão tão definida quando comparada à antiguidade clássica na qual a epopeia refletia a extensão da vida humana, recupera a parte narrativa, agora dissociada do

verso que ficou para a lírica. Assim, o romance contempla a evolução da vida no mundo moderno e suporta, em sua estrutura, as necessidades dessa nova humanidade. Em *A hora próxima*, o romance cumpre a função muitas vezes delegada à epopeia no período clássico: formar um povo em determinados princípios que o momento histórico exige.

A epopeia dá forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida. A estrutura dada do objeto – a busca é apenas a expressão, da perspectiva do sujeito, de que tanto a totalidade objetiva da vida quanto sua relação com os sujeitos nada tem em si de espontaneamente harmonioso – aponta para a intenção da configuração: todos os abismos e fissuras inerentes à situação histórica tem de ser incorporados à configuração e não podem nem devem ser encobertos por meios composicionais. Assim, a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo (LUKÁCS, 2000, p.60).

Os heróis dos romances que se enquadram no Realismo Socialista são apresentados de forma coletiva, que determinam a existência de um enredo preparado para mostrar ao leitor as vantagens de ver o povo no poder. Nesse período pós-guerra em que o mundo está dividido em dois blocos, capitalista e socialista, a União Soviética aposta no desenvolvimento do aparato cultural para manter e expandir o projeto socialista.

As mulheres exerceriam um papel fundamental enquanto durasse a paralisação dos ferroviários: primeiro porque não podiam ser demitidas, já que não eram funcionárias da RMV; depois, porque junto aos filhos sustentavam a ideia de fragilidade contra a qual toda forma de repressão seria considerada covarde e arbitrária. A proposta criou um estado de angústia e fez Maria José repensar a atitude do grupo: “E se a gente voltasse? No barulho, homem é que decide”. A resposta de Jandira foi firme: “As mulheres voltarem para casa, isso nunca!” (PAIM, 1955, p, 34).

A leitura do romance *A hora próxima* faz pensar no ato da criação artística como definida por J. P. Sartre. Para ele, o sujeito é essencial para desvendar o objeto, neste caso, as projeções do escritor no texto são apenas conjecturas que o leitor terá a seu dispor:

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler, como

seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem (2004, p. 37).

Na narrativa, as mulheres, envolvidas na greve da Rede Mineira de Viação, parecem conhecer as especificidades das disputas no mundo do trabalho. Reconhecem falsos combatentes, enfrentam a polícia com coragem e astúcia, desarticulam as estratégias e sustentam uma greve como nem todos os grupos de trabalhadores conseguem. Entre todas as mobilizações em Cruzeiro e região, aquela se destacava pela participação feminina: Leonor, Jandira, D. Palmira, Maria José, Augusta, Laura, Marta, Angélica, Dolores e tantas outras mulheres que deram suporte enquanto durou o acampamento à sombra da locomotiva 437.

A greve precisava de reforço e os olhos se estendiam por toda a Estrada; era preciso parar Itajubá, Soledade de Minas, Três Corações, Lavras e Divinópolis e deixar a RMV inoperante. Para tanto, contribuíram com a divulgação a Rádio da Mantiqueira e os jornais do Partido Comunista – *Voz do Povo* e *A Classe Operária*. Para as articulações internas, a ocupação do telégrafo e a habilidade de João Luís foram imprescindíveis, pois mantinham contato com os outros entroncamentos de forma confidencial. Foi a mensagem transmitida pelo telégrafo que animou o grupo de Cruzeiro quando Jandira deu a notícia “Soledade está em greve. Prenderam o trem de Belo Horizonte” (PAIM, 1955, p. 59). Veremos agora, como se deu a greve em Soledade de Minas.

4.4.2 Soledade de Minas

A difícil condição de vida acompanhava os trilhos por onde passava a riqueza da Rede Mineira de Viação. De Cruzeiro (SP) a Belo Horizonte (MG), não havia um entroncamento em que os ferroviários tivessem a satisfação de viver condignamente. O apito da manobreira surgiu junto com o grupo de homens, mulheres e crianças que tomou a rua, se espalhou pelos trilhos até que a máquina parou, enquanto o Depósito e a Pedreira já tinham sido tomados.

O arrojo, como é recorrente no romance, das mulheres de Cruzeiro surgia como um desafio às mulheres das outras cidades. Alina Paim articulou espaços e personagens que criou uma relação de solidariedade e de cumplicidade por dividirem

o mesmo problema. Com didatismo, as “lições” introduzidas reforçam a ideia de união da classe proletária. Nas palavras do narrador, o pensamento de D. Hortência refletia sobre a origem do movimento.

O arrojo das companheiras repercutia dentro dela, espicaçando-lhe o orgulho. Se as mulheres de Cruzeiro tinham a audácia de se atravessar nos trilhos, em que lhes ficavam devendo em coragem as mulheres de Soledade, que não fizessem o mesmo? Não seria, certamente, por falta de fome e de agonia (PAIM, 1955, p. 63).

O foco narrativo se apresenta primeiro na terceira pessoa, gradativamente, passa aos personagens que deixa fluir suas lembranças e suas perspectivas. Em muitos momentos, é difícil para o leitor discernir o sujeito do discurso. O excesso de diálogos e explicações para se chegar a uma causa também demonstra a construção forçada de situações que compõem a narrativa.

O romance não esconde as agruras que estão no caminho, os perigos revelados e escondidos e a insistente possibilidade de fracasso. Mas também, nestas dificuldades apresentadas, se resguarda a oportunidade de mostrar como a classe deve se organizar para a luta maior que não apenas a reivindicação pontual, mas a vitória final. Por isso, Zé de Barros sempre aparece para chamar a atenção quanto ao fortalecimento de dois organismos fundamentais para os trabalhadores: o sindicato e o partido. A mensagem final é sempre reforçada: nessas duas frentes serão travadas as batalhas que levarão à hora próxima.

Outra abordagem no romance é a formação da Comissão de Greve de Soledade. Quando Maria José, Iracema e Lourdes vão à assembleia e são indicadas para compor a comissão, a preocupação toma conta dos grevistas mais experientes. Isso porque a primeira era esposa do agente, a segunda, do gerente da cooperativa, e a última, do conferente. Os cargos dos maridos colocavam as três em situação confortável em relação às outras mulheres, pois os salários eram bem superiores aos da maioria. Cuidado e desconfiança são itens de proteção contra surpresas que podem custar todo o organismo e é necessário estar atento. Justamente para marcar esse perigo, o movimento grevista começa a ser minado em Soledade, onde a administração encontra uma brecha para fechar um acordo. O Superintendente da RMV chamou a comissão em separado e convenceu Maria, Iracema e Lourdes, deixando Marieta e Hortência em minoria, tendo a administração o sucesso que não conseguiu nem em Cruzeiro nem em Itajubá.

- Se vocês foram contra, por que o acordo foi feito? – perguntou Laura.
- Porque elas votaram, deu três contra dois. Bem que seu Benjamim compreendeu logo de saída que mulher de grande funcionário não deve estar na frente da greve. Não merece confiança porque se hoje está firme, amanhã já mudou. Você se lembra, Marieta. Seu Benjamim queria que entrasse na comissão duas mais, uma esposa de trabalhador de turma e outra de guarda-chave. A marcação de votos nesse caso ficava com garantia quatro contra três. Mas o pessoal estava todo derramado com a honra que as três mulheres faziam ficando na plataforma (PAIM, 1955, p. 348-49).

Nesse fato acontece uma reviravolta na posição de personagens; as mulheres que exerciam o protagonismo se revelam antagonistas, sendo apresentadas como inimigas da classe operária por não agirem da maneira que se esperava.

Perseguindo a ideia de unidade de classe, atenta-se para o comportamento de Maria José durante a reunião, enquanto o superintendente tentava convencer Marieta e Hortência de que atenderiam imediatamente ao pagamento dos salários chama a atenção: “Por que não se faz logo esse acordo? É o atrasado mesmo que vocês querem”. Quando Marieta e Hortência referem-se a “vocês” (PAIM, 1955, p.349), demonstram que não se identificam com o movimento e a ficção direciona o leitor ao perigo que os grevistas enfrentam ao eleger seus líderes. O romance do Realismo Socialista aparece bem elaborado para cumprir a missão que foi proposta. No próximo ponto, acompanharemos os acontecimentos da greve em Itajubá (MG).

4.4.3 Itajubá

Quando a greve chega a Itajubá, o movimento já está amadurecido e a administração preparada, enviando seus representantes para conter novas adesões. Diante do engenheiro e do general, Rosa, grávida de sete meses, ocupa a locomotiva com Marta e as companheiras enquanto os operários já haviam abandonado o trabalho e desligado as chaves elétricas. Dirigindo-se ao escritório, depararam-se com funcionários indiferentes à situação que os ferroviários enfrentavam e contemplaram uma estratégia de manutenção do *status quo* ainda muito utilizada que era manter um quadro de empregados bem aparelhado enquanto ignorava as necessidades de um grupo maior. O velho Tião alertara: “Em caso de greve, olho no pessoal do escritório. A administração fez do escritório o ninho dos afilhados, aquilo é diferente, é cabide de emprego dos políticos” (PAIM, 1955, p.118).

Em Itajubá houve também o confronto entre o engenheiro e Rosa, após o sarcasmo com que aquele tratara o filho dela. O engenheiro incorpora também o repressor que confia na força policial para acabar com o movimento e defender o patrão. No velho Tião, as lições do comunismo se propagam em suas conversas e não deixam de exaltar a importância da formação política na vida das pessoas:

– Repara nisso, Olavo. Um homem tosco, se é comunista, pode deixar sem resposta até um doutor e um vigário, com todas as leituras. Sabe por quê? O Partido abre o olho e o ouvido da criatura, ensina o “estudo de cabeça”. A gente não engole mais tudo que dizem por aí, a gente para, vira o palavreado pelo avesso e tem explicação. (PAIM, 1955, p.124)

O Partido, acima de tudo, precisava ser necessário, não poderia ser apenas um meio para a classe operária; nesta, os partidários depositavam seus interesses e suas esperanças. A função de organizar o proletariado é o interesse que permeia o romance e se concretiza na fala de Alberto, militante responsável pela organização do Partido entre os proletários e por esse motivo esteve em Três Corações para que a greve não acontecesse sem a orientação partidária. O articulador se sente frustrado quando chega a seu destino para organizar a greve e percebe que o movimento já estava pronto:

Errara no cálculo: as condições para a luta estavam mais amadurecidas e a luta desencadeara-se brusca, vigorosa e espontânea, independente quase do comando do Partido. Sua tarefa, de um instante para outro, revestira-se de novos aspectos. O Partido teria de suprir durante a própria luta as deficiências de organização e guiar o movimento para o fim vitorioso, reunindo com firmeza em suas mãos as diversas pontas da meada; se isto não acontecesse, correria o perigo de ficar a reboque da combatividade dos ferroviários. Sua responsabilidade de dirigente aumentara: estava em jogo o comando do Partido, o desempenho de seu papel de vanguarda na defesa dos interesses da classe operária (PAIM, 1955, p. 141).

Era comum o Partido fazer-se presente nas insurreições dos trabalhadores com a discurso de necessidade de organização política a que os sindicatos ainda não estavam acostumados e, dessa forma, os dirigentes do Partido Comunista supriam essa deficiência. O romance trata dessa inoperância com o objetivo claro de mostrar ao público a importância do socialismo através da organização partidária, utilizando, assim, o discurso do Partido. Todas as obras da Coleção Romances do Povo foram direcionadas no sentido de mostrar o homem novo, o mundo novo, uma espécie de messianismo que se propagava de forma romanceada.

O messias que se apresentava era Luís Carlos Prestes e muitos tentavam seguir seus passos, empenhando-se na organização das células do Partido, na divulgação da literatura marxista, das estratégias de luta e de disputas eleitorais para ocupar os espaços de poder.

A menção a Luís Carlos Prestes é corriqueira em *A hora próxima*. O líder político admitido no Partido Comunista do Brasil, em 1934, tornou-se a liderança mais expressiva na luta contra o imperialismo. Tendo vivido na URSS e comandado a “marcha da coluna” que atravessou todo o território brasileiro (Coluna Prestes), era chamado e proclamado como “Cavaleiro da Esperança”, tão forte era a mitificação sobre ele. Era dele que se esperava a condução ao novo mundo, onde não haveria classes e o homem teria sua realização.

Luiz Carlos Prestes nasceu no Rio Grande do Sul, em 13 de janeiro de 1898. Sua avó, Luísa de Freitas Travassos, considerava-se de sangue nobre pelo fato de seu avô ter sido guarda-roupa do imperador, renegando a antecendência negra e indígena. Seu avô, Antônio Pereira Prestes, apesar da profissão de juiz e de ser muito considerado na cidade de Porto Alegre, sua origem deixava a esposa envergonhada, pois era filho de um calafate profissional. Dona Luiza esperava que o marido se juntasse à corte e fosse agraciado com um título nobre que honrasse o sangue de sua família. Mas Dr. Prestes herdara a independência de caráter do pai, se tornara muito popular, desprezava a Corte e costumava narrar aos filhos suas origens. Toda sua esperança concentrava-se nos filhos, principalmente o mais velho, Antônio. Este decidira alistar-se no exército, causando outro grande desgosto a sua mãe, que poderia aceitar se fosse na marinha, que recrutava fidalgos e tinha entrada livre na Corte.

Também em Porto Alegre, outra jovem se rebelava à vontade dos pais. Maria Leocádia Felizardo era filha de Dona Ermelinda Augusta de Almeida Felizardo, que vinha de uma família patriarcal cujo pai era comerciante de dinheiro, e o comerciante Joaquim José Felizardo; ambos não aceitavam a disposição da filha para seguir a carreira de professora, se tinha uma família abastada. A moça se interessava por política, discutia sobre revolução e não se preocupava em se casar bem.

Leocádia e Antônio conheceram-se, casaram-se e da união do jovem casal obstinado nasceu Luiz Carlos Prestes. A história deste comunista é assim apresentada por Jorge Amado em *O Cavaleiro da Esperança*, publicado em 1942, primeiro em espanhol, depois português, e ainda foi traduzido em albanês, alemão (República

Democrática Alemã Viena-Áustria), árabe, búlgaro, chinês, francês, grego, hebreu, holandês, húngaro, japonês, italiano, mongol, persa, polonês, romeno, russo, eslovaco e tcheco. A biografia servia à campanha pela anistia dos presos políticos em pleno Estado Novo. A genealogia de Prestes apresentada por Amado (1942) revela sua preferência pela vida do trabalho ao invés da nobreza, esta tão valorizada pela avó paterna. Quando seu pai morreu, viu sua mãe assumir a profissão de professora e teve que escolher o curso que seguiria, optando pela que estava ao seu alcance, a mesma profissão do pai, na Escola Militar. Primeiro na Praia Vermelha, depois em Realengo, o jovem Prestes se destacava nos estudos e na liderança, de onde saiu tenente de engenharia em 1920. Em 29 de outubro de 1924, iniciou a Coluna Prestes atravessando os sertões brasileiros provocada pela insatisfação com a República Velha e o governo de Arthur Bernardes.

Esses homens que se haviam levantado no Rio de Janeiro em 22, em São Paulo e no Rio Grande em 24, só mesmo agora, atravessando o Brasil por dentro, tomavam contato com a realidade do país e viam quão era mais extensa e profunda e dolorosa a miséria, a infinita miséria do povo (AMADO, 1987, p. 102).

A Coluna também estava nas memórias dos ferroviários de Cruzeiro; por ter visto sua passagem ou pelas histórias contadas por Zé de Barros, o tenente se tornava mito. “O companheiro é novo, não perde por aprender dos mais velhos. Desde o tempo em que Luís andava com a Coluna, já o próprio estava de olho aberto” (PAIM, 1955, p.160). Prestes estava sempre nas histórias grandiosas e nos maiores ensinamentos, como quando se referia à “voz de comando de Luís” (PAIM, 1955, p.149); os feitos pareciam poesia aos ouvidos dos companheiros.

Esquentava o sangue ouvir o Zé de Barros falar do Cavaleiro, suas façanhas precisam estar ali na sala só à lembrança de seu nome. “Luiz, o Cavaleiro, dividiu o tempo. A façanha da Coluna serve de reparo na vida duma criatura. O próprio que dê exemplo. Casei antes do Luiz andar, minha Odete nasceu quando ele derrotou a Força no sertão de Pernambuco. Façanha do Cavaleiro vai ser na hora próxima.” Castorino buscou Eugênio, o lápis repousava na mesa e seus olhos coriscavam. Também estava com o coração batendo, a figura do Cavaleiro dentro do pensamento (PAIM, 1955, p. 312).

Atravessaram o Brasil, chegaram à Bolívia, três anos de desbravamento, o cansaço, as doenças, a falta de higiene, mas tentando manter a esperança, fazer com que o espírito revolucionário chegasse aos interiores, aos povos que não habitavam os

grandes centros. E quando os últimos soldados voltaram às suas terras, Prestes também voltou. Desse momento em diante entrou em contato com a literatura marxista, mudou-se para Rússia para estudar e trabalhar como engenheiro. Entrou em contato com a literatura marxista e com o PCUS, chegando a participar do seu sétimo congresso e ser eleito para o Comitê Executivo da Internacional ao lado de Stálin, Mao Tsé-tung e outros nomes importantes para o comunismo internacional. Ainda da União Soviética, foi proclamado presidente de honra da ANL e renovava a esperança de vencer o poder ditatorial que se estabeleceu no país. Lá conheceu Olga Benário, militante comunista, com quem se casou.

Regressou ao Brasil transformado no mito do Cavaleiro da Esperança, foi encarregado de preparar a revolta armada contra o governo de Vargas que havia tomado o poder com a chamada Revolução de 30, quando teve fim o período da República Velha. Políticos, intelectuais e militares contrários ao apoio que o governo dava ao fascismo, em alta na Europa, criaram a ANL – Aliança Nacional Libertadora que, tendo a adesão de Prestes, ganhou grande proporção de popularidade e opôs-se ao integralismo, movimento simpático ao fascismo (PRESTES, 2008).

Prestes chegou ao Brasil em abril de 1935 com identidade de Antônio Vilar, cidadão português que tinha como esposa Maria Bergner Vilar. Na realidade, sua mulher chamava-se Olga Benário, era alemã, pertencia ao Partido Comunista Alemão e vivia em Moscou. Durante a viagem para o Brasil tornaram-se marido e mulher (ABREU e CARNEIRO).

Em 1936, Prestes é preso em casa com Olga Benário, grávida. Ela foi deportada para a Alemanha e morreu num campo de concentração nazista. A filha, que nasceu na prisão, Anita Leocádia, foi resgatada pela avó após uma campanha internacional.

Os investigadores vão de casa em casa, assustando as famílias, varejando os lares, até que entram na casa onde Luiz Carlos e Olga falam do filho por nascer. O tira aponta a metralhadora contra o peito de Prestes, mas encontra o peito de Olga na defesa da vida do marido. Não puderam matá-lo, já que não houvera resistência à prisão. É necessário matá-lo, agora, na viagem para a polícia. E tentam separar marido e mulher, levá-los em carros diferentes. (...) Logo depois tentam separá-los brutalmente, à força. E nem assim conseguem, amiga, maior que tudo é a força do amor. Não houve força capaz de arrancá-la do lado do seu marido. Os investigadores se desesperam. Assim não poderão cumprir as ordens terminantes do chefe. Assim não poderão assassinar Luiz Carlos Prestes sem testemunhas. (AMADO, 1987, 311)

Esse momento da vida de Prestes é recuperado no romance *A hora próxima*, quando a greve dos ferroviários está para terminar. Em Cruzeiro, decidem aguardar o trem pagador chegar para desfazer o acampamento. Enquanto esperam a máquina alegre, pediram que Zé de Barros lhes contasse uma de suas histórias para alegrar a espera. Zé de Barros pensava na escolha. “Que história lhes havia de contar? Precisava escolher, sim; uma bela história em que cada um deles se encontrasse, onde houve esperança, felicidade e hora próxima” (PAIM, 1955, p. 363).

A história de d. Leocádia, a avó da pequena Anita, a percorrer o mundo em defesa do filho prisioneiro e condenado, levantando os povos da terra para arrancar seu filho da cadeia, abalaria seu coração. E depois, d. Leocádia lutando pela nora e pela neta, recebendo nos braços a criança que nascera e engatinhara na cela de uma prisão e trazia nos joelhos os calos feitos pelas pedras (PAIM, 1955, p. 363).

O mesmo relato ficcional, feito por Zé de Barros, está presente na biografia romanceada de Jorge Amado (1974).

Anita aprende a engatinhar no chão de cimento duro e áspero. Suas mãos inocentes conheceram os calos antes que as mãos de qualquer outro ser humano. Mãozinhas grossas e inchadas daquele roçar contínuo no cimento úmido. Assim era, amiga, a vida de mãe e filha na prisão nazi na Alemanha. Nesse tempo já Leocádia, a avó, revolvía céus e terras procurando reaver a neta, desenvolvia a sua extraordinária campanha na Europa pela conquista deste ser inocente. Mas a Gestapo de nada disso informava a Olga para que essa mulher não pudesse ter uma alegria por menor que fosse no meio dos seus sofrimentos (AMADO, 1987, p. 324).

A história a ser contada precisava ser de esperança, na qual os grevistas vissem a chegada da hora próxima e tivessem nela um herói que representaria todos os heróis que seriam os operários. E optou por uma lenda de amor e luta que ficaram registradas na literatura ficcional e documental da história do Brasil – a história de Olga e Prestes.

Procurou guiar o pensamento para noutro rumo mas voltavam sempre d. Leocádia, Anita e o Cavaleiro. Veio-lhe à mente um rosto de mulher, sereno, de olhos muito abertos. Também pusera este retrato na parede ao lado da menina, para completar a família. Havia amor na vida do Cavaleiro. Não fora na luta que a conhecera? Não era prova de amor alguém se jogar na frente de um revólver para salvar outra pessoa? E Olga, destemida, cobrira-o com seu corpo, cobrira-o com sua vida, na hora da prisão quando a polícia tinha ordem de matá-lo (PAIM, 1955, p. 363-364).

Aparece, então um herói individual, que se distancia dos heróis diluídos na coletividade. Esse herói, quase épico, sobressai em suas ações que são consideradas grandiosas, que são exemplares mais não podem ser repetidas pelos homens e

mulheres comuns que estão fazendo a greve dia-a-dia. É um heroísmo que se afasta do realismo e se aproxima do romantismo, com a defesa da pátria e a promessa de uma vida melhor. É também, quem assina o Manifesto de Agosto, documento elaborado pelo Partido para conclamar a população à revolta armada contra o governo constituído, cujas argumentações são ratificadas por situações revoltantes descritas amiúde. Ocorre na cena em que o aluno deixa de ir à escola por falta de sapatos (p.108); a esperança de promoção profissional da professora Clotilde (p.307); a reforma agrária; e o corte de alimentos pelo coronel. Uma luta intensa que fora combatida

Animados pelo Manifesto, a literatura traz à luz a história de um líder que inspirava os novos combatentes a se decidirem pela militância. Assim acontecia com o filho do ferroviário Benjamim, Benedito, que cumpria tarefas do Partido, mas ainda não era membro de fato. O pai esperava orgulhoso por esse dia:

Quando Benedito tomaria a decisão de entrar no Partido? Pouco faltava para isso: participava das greves, andava alerta, de olho nos “tiras” que rondavam o Depósito, anotando as pessoas que entravam em sua casa. Arriscara-se para colocar em segurança o dirigente que chegara na última greve. Com Elisa, tudo fizera para reter a polícia na cozinha, enquanto o companheiro escapava pelo barranco, margeando a estrada até a próxima estação. Por que Benedito não se resolvia de uma vez? (PAIM, 1955, p. 66-7).

A adesão ao Partido já havia acontecido com Castorino, de Cruzeiro, para quem a greve era a oportunidade de crescer na militância, era o mais jovem militante na célula; segundo os companheiros Sílvio e Zé de Barros, “Castorino haveria de sair mais combativo e enraizado na luta” (PAIM, 1955, p. 304).

Telésforo, presente em todas as reuniões desde a organização da greve até o seu desfecho, esteve sempre presente nas decisões, nos piquetes e na articulação com os entroncamentos, decidiu pela filiação, certo de que fora a noite mais decisiva de sua vida, que nenhum acontecimento superaria. Todos ficaram na expectativa da decisão de Clotilde, a professora que se identificou com o movimento e percorreu os trilhos da luta junto com os ferroviários e os comunistas.

As adesões aconteciam com a experiência das lutas trabalhistas e político-partidárias e foram colocadas no enredo para efetivar os planos do Partido em crescer tanto no número de filiados quanto na qualidade da militância. Os idosos passam suas lições às crianças através das histórias de heroísmo dos companheiros; os jovens são levados às audiências de negociação, que requerem inteligência e perspicácia, e aos

embates com a polícia que demandam coragem e ousadia. Eis o planejamento de formação política do Partido Comunista do Brasil.

4.4.4. Divinópolis e Barra Mansa

O romance segue os trilhos da Estrada e a estação de Divinópolis é a próxima parada. A cidade, que teve seu desenvolvimento atrelado à transferência das oficinas situadas em Cruzeiro, era decisiva para o sucesso da greve. Os funcionários da RMV tiveram que mudar a moradia e começar de novo com todas as dificuldades que tiveram na cidade de origem. Zé de Barros contava que “a mudança da oficina para Divinópolis foi a morte dum chefe de família, desmantelou tudo, fez os operários mais pobres venderem o que tinham e tocar para longe se não queriam abandonar a Estrada” (PAIM, 1955, p. 110). A RMV contava, então, com mais de mil funcionários que pararam a manobreira com o aceno da bandeira vermelha na mão de uma mulher. O tenente grita “o trem sai”, e o grupo coeso responde: “o trem não sai” (PAIM, 1955, p. 180-181). O impasse é vencido por Lucrécia, Conceição e Luísa, e as outras mulheres param a fúria do tenente que ordena que seus soldados atirem contra mulheres, homens e crianças até presenciarem a ação inesperada:

Àquela voz áspera, pesada de ódio, teve um resultado impressionante. Baixaram-se os braços armados, como se à explosão daquele grito alguma força adormecida tivesse despertado no sangue dos soldados colocando-os de repente, no mesmo plano das mulheres. Com isto, os acontecimentos despenharam-se. Em questão de segundos, a equipe da locomotiva saltou sobre o barranco, as mulheres apossaram-se da máquina e a mão enérgica manteve esticada a corda do apito (PAIM, 1955, p. 181).

A solidariedade dos soldados para com o grupo de grevistas é o ponto principal do ideário comunista a que o romance de Paim faz alusão, retomando a Revolução Russa: que todos os trabalhadores se unam, se reconheçam como iguais no mesmo processo de exploração e desenvolvam, assim, a consciência de classe.

Mesmo o massacre sendo evitado, houve prisões em Divinópolis; Orlando, Gomes e Milton foram presos, justamente o comando do Partido que auxiliava na greve. Milton fora a Divinópolis levado pela irmã, Nina, já veterana na militância. Nina e Milton representam os quadros do Partido que preparam aspirantes e dão sustentação às mobilizações; foram lá para isso. A autora preocupou-se em forjá-los na clandestinidade, outra preocupação frequente do Partido, já que durante sua

existência, esteve mais tempo na ilegalidade; considerando o tempo da narrativa, o último fora decretado em 1947, quando desfrutava de popularidade e ocupava cargos eletivos.

Milton experimentava, sem muito traquejo, a vida clandestina e muitas vezes não sabia como se comportar. Ao presenciar a batalha em Divinópolis, bem no momento em que pararam o trem de São João, compreendeu o ritmo da vida que escolhera. Nina, cujas características são a confiança e a temperança, lembram a autora nos anos de militância, quando também vivera na clandestinidade. A semelhança dos nomes também chama a atenção para a aproximação entre a criadora e a sua personagem, ambas enviadas ao campo de batalha para cumprir a missão do Partido.

Os personagens apresentados em Divinópolis mostram um amadurecimento na greve e na militância partidária enquanto seus articuladores encontram os opositores bem preparados, o que exige outro modo de ação-reação.

A última cidade a entrar na greve é Barra Mansa, município do Rio de Janeiro. Com sua adesão, esperava-se um golpe fatal na Rede Mineira de Viação por causa das ligações que estabelecia com outros lugares. Barra Mansa fechava as comunicações com o porto de Angra dos Reis e todo o minério de ferro para Volta Redonda, a produção de café de Minas e parte da de São Paulo ficariam retidos. Argumento forte para obrigar a Administração a dobrar-se às exigências dos grevistas (PAIM, 1955).

Em Barra Mansa, os funcionários estavam demorando a aderir à greve. Numa visita de Clóvis Ferreira, militante do Partido responsável por aquela região, reuniu-se com os homens; mas foi voltando o olhar para as mulheres, que ele conseguiu engrossar o movimento; estas convencem seus companheiros a completar a adesão à greve.

– No terceiro dia, virei as vistas para as mulheres. Elas saíam de junto de mim para trabalhar nos ouvidos dos maridos; tanto falaram que a greve saiu. Na manhã da tomada da Estação estavam o dois, ferroviário e sua mulher. Foi uma coisa bonita a parada da locomotiva. Maria Tereza ia na frente das companheiras (PAIM, 1955, p. 357).

Já havia chegado a notícia da negociação com a Comissão de Soledade e, segundo o combinado, o trem pagador já teria saído de Belo Horizonte. Quando Clóvis chega a Cruzeiro, narra sua façanha em Barra Mansa, dificultada pela desconfiança dos ferroviários e pela pressão policial que vigiava os operários todo o tempo. O caminho foi apelar para as mulheres.

Toda a Estrada parou, virou um só acampamento, como sonhara Jandira. As mulheres nos trilhos da Rede Mineira de Viação pararam as máquinas e enfrentaram os batalhões para defender a vida de seus filhos. Foi para que eles não morressem de fome que as mulheres se arriscaram nos acampamentos, deixaram aos cuidados de outras mulheres e pegaram a estrada para que o movimento fosse vitorioso.

Tendo chegado ao último ponto dessa batalha, retornaremos ao primeiro, a greve começa e termina em Cruzeiro. Veremos o desfecho das paralisações e algumas reações que os trabalhadores e suas famílias tiveram que enfrentar.

4.5 Desfecho e recomeço: em busca da hora próxima

Desde que os trabalhadores começaram a se organizar e construir as primeiras mobilizações, na segunda metade do século XIX, no Brasil, que o desfecho é semelhante: conquistam-se alguns pontos de pauta e adiam-se outros, na esperança da próxima vez. O romance se encerra com o sentimento de esperança e a certeza de continuidade e, portanto, é urgente avaliar a greve e reorganizar o movimento. São objetivos: inspirar-se na União 1º de Maio, fundada em 1917, tornar a Estrada um bloco único no qual todos se dediquem à mesma causa, tenham acesso às informações políticas, conheçam os detalhes que fazem a diferença na disputa com o poder econômico e político.

Iniciada em Cruzeiro com a tomada da locomotiva 437, espera-se a locomotiva 107, o trem-pagador, para desmontar o acampamento. Durante a espera, avaliaram cada falha nos dias de greve e ficaram com a convicção de novas manifestações e, para isso, precisavam estar preparados:

Faltou à Estrada uma direção única para a greve, faltou uma União Ferroviária, que falasse por todos os entroncamentos, sustentando com firmeza a tabela de nossas reivindicações. De nossa greve tem de sair essa organização, para da próxima vez a vitória ser completa (PAIM, 1955, p. 354).

Em Cruzeiro, os grevistas tiveram que enfrentar as mais variadas formas de retaliação: a Rádio Mantiqueira que, de início, apoiou e divulgou a greve, acompanhando diariamente os acontecimentos, foi ameaçada pela administração da RMV. Nascimento, responsável pela rádio, recebeu a visita do delegado, que o elogiou, e relata, constrangido, a Sílvia o ocorrido:

Era de lamentar que eu, uma figura tão representativa, me tivesse deixado envolver pelos comunistas e estivesse fazendo o jogo deles. Não queria que uma atitude menos refletida trouxesse embaraços e prejuízos a um amigo. Depois de todo esse nariz de cera, soltou o essencial – era preciso cortar os noticiários sobre a greve (PAIM, 1955, p. 292).

Os jornais do Partido faziam circular as notícias da greve e mantinham os operários informados sobre os acontecimentos nacionais e mundiais. Na verdade, a imprensa era o maior artifício do Partido Comunista do Brasil, como já fora tratado com Rubim, Morais e Behar, retomada no romance, informando como era mantida e se tornara alvo constante da polícia:

– A Rádio Mantiqueira soltou uma edição especial com as notícias da greve. Nesse momento, a greve já chegou em muitas casas de ferroviários, ao longo da Estrada. Não vamos ficar isolados, a cidade de Cruzeiro tem outras irmãs, a família da greve está crescendo (PAIM, 1955, p. 53).

O Jornal do Povo e *A Classe Operária* eram alguns dos periódicos de Partido que atualizavam, por todo o país, as mobilizações do operariado.

Outro obstáculo estava na Cooperativa, parte da empresa responsável pela venda de alimentos que, a princípio, era organizada pelos funcionários; quando a RMV passou a administrar, tanto encareceu os produtos quanto podiam parar de fornecer quando quisesse. Essa situação era a mais desesperadora para as mães que viam os filhos com fome, porque a Cooperativa negava o alimento por falta de pagamento, como ocorrera em Itajubá. Clóvis assistira a uma criança morrer de fome no acampamento. Doenças eram constantes pela desnutrição de crianças e adultos, muitas injustiças permeiam a história e conferem a verossimilhança da obra.

As abordagens no romance que encontram respaldo nos registros históricos apontam para a firme relação entre História e Literatura. Um novo olhar redimensiona essa relação considerando o imaginário como representação que sustenta a interface e que se coloca no lugar da realidade sem com ela se confundir (PESAVENTO, 2006). A literatura utiliza a história como referência e tem a liberdade de se arriscar no que ainda não foi experimentado, não tendo a obrigação de representar o que se considera verdade, no entanto, o resultado é verossímil, está no plano do “poderia ser”. A construção de Alina Paim em *A hora próxima* tem como referente um fato histórico na qual a autora tem o privilégio de dar a sua versão e aí se diferencia do historiador, que tem o compromisso com os documentos e dados pesquisados, o que não sobrepõe um campo do conhecimento ao outro.

Todos os fatos recorrem, diretamente, a relatos históricos e é fruto da pesquisa realizada pela autora que utilizou a narrativa histórica como fonte para compor a narrativa ficcional.

Outro personagem que salta das memórias dos ferroviários para a ficção é o engenheiro de Divinópolis, que ficou conhecido como Dr. Cadeado. Este representa os muitos obstáculos a serem transpostos no cotidiano dos trabalhadores, como lidar com os adversários, declarados ou não. Todos apelando pelo restabelecimento da ordem, cobram paciência dos manifestantes, como fizeram o delegado João Olímpio e Manuel Barulho, em Cruzeiro; a Polícia infiltrada nas assembleias, os operários que tentaram furar a greve, são problemas comuns aos movimentos de trabalhadores.

O romance não esquece o outro inimigo, apontado da teoria ao romance, que é o imperialismo americano. Na análise de conjuntura feita por Eugênio, membro da direção do Partido, quando esteve em Cruzeiro, menciona os pontos que estão interligados na estrutura do capital, mostrando que viviam rodeados de terras despovoadas e improdutivas, nas mãos de poucos coronéis, viviam também em estado de miséria, e a ferrovia estava em péssimas condições, enquanto o percurso que atravessava as jazidas de minérios era conservado e em constante reposição. Ao ouvir a reflexão de Eugênio, Castorino pensou na Reforma agrária e no domínio do transporte de minérios para o estrangeiro e perguntou-se: “por que o governo consentia *nisso*. Não via a manobra? ” (PAIM, 1955, p. 317). Fez a ligação do minério no uso dos Estados Unidos e na rendição do governo brasileiro ao estado norte-americano e percebeu como os interesses se encaixam e repercutem na vida dos trabalhadores. Portanto, a mensagem que se faz presente no romance de Alina Paim é sempre a de que o operário tem a força:

– É como eu estava dizendo. Hoje a gente faz greve e apanha os atrasados e algum aumento. Um dia a gente faz a revolução e toma logo tudo. Sem operário teria tudo isso: estrada, dormente, trilho, casa de estação, locomotiva? Não tinha coisa nenhuma, era mata selvagem. Civilização só chega onde operário pisa. Se operário faz tudo, ele é dono de tudo (PAIM, 1955, p. 123).

A obra cumpre sua tarefa de pregar o socialismo pela revolução proletária, através da construção coletiva do Partido. A narrativa aponta os percalços, direciona estratégias, desvenda códigos, indica as armadilhas e alerta as lideranças. Enfim, sua finalidade é instrumental: preparar a classe subjugada para os embates diários e para

as batalhas maiores que o mundo capitalista demanda. A narrativa, enquanto desvela os momentos mais sofridos da vida do trabalho, alerta para a negação de direitos.

Enquanto a epopeia se firmava nos grandes feitos para engrandecer os heróis como situa Lukács (2000), o romance recupera essa tradição dando ênfase às virtudes nos vários tipos de personagens que, individualmente, representam um tipo social. A jornada traçada pela romancista leva os heróis ao campo de batalha, mas não lhes garante a vitória atrelando a totalidade da trama a decisões pessoais que incidem sobre a coletividade.

O resgate memorialístico registrado no romance *A hora próxima* ultrapassa os limites da teoria literária para dar visibilidade a fatos relegados pela história brasileira. A função atribuída à literatura, naquele momento, é o liame vivo das gerações que reconstrói as histórias, rejuvenesce os “velhos” e anima os jovens. O trabalho de Alina Paim extrapola a missão partidária e cumpre sua função artística de legar às futuras gerações sua própria história.

A obra exerce uma função social que é histórica e política, importante para a classe trabalhadora que reúne diversos tipos, explorados de diversas formas e que se encontram na ficção para serem ouvidos. Enquanto pretensão de mostrar o protagonismo de homens e mulheres do povo nas lutas sociais tornando-os centro da narrativa e sobrestimando suas ações, os autores que se entregaram a este trabalho literário, abdicaram da função estética que dá lugar à intenção do autor que é militante, engajado, e deixa transparecer sua ideologia na obra criada para promover a revolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As locomotivas que transportaram riqueza e sofrimento não percorrem mais os mesmos trilhos. O símbolo do progresso nos sertões brasileiros do final do século XIX e primeira metade do século XX agilizou o transporte e a comunicação no interior do país. Muitas povoações se desenvolveram a partir da construção de ferrovias e se tornaram cidades importantes para o tráfego, como as cidades que servem de cenário em *A hora próxima*. Da ferrovia que ligava Cruzeiro (SP) até Belo Horizonte (MG), pela Rede Mineira de Viação, restam apenas fragmentos de trilhos, deteriorados pela ação do tempo e pela falta de uso e manutenção, não sendo mais possível percorrer o mesmo caminho por onde se estendeu o movimento paredista no sudeste brasileiro em 1949.

Da greve dos ferroviários ficaram os registros históricos, as matérias jornalísticas e um romance que hoje nos serve de memorial e cumpre seu papel pedagógico que não é o mesmo da época em que fora produzido; porém, permite aos pesquisadores da atualidade entrar em contato com uma obra carregada de ideologia e de esperança.

A ansiedade que domina o início do romance paimiano na cidade de Cruzeiro (SP) é a mesma com que se espera o trem-pagador no final da história. Uma situação indefinida e que aproxima ainda mais a ficção da realidade e reitera a expectativa da hora próxima tão pregada por Zé de Barros. Já o ponto inicial deste trabalho não se assemelha ao seu ponto de chegada; foram muitos caminhos percorridos, direções variadas, a busca por um rumo diferente, mas, principalmente, o encontro com uma nova perspectiva de análise literária, em que a História foi uma forte aliada, dando à Literatura um modo de investigação mais cuidadoso.

As histórias que compõem a narrativa de Alina Paim exigiram um estudo pormenorizado, considerando seu caráter multifacetado, que entrelaça política, história, sociologia e economia. Foi a partir da contextualização histórica em que se deu obra que se percebeu como se cumpriu a responsabilidade a ela atribuída. Sendo a autora militante do Partido Comunista do Brasil e o romance um instrumento de divulgação dos ideais desse mesmo partido, a obra ficou marcada pelos seus componentes externos como literatura engajada ou simplesmente panfletária.

A obra apresenta caráter panfletário, construída com finalidade clara e objetiva, patrocinada e divulgada pelo Partido e modelada por uma estética injuntiva. Reconhecer estas características não reduz a obra às circunstâncias que a geraram. Embora se perceba nos estudiosos uma certa resistência a esse romance, é preciso considerá-lo em seus elementos narrativos e na função social que exerceu, trazendo o olhar do público para o operariado, chamando a atenção, principalmente, para a miséria em que viviam as pessoas que trabalham.

Alina Paim escolhera a mulher como protagonista de suas obras. Pela análise aqui realizada, percebeu-se que, em *A hora próxima*, a autora não privilegia uma mulher, mas muitas mulheres, com nomes, rostos, alegrias e tristezas que se dissolvem na coletividade e no sofrimento que é comum a todas. As mulheres dos ferroviários aparecem juntas congregando todas as funções que qualquer pessoa pode exercer: a mãe que defende a vida do filho; a professora que fecha a sala de aula para contribuir com o movimento; a militante que aceita a clandestinidade; a cozinheira que garante as refeições no acampamento; a jovem, a idosa, a menina, todas, indiscriminadamente, aliadas ao mesmo objetivo, formaram uma barreira que nem trem nem autoridade pode transpor.

Da pesquisa histórica apreendeu-se também o trabalho com as memórias que expõem as experiências dos mais velhos na esperança de despertar nas crianças e nos jovens o espírito engajado nas lutas sociais. As reminiscências de Zé de Barros e Tião são aulas de história em meio à narrativa e terminam por proporcionar um encontro da ficção com fatos políticos em que o herói era o povo.

Justamente pelo fato de colocar o povo no centro da narrativa, o romance proletário encontrou respaldo na crítica literária não pelos preceitos do Realismo Socialista que foram seguidos pela autora, mas pela abordagem que traz à discussão. Se Alina Paim partidarizou sua literatura, encontrou no amigo Jorge Amado a afinidade na política e na literatura. Tendo também partidarizado boa parte de sua produção e sendo responsável pelas publicações do Partido, distinguia-se do companheiro Graciliano Ramos, que não se deixou seduzir pelo método de Zhdanov. Os dois escritores de carreiras consolidadas foram muito importantes neste trabalho porque, através de biografias e de críticas literárias a respeito deles, é que muitas informações sobre Alina Paim foram encontradas, dada a carência de informações precisas sobre ela.

Embora as fontes não sejam muitas, percebeu-se uma produção considerável de estudos acadêmicos a respeito de Alina Paim, de sua obra e de sua vida política, inclusive trabalhos sobre o romance *A hora próxima*, o que contribuiu para a realização desta dissertação. A obra paimiana passa por um processo de resgate que teve, no último ano, a reedição de *Simão Dias* em sua terra natal, Sergipe.

Seu nome e sua obra também estão marcados nos jornais do Partido Comunista, como exemplo de enfrentamento ao poder constituído. Alguns jornais notificam sua viagem ao local onde ocorreu a greve dos ferroviários e trazem que Alina fora ameaçada de prisão pela pesquisa que realizava, considerada pelas autoridades como subversiva. A autora colhia informações para compor *A hora próxima* diretamente com os sujeitos da ação.

O que Alina Paim conseguiu fazer com o romance de encomenda vai além do propósito meramente panfletário que o Partido exigia. À autora cabe o reconhecimento da intelectual engajada, comprometida com o trabalho literário e com as obrigações que assumiu no Partido, em contraposição ao intelectual Torre de marfim, que elabora suas teorias ignorando a realidade de que trata. A narrativa denuncia um Estado repressor, uma situação de miséria e exploração, o descaso por parte dos patrões, os acidentes de trabalho, além da decadência da classe trabalhadora que se reinventa para não sucumbir de vez.

A hora próxima, de Alina Paim, endossa a função social da literatura que leva ao leitor um documento histórico, um livro de memórias, em suma, uma oportunidade de compartilhar com o povo suas alegrias e tristezas, mas, acima de tudo, sua capacidade de se reerguer.

REFERÊNCIAS

Livros

PAIM, A. **O sol do meio-dia**. Rio de Janeiro: ABL, 1961.

PAIM, Alina. **A estrada da liberdade**. Rio de Janeiro: Leitura, 1944.

PAIM, Alina. **A hora próxima**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

PAIM, Alina. **A Sétima Vez**. Fundesc – Fundação Estadual de Cultura, 1994.

PAIM, Alina. **Simão Dias**. 3ª ed. – Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE, 2015.

Jornais

A HORA próxima. **O Momento**. Salvador, p. 4, 05 jun 1955.

ALINA Paim fala sobre “A hora próxima”. **O Momento**, Salvador, p. 4-6, 05 jun 1955.

AMADO, J. Solidariedade a Alina Paim. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, p.2, 18 abr 1951.

BORGES, A. ESPARTACO. **O Momento**. Salvador. 9 jan 1955.

CASTRO, W. O caso Alina Paim. **O Momento**, Salvador, p. 3, 15 de abril de 1951.

CATUNDA, E. Definição de arte. **O Momento**, Salvador, 28 abr, 1955.

DECRETADA a prisão preventiva de Alina Paim – Atentado estúpido à liberdade de pensamento e criação artística. **O Momento**, Salvador, p. 01, 03 abr 1951.

DURILIAN, S. Máximo Gorki - Um escritor de estatura universal. **O Momento**, Salvador, p.9, 06 jun 1945.

ESPARTACO. **O Momento**. Salvador, p.2, 05 mai 1955.

GONÇALVES, F. **Voz Operária**, Rio de Janeiro, p.11, 21 dez 1950.

GUEDES, F. O novo romance de Alina Paim (I). **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, p.4, 18 ago 1955.

GUEDES, F. O novo romance de Alina Paim. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, p.5, 21 ago 1955.

GUERRA, M.J.C. Era a greve. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, p.19, 04 jun 1955.

III CONGRESSO Brasileiro de Escritores. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, p.4, 02 mai 1950.

JURANDIR, D. As lições de Stalin aos escritores e artistas. **A Voz Operária**, Rio de Janeiro, p.11, 21 dez 1950.

JURANDIR, D. Sobre A Hora Próxima. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, p.4, 13 nov 1955.

LÚCIA, A. O romance de uma romancista. **O Momento Feminino**, Rio de Janeiro, , nº 110, p.6, 1955.

MULHERES voltam a deitar nos trilhos. **O Momento**, Salvador, p.6, 27 set 1949.

MÜLLER, G. Hermogênio da Silva Fernandes. **Classificação do Vale Cruzeiro**, São Paulo, nº180, 16 nov 2007. Disponível em <<http://www.midiaindependente.org>>. Acesso em 22/07/2016.

NOSSA SOLIDARIEDADE a Alina Paim. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, p. 8, abr 1951.

O II CONGRESSO dos Escritores Soviéticos... **O Momento**, Salvador, p.5, 19 jun 1946.

ORDEM de prisão contra Alina Paim. **A Voz Operária**, Rio de Janeiro, 1º abr 1951, p. 2.

PAIM. O comunismo é como o vento. **Voz operária**, Rio de Janeiro, p.12, 16 out 1950.

PEREIRA, A. O novo romance de Alina Paim. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, p.9-10, 17 jul 1955.

PRIETO, R. Vinte livros indispensáveis. **A nova democracia**, Rio de Janeiro, nº164, p.15, jan-fev 2016. <<http://www.anovademocracia.com.br>>. Acesso em 22/07/2016.

RAMOS, G. O último romance de Alina Paim. **O Momento**, Salvador, p.3, 15 abr 1951.

SAUDAÇÃO do II Congresso dos Escritores Soviéticos ao Comitê Central do PC da URSS. **O Momento**, Salvador, p.4, 05 jun 1955.

TODA SOLIDARIEDADE aos grevistas da Rede Mineira. **A Classe Operária**. Rio de Janeiro, p.3, 03 jun 1950.

ZHDANOV. As tarefas da Literatura Soviética. **Problemas**, São Paulo, nº 20, ago/set 1949. Disponível em

<<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/tarefas.htm>>. Acesso em 22/07/2016.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Úrsula R. G. **Docência e luta na literatura modernista: a educação feminina nos romances Simão Dias e Estrada da Liberdade**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2004.

ALMEIDA, Daniela B.S. **Trajetória heroica em “A correnteza”, de Alina Paim: uma leitura mítico-psicológica**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2010.

ALMEIDA, Wagner Berno de. **Jorge Amado: política e literatura**. São Paulo: Campus, 1979.

ALVES, Iracélli C. **A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.

AMADO, Jorge. **Cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes**. 34^a. ed. Rio de Janeiro, Record, 1987.

AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **PCB: Duas políticas culturais – 1945-1958**. Dissertação (Mestrado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43^a ed. São Paulo: Cutrix, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRETON, André; TROTSKY, Leon. **Por uma arte revolucionária e independente**. Trad. Carmem Sylvia Guedes, Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Paz e Terra; CEMAP, 1985.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, ANTONIO. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, ANTONIO. **Literatura e Sociedade**. 8^a ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARONE, Edgard. **O marxismo no Brasil (das origens a 1964)**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CRISTALDO, Janer. **Engenheiros de Almas – o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos**. Abr 2006. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/engenheirosdealmas.html>>

DUARTE, Constância L. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. Vol17, nº 49. São Paulo, 2003, p. 151-172.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades – Ensaios**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAST, Howard. **Espartaco**. Trad. Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

FREIRE; CARVALHO; NOGUEIRA. [Memória: Entrevista - Idealina Fernandes Goren](http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/memoria-entrevista-idealina-fernandes-goren). **Teoria e Debate**. São Paulo, nº 21, mai/jun/jul/1996. Disponível em <<http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/memoria-entrevista-idealina-fernandes-goren>> Último acesso em 18-03-2016.

GILFRANCISCO. **A romancista Alina Paim**. Aracaju: Edições GFS: 2008.

GORGOZINHO, B.M.S. **Pelos caminhos da Maria Fumaça: o trabalho ferroviário – formação e resistência pelo trabalho**. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Ed. Carlos Nelson Coutinho e Org. Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. vol. 6. Civilização Brasileira, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LÊNIN. Wladimir. **A organização do partido e a Literatura de partido**. Moscou, Nóvaia. 1905. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/11/13.htm>.

LUCA, Tania R. 1º Congresso de Escritores e o arquivo Astrojildo Pereira. **Cadernos CEDEM**. Ano 1. v. 1. 2008. p.101-103.

Disponível em <<http://www.cedem.unesp.br/cadernoscedem.pdf>> Acesso em 01/07/2011.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MAGALHÃES, Belmira. História e representação literária: um caminho percorrido. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Nº 06, 2002, p. 67-89.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária : prosa 1- 20**. ed. São Paulo : Cultrix, 2006.

MORAES, Dênis de. **O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MORAES, Dênis. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. 1ª Ed. ver. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: **POLÍTICA, nação e edição: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**, Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier (org.). Belo Horizonte: AnnaBlume, 2006.

OLIVEIRA, Ilka Maria de. **A literatura na revolução: Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim**. Dissertação (Mestrado – UNICAMP). Campinas, 1998.

PEREIRA, Astrojildo. **Construindo o PCB (1922-1924)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

PESAVENTO, Sandra J. História & Literatura: uma velha-nova história. **Revista Nuevo Mundo Nuevos Mundos**. Disponível em <https://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em 01/07/2016.

PRESTES, Anita L. **Luiz Carlos Prestes: e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RAMOS, Graciliano. Apresentação à primeira edição. In: Alina Paim. **Simão Dias**. 3ª ed. – Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE, 2015, p.29-30.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

SAMPAIO, Ninalcira L. **O arco da memória: literatura e história em “A sétima vez”, de Alina Paim**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Aline S. **O mito e o maravilhoso na literatura infantil de Alina Paim**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Fabiana **O imaginário da educação no romance Estrada da liberdade, de Alina Paim**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2011.

SANTOS, Luciana M. Dalcídio Jurandir e Alina Paim: diálogos entre literatura e militância e a perspectiva feminina. **Caderno de Pesquisa e Graduação em Letras**. UFPA, Belém: 2012.

SARTRE, Jean P. **O que é literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

SCHWANTES, Cíntia. *Como romancear a revolução ou A hora próxima, de Alina Paim*. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, nº 20 – Julho-Dezembro de 2012.

SILVA, J. W. S. **Literatura e Educação: descontraindo mitos no romance “Estrada da liberdade” de Alina Paim**.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

XAVIER, Elódia. **A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim**. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. nº. 33. Brasília, janeiro-junho de 2009. p. 71-80.